



# IFMundo

Diálogos sobre  
**Pedagogia**  
da **Simulação**  
e **cidadania global**



Este livro explicita reflexões sobre as experiências educacionais inovadoras produzidas durante os diálogos entre os docentes e discentes ao longo da realização do modelo de simulação IFMundo 2018. No IFMundo são realizados debates públicos sobre temas contemporâneos em comitês simulados da Organização das Nações Unidas (ONU). Suas temáticas promovem a transversalidade do ensino, o exercício da alteridade e a integração de saberes da formação técnica e cidadã, conforme preconizado nas Leis da Educação Integrada. Trata-se de uma ação de ensino do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) gestada em 2016 no Campus Almenara e que se tornou, em 2018, o primeiro projeto de ensino institucional intercampi, quando envolveu mais de 1.500 estudantes do Ensino Médio de todos os onze campi do IFNMG e de escolas convidadas da Rede Estadual de Ensino. O IFMundo foi reconhecido pela REDITEC 2018 como uma das experiências pedagógicas exitosas da Rede Federal de Ensino.



**IFMundo**





**Diálogos sobre pedagogia da  
simulação e cidadania global**

**Organizadores:**

Alfredo Costa

Alex Lara Martins

Leonardo Machado Palhares



**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

COSTA, Alfredo; MARTINS, Alex Lara; PALHARES, Leonardo Machado (Orgs.)

IFMundo: diálogos sobre pedagogia da simulação e cidadania global [recurso eletrônico] / Alfredo Costa; Alex Lara Martins; Leonardo Machado Palhares (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

213 p.

ISBN - 978-85-5696-709-1

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Educação; 2. Pedagogia; 3. Sociedade; 4. Cidadania; 5. Ensaios; I. Título.

---

CDD: 371

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores, métodos e disciplinas

371

# Sumário

**Memorabilia de introdução ao IFMundo ..... 11**

**Capítulo 01 ..... 21**

**O conflito palestino-israelense em debate: a experiência da simulação de uma intrincada questão geopolítica do nosso tempo**

Eduarda Míglio Freire	Leonardo Augusto de Souza Filho
Gabriela Geovana Alves Martins	Leonardo Luiz Silveira da Silva
Isabella Katriny Santos e Souza	Nicole Gabriele Souza Gomes dos Santos
Juliana Monteiro de Oliveira	

**Capítulo 02 ..... 31**

**Organização Mundial do Comércio: relato da experiência de simulação da Rodada de Doha 2015 no IFMundo 2018**

Alfredo Costa	Raquel Santos Leal
Sara Fernanda Guimarães Pereira	

**Capítulo 03 ..... 45**

**Meio ambiente, gestão de recursos hídricos e privatização da água: a experiência da simulação de comitês do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente no IFMundo 2018**

Alfredo Costa	Clara Machado De Alcântara
Karolaine Pinheiro De Oliveira	Antônio Clarette Santiago Tavares

**Capítulo 04 ..... 61**

**As experiências de aprendizagem nas interações do comitê do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**

Rosilene dos Anjos Sant’ana	Maria Fernanda Miranda
Clara Ramalho Queiroz	

**Capítulo 05..... 79**

**Desafios da alimentação no Século XXI: as discussões no comitê da Programa das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura em torno da produção agrícola e a crise alimentar**

Priscila Alves Lima	Gustavo Castro
Regina Mendes de Araújo	Nathany Leal

<b>Capítulo 06 .....</b>	<b>93</b>
<b>O debate sobre implantação de microchips em seres humanos no Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos: relato de uma experiência pedagógica</b>	
Adalvan Soares de Oliveira	Mario Silva de Almeida Júnior
Davi Otoni Saraiva	Thiago Bicalho Ferreira
<b>Capítulo 07.....</b>	<b>107</b>
<b>Mostra das Embaixadas: uma imersão cultural</b>	
Anna Cristina Alvares Ribeiro Machado	
Regina Mendes de Araújo	
<b>Capítulo 08 .....</b>	<b>123</b>
<b>Comitê de imprensa: notas sobre a experiência do jornal Ágora em Salinas</b>	
Victor Gutemberg Mendes Ferraz	
Leonardo Luiz Silveira da Silva	
<b>Capítulo 09 .....</b>	<b>133</b>
<b>A experiência dos estudantes em regime de alternância no IFMundo</b>	
Tânia Maria Mares Figueiredo	Felipe Marques de Matos
Railde Vieira dos Santos	Giselle Luana Andrade Rocha
<b>Capítulo 10 .....</b>	<b>143</b>
<b>O momento final do IFMundo: aprendizados sobre a dinâmica da assembléia geral de encerramento</b>	
Rafael Lara Martins	Leonardo Machado Palhares
Célio Medina Gonçalves	Sara Otoni Guedes de Oliveira
Alex Lara Martins	
<b>Capítulo 11.....</b>	<b>157</b>
<b>IFMundo – Um olhar sobre a pesquisa de opinião de 2018</b>	
Alfredo Costa	Alex Lara Martins
Luiz Célio Souza Rocha	
<b>Capítulo 12 .....</b>	<b>179</b>
<b>As experiências pedagógicas do IFNMG-Campus Araçuaí como escola visitante do IFMundo</b>	
Arthur Aguiar dos Santos	Lillian Gonçalves de Melo
Aureliane Aparecida de Araújo	Liz de Souza Pereira
Bruna das Graças Soares	Luca Ramos Dias
Fabrcia Vieira Afonso	Mariluce Pereira De Jesus
Gleysson de Paula Terra	Nivaldo de Oliveira Boaventura Filho
Iâmara Pereira dos Santos	



<b>Capítulo 13 .....</b>	<b>191</b>
<b>Modelo Intercolegial das Nações Unidas - MINIONU: há vinte anos mudando a vida de milhares de jovens brasileiros</b>	
Gabriel Fernandes Pimenta	Victor de Matos Nascimento
Joelton Carneiro de Lima	
<b>Capítulo 14 .....</b>	<b>209</b>
<b>IFMundo: Experiências da Pedagogia da Simulação no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais</b>	
Leonardo Machado Palhares	
Ricardo Magalhães Dias Cardozo	
<b>Sobre os organizadores .....</b>	<b>213</b>



## **Memorabilia de introdução ao IFMundo**

O que acontece atrás da misteriosa porta da sala dos professores motivaria um conto de Alan Poe ou Franz Kafka. Entre um café e um punhado de giz, os professores dizem o que não se ouve comumente nas salas de aula e nas ruas. Paira sobre eles a liberdade que só encontramos nos casais de certa idade, que traçam planos tão impossíveis quanto desejáveis. Foi atrás de uma dessas portas que eu encontrei o professor Leonardo Palhares a elucubrar um de seus planos para conquistar o mundo. Ele tentava convencer outro professor a se juntar à sua aventura. Não obteve sucesso. Eu era o próximo pretendente, mas o ouviria apenas por um café. Tudo foi dito num piscar de olhos e bastou o seu entusiasmo para me convencer.

Em 2016, nascia o projeto Jovens Embaixadores do Vale do Jequitinhonha. Em pouco tempo tínhamos que selecionar e habilitar dez alunos para participar do MINIONU, o maior evento de simulação de organizações para o ensino médio da América Latina. Este evento é organizado pelo curso de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), cujos objetivos são difundir os princípios de Direitos Humanos das Nações Unidas, buscar soluções para problemas globais, por meio de debates que promovam lideranças e cidadãos críticos, com visões ampliadas sobre a cultura e a política de outros países.

Porque nos faltasse tempo, o critério de seleção, digno de professores novatos que sequer traziam de cor os nomes de todos os alunos, foi obtido com a média das notas em ciências humanas. Por algum motivo, apenas um rapaz estava selecionado. A escolha dos comitês e dos países representados foi realizada em acirrado debate: reunidos em grupo, cada candidato teve a oportunidade de defender

as razões por que gostaria de representar determinado país em determinado comitê. Quando houvesse a mesma escolha, a decisão caberia ao grupo, após a contra-argumentação dos candidatos. A Comissão Sobre a Situação da Mulher (CSW), dedicado à promoção da igualdade de gênero e do empoderamento das mulheres, foi o comitê mais concorrido. O que me surpreendeu, durante a deliberação final sobre a representação, foi que as próprias mulheres, em maioria no grupo, decidiram de forma unânime, deixando os homens – que pouco tínhamos a ver, diretamente, com aquelas questões – numa situação de abstenção voluntária do voto. Eu que discordava, em teoria, da ideia de “lugar de fala”, vivenciava a justiça da autoridade feminina para tratar daquela questão.

Tirávamos dali dois ensinamentos. Em primeiro lugar, o potencial pedagógico das simulações de apropriação de posicionamentos éticos relevantes. Mesmo tendo a autoridade de escolher e votar pela melhor argumentação, o sentimento foi de que as habilidades e competências, que assegurariam a justiça da minha decisão, estavam dizimadas pelo respeito às vivências e a um ponto de vista quase inalcançável a um professor, formado pela academia, cujas questões nunca passaram perto da prática feminista sobre os direitos das mulheres. Que fique claro: não eram os homens que se abstinham da decisão em favor da representação feminina, mas as próprias mulheres que internalizavam o sentido de direito político igualitário e decidiam o seu próprio futuro. Em segundo lugar, experimentávamos certa horizontalização das relações de saber: estávamos reunidos numa sala de aula, onde tradicionalmente os professores detêm a autoridade e resolvem todas as questões por meio de quadro, giz, alguns slides, muita papelada e bastante falatório. Ficamos eu e o professor Leonardo em posição de ouvintes, sentados, aprendendo coisas sobre as quais nunca havíamos pensado. Não estou dizendo que não houve resistência: da minha parte, eu buscava retomar o lugar de professor na relação de poder anotando insistentemente as contradições discursivas, os gestos

equivocados e os confusos atos de fala. É que uma experiência pedagógica de vanguarda, sozinha, não faz verão.

No retorno de Belo Horizonte, após quatro dias exaustivos de debates e experimentações diplomáticas no MINIONU, a líder dos Jovens Embaixadores do Vale nos provocou a realizar evento semelhante no IFNMG-Almenara. Surpreso com a animação de todos, respondi-lhe que era possível, desde que os próprios alunos tomassem à frente na organização. Retornamos para casa numa van pouco confortável para os nossos corpos fatigados, mas as ideias para o *nosso* projeto manifestavam-se a todo o vapor. Pensamos em simular comitês que discutissem os direitos humanos e a formação cidadã nas perspectivas global e local: é claro que as questões de gênero se sobressaíam como pautas obrigatórias. Por isso, o 1º IFMundo contou com a simulação de seis agências da ONU, e discutiu a solução para temáticas como a erradicação da fome, a insegurança alimentar, a implementação de políticas socioeducacionais inovadoras, a gestão sustentável da água, o turismo e o patrimônio ambiental, a desigualdade de gênero no trabalho, e o comércio internacional de armas.

As vivências oriundas das práticas realizadas em 2016 permitiram que em 2017 a experiência fosse estendida à comunidade escolar de Almenara, com especial atenção às escolas deste município e do entorno. Juntaram-se à empreitada os professores Alfredo Costa, Regina Mendes e Rosilene Sant'ana. Nossa pretensão era alta: ampliar os pressupostos pedagógicos do projeto de ensino de simulação de comitês da ONU, integrando-o à extensão e à pesquisa, bem como estabelecer de maneira mais precisa os objetivos pedagógicos da mostra de embaixadas, onde grupos de estudantes atuam em estandes como embaixadores da cultura de seu país. Sabendo-se da indissociação entre os elementos do tripé que constitui o eixo dos Institutos Federais, promovemos ações na comunidade acadêmica acompanhadas por um projeto de pesquisa, que realizou os diagnósticos, avaliou as necessidades pedagógicas e subsidiou teoricamente as ações propostas. No ano

seguinte, a expertise desta pesquisa propiciou uma análise menos inferencial das implicações de um projeto de simulação. Alguns resultados desta pesquisa, de caráter quantitativo, são apresentados no último capítulo deste livro. Chamo a atenção para a verdadeira imersão dos estudantes sob a cultura do país representado, tanto na modalidade das embaixadas quanto nos comitês.

A partir de 2017, o IFMundo permitiu que os estudantes construíssem uma visão da cidadania global, refletindo sobre um mundo mais integrado e sustentável. A proposta consistia em nos aproximar dos objetivos da própria Organização das Nações Unidas, expressos em documentos como a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável e o calendário de anos e décadas internacionais.

Cerca de 300 (trezentos) alunos do Instituto Federal e 50 (cinquenta) alunos das escolas da Rede Pública de Educação da Região do Baixo Jequitinhonha se mobilizaram para resolver questões de grande relevância no cenário mundial atual e sobre a nossa realidade local: afinal, os estudantes de ensino médio estão familiarizados – mesmo que não possuam posições muito elaboradas – com pautas como igualdade de gênero, saneamento, escassez de água e projetos para a educação. Restou aos professores que coordenavam o projeto organizar a pesquisa sobre os temas adequados a cada comitê, sistematizar as orientações teóricas (conhecimento geopolítico) e práticas (habilidade de negociação), e produzir relatórios sobre a execução do projeto IFMundo, de maneira a considerar e compreender como o estudante se percebe enquanto cidadão nas perspectivas global e local. Essa compreensão é fundamental para a elaboração de uma perspectiva pessoal e local sobre o tema, bem como para o contraste necessário entre esta e as demais perspectivas. Feita a divisão de tarefas, cada aluno deveria defender a posição política de sua representação independente de suas convicções pessoais. Nesta simulação, os interesses de cada ator correspondem à política externa de quem ele representa, podendo ser de um país, uma organização ou uma figura pública. Espera-se

que os contrastes entre as múltiplas perspectivas – do próprio estudante, da representação do estudante, dos outros e da representação dos outros – comunguem o objetivo de solucionar uma agenda de problemas.

Em 2018 o projeto se repetiu, expandindo-se para além das fronteiras do Vale do Jequitinhonha. Os resultados positivos do IFMundo colaboraram para que a Reitoria do IFNMG nos convidasse para coordenar as ações de implementação deste que seria o primeiro projeto de ensino institucional. Mais de 1.500 estudantes de Almenara, Araçuaí, Arinos, Diamantina, Janaúba, Januária, Montes Claros, Pirapora, Porteirinha e Salinas se reuniram em quatro campi sede para discutir e propor soluções aos seguintes temas: políticas para a integração sociocultural de imigrantes e refugiados; o agronegócio, a agroecologia e a produção de alimentos não convencionais; a guerra dos negócios e as barreiras comerciais internacionais; o uso de microchips localizadores e identificadores de pessoas; o conflito Israel-Palestina; a gestão e a privatização das águas.

Antes da abertura do evento, os delegados apresentam impresso o seu Documento de Posição Oficial (DPO), detalhando o posicionamento de sua representação sobre o eixo temático. O DPO é produto da pesquisa individual do aluno e pode servir de parâmetro avaliativo: deve-se descrever, em uma página, por que aquela representação é afetada pelo tema a ser debatido, além de uma tomada de posição no sentido de traçar, em linhas gerais, como a representação pode ajudar a resolver a questão. É um documento de posição oficial, mas também pode ser entendido como um documento de posição inicial, já que as argumentações e a capacidade de fazer barganhas políticas podem modificar parcialmente as intenções de origem. As ações dos delegados podem ser avaliadas tomando-se por critérios a coerência entre a posição simulada e a posição real do país, e a consistência entre a posição oficial inicialmente proposta e os seus desdobramentos durante os debates. A este respeito, o comitê de imprensa de Salinas nos

brindou, em 2018, com deliciosos flagras de contradição, por exemplo, entre o DPO de Israel e a sua postura ambígua durante a simulação do comitê sobre direitos humanos.

Entregue o DPO, cada delegado recebe a sua placa de identificação, geralmente com a bandeira e o nome do país, a qual é posicionada à sua frente para que os demais embaixadores possam reconhecê-la. A placa de identificação também é utilizada quando o delegado pretende indicar à mesa diretora alguma intenção de fala. Neste caso, sugere-se que os responsáveis pela organização das salas dos comitês posicionem os assentos em semicírculo ou em formato de U, ao invés do formato clássico de fileiras. O reconhecimento das identidades de modo não hierarquizado, a princípio, produz o sentimento de equidade entre os participantes, mesmo que, com o passar do tempo, as relações de poder se concentrem em grupos ou indivíduos localizados em pontos específicos do ambiente. A organização dos comitês em 2018 seguiu o exemplo do ano anterior.

Apesar das inovações e da melhoria do evento, sentíamos que podíamos ainda mais. Estávamos presos ao formato clássico das simulações. Como resultado de um verdadeiro *brainstorming*, decidimos transformar o pátio da escola, durante o evento, em uma avenida diplomática, com duas vias e um corredor central, em que cada país ou representação estabelecesse um espaço para a embaixada de seu país, montando um estande com as suas referências culturais e científicas. A feira de embaixadas e representações ocorreu de maneira concomitante aos trabalhos dos comitês, para que houvesse a participação e a visitação dos membros das embaixadas nos comitês e vice-versa. Cada embaixada foi uma vitrine de experiência política e cultural do país ou da representação. Além disso, os membros da embaixada (expositores) deveriam estar a par das temáticas e prontos para dar explicações sobre o posicionamento do país em cada uma das temáticas discutidas nos comitês de que participam. Deste modo, o conhecimento foi compartilhado entre os membros que representam um país, constituindo uma delegação. Os grupos de embaixadores realizaram



uma pesquisa minuciosa sobre o país ou instituição que representam e, quando possível, confeccionar e apresentar no estande os seguintes itens: 1) Símbolos que representam o país, tais como a bandeira, o hino, o lema, as cores, os heróis etc. 2) Aspectos culturais e artísticos como músicas, danças, artesanatos, pinturas, vestimentas, comidas típicas etc. 3) Aspectos ambientais e geográficos, tais como fauna e flora, clima e descrição do território. 4) Aspectos políticos da política externa do país representado, especialmente pelas diversas embaixadas com sede no Brasil. 5) Aspectos históricos, tais como a conquista, a independência ou consolidação do território, eventos e marcos importantes, achados arqueológicos, e as narrativas, a arte e os afazeres do povo. 6) Aspectos Sociais: índices importantes relacionados à educação, saúde e trabalho. Identificar, também, as dinâmicas sociais (relação entre classes, estamentos ou grupos de poder), os valores e os juízos morais presentes na sociedade, como a liberdade, a religiosidade, os comportamentos aceitáveis.

O trabalho dos comitês foi dividido em sessões, após as quais se instituiu a Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU), quando cada comitê apresentou as suas conclusões e proposições em carta aberta à comunidade. A dinâmica deste momento final de simulações será descrita no capítulo 11. Devo notar apenas que o sucesso da Assembleia Geral pôde ser medido pelo grande número de estudantes presentes na biblioteca do campus, apesar do calor, da tarde, do sábado letivo e da final da Champions League.

A divisão das tarefas revelou, mais uma vez, o protagonismo dos estudantes. Eles tinham que aprimorar a capacidade de organização e exposição das ideias em debates, por meio de uma pesquisa minuciosa sobre temas diversos que atingiam a população global, e sobre o modo como as políticas globais interferiam em questões regionais. Cada comitê desenvolveu as suas atividades numa sala própria. A mesa diretora realizou a mediação entre os debatedores, podendo, a seu critério, seguir a lista de oradores pré-definida ou liberar a moderação para que os documentos pudessem

ser produzidos de maneira mais livre. Os representantes de cada país identificavam-se à mesa para sinalizar seu interesse em participar dos debates, compondo a lista de oradores. O fluxo dos trabalhos era modificado através de moções ou questões postas pelos delegados, cujo mérito era decidido pela mesa. Além disso, com o objetivo de inserir novos elementos para a dinâmica do comitê, foram instauradas crises e intervenções externas com alguma afinidade com o tema, de modo a agregar valor às discussões.

As características que participam da proposta do trabalho com projetos são a Intencionalidade, a Flexibilidade, a Originalidade e a Interdisciplinaridade. Com essas características, o trabalho com projetos constitui-se, desde então, em um percurso contrário à fragmentação do ensino e à reificação dos conteúdos escolares. A Intencionalidade tem a ver com a autonomia e o empenho dos sujeitos, individualmente e em conjunto, de interação e superação de desafios. A Flexibilidade é a característica que afeta tanto as fases do projeto – pois não existe uma fórmula bem-acabada que dê conta de todas as experiências – quanto os métodos empregados para superar os desafios propostos – pois experiências diferentes são capazes de enfrentar desafios semelhantes. A Originalidade diz respeito à contraposição ao sistema de educação vigente, com os seus conteúdos formativos transmitidos de forma segmentada e sem conexão com a realidade, com uma visão tradicional do ensino, com estratégias baseadas na repetição e na memorização. E a Interdisciplinaridade é necessária para fazer a conexão entre os saberes escolares e os múltiplos elementos que coordenam a realidade histórico-social.

Devo agradecer o auxílio da equipe de professores e alunos do curso de Relações Internacionais da PUC-Minas. Mesmo atarefados com a organização de seu próprio evento de simulação, se dispuseram a percorrer o Norte de Minas, treinar os diretores de comitês, ceder os guias de estudo para formação dos delegados, e o que mais fosse necessário para o sucesso do IFMundo. Infelizmente,

a Marina e sua equipe não puderam conhecer, nessa oportunidade, os nossos Vales. Mesmo assim, se não tivéssemos acesso aos seus guias de estudo, quatro comitês estariam seriamente comprometidos. Os Guias são instrumentos didáticos necessários para que os estudantes compreendam, de maneira geral, a questão global posta para debates, os principais posicionamentos sobre o assunto e a importância de solucioná-lo. Além disso, o Guia de Estudos deve indicar as principais referências teóricas e fidedignas que embasam o debate.

Enquanto coordenador institucional, posso dizer que as estratégias foram muito mais no sentido de motivar do que de gerenciar a equipe docente que trabalhou com a metodologia de simulação. O convencimento deve pautar-se pelo encontro físico e pessoal, mais do que por meio de portarias e ordens. Daí a necessidade de se investir nas formações presenciais e na divulgação do evento. Para dar uma noção do alcance do material produzido e disponibilizado em meio digital, apenas o nosso site teve, entre abril e junho de 2018, mais de 3,7 mil visitantes, 25 mil acessos e dois mil downloads de documentos e guias, sem contar a divulgação em redes sociais. É preciso fazer e ver a coisa acontecer para se dar a ciência da dimensão do projeto e de suas consequências, após o que se pode exigir o engajamento necessário das pessoas aos projetos. Isso porque, na maior parte dos casos, os professores envolvidos estavam fora de sua zona de conforto. As dificuldades de implementação do projeto não foram bastante para impedir o sucesso do IFMundo.

O IFMundo é um projeto com baixos custos e ampla repercussão pedagógica. Em 2018, participamos da Reunião anual dos Dirigentes das Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica (REDITEC) e da Mostra de Experiências Exitosas, entre os projetos de ensino considerados mais inovadores da Rede Federal; publicamos um artigo no dossiê da revista *Monções*, encomendado pela ONU em ocasião do septuagésimo aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que repercutiu num

jornal de grande circulação nacional; apresentamos os resultados das pesquisas no Seminário de Iniciação Científica e na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do IFNMG. Em números de participantes, superamos até os maiores eventos de simulação do país, em nossa primeira edição institucionalizada. E com quais recursos financeiros? O material impresso e algumas diárias para a formação de professores e a viagem de estudantes aos locais dos eventos. Muito graças ao suporte da Pró-Reitora de Ensino e à Direção dos Campus participantes. Mais ainda aos Coordenadores e às equipes locais.

Permitam-me uma inconfidência final: quando a Pró-Reitoria de Ensino se colocou à disposição para nos auxiliar no projeto, esperava-se um projeto com datas, orçamento detalhado, números e metas a serem cumpridas. Eu não pensei tanto nessas coisas, pois necessitava apenas de pessoas criativas que acreditassem em uma escola humanizada e numa sala de aula sem segredos e hierarquias. Ser empático não significa imaginar e refletir sobre outro mundo, tentando descobrir as razões pelas quais uma pessoa distante, que beba as águas de outra cultura, possa imaginar e conceber o seu próprio mundo. Não se trata de reflexão nem de imaginação, tampouco da simpatia, que é a afinidade solidária a outrem. Trata-se, antes, de sentir o processo e a construção das identidades. Empatia é um sentimento humano, e não restrito à humanidade, que nos toma de assalto no momento em que reconhecemos sentimentos alheios, diversos dos nossos, como quando um recém-nascido reconhece a alegria ou a tristeza no rosto de sua mãe, para, então, reposicionar a sua própria perspectiva, porque sentiu o mesmo que o outro sentiu, neste exemplo, emulando a emoção de alegria da mãe e devolvendo-lhe o sorriso. Trata-se de um sentimento sem o qual sequer podemos afirmar uma identidade pessoal, étnica que seja, pois não nos reconheceríamos nunca no espelho do mundo se nos bastasse o espelho de Narciso.

## Capítulo 01

### **O conflito palestino-israelense em debate: a experiência da simulação de uma intrincada questão geopolítica do nosso tempo**

*Eduarda Míglio Freire*

*Gabriela Geovana Alves Martins*

*Isabella Katriny Santos e Souza*

*Juliana Monteiro de Oliveira*

*Leonardo Augusto de Souza Filho*

*Leonardo Luiz Silveira da Silva*

*Nicole Gabriele Souza Gomes dos Santos*

#### **Introdução**

Já muito tradicionais no espaço educacional brasileiro, apesar de ainda não muito disseminadas, as simulações estudantis das Nações Unidas tem revelado desde a sua estreia, um imenso valor pedagógico. Em uma de suas experiências pioneiras, na PUC-MG, apoiada pelo departamento de Relações Internacionais, aquilo que inicialmente era uma bela peça de apresentação do curso aos alunos do Ensino Médio de diversos colégios teve, paulatinamente, a força dos seus mecanismos de ensino-aprendizagem reafirmadas. Aproveitando a carência de experiências regionais deste tipo, o IFNMG, por meio da iniciativa do campus Almenara, propôs trazer a exitosa iniciativa para o âmbito de um trabalho multicampi. Muito eficaz no que diz respeito a posicionar o aluno como protagonista do processo de ensino-aprendizagem e com grande potencial para o trabalho interdisciplinar de preparação discente, o IFMundo, versão

norte-mineira da simulação, foi proposto a partir de seis temáticas. Este capítulo, especialmente, tratará de uma das temáticas mais áridas das simulações estudantis: o conflito palestino-israelense.

O tema se apresenta como um verdadeiro desafio pelo fato da abordagem em questão se enquadrar na tipologia dos *deep-rooted conflicts*<sup>1</sup>, caracterizada pela descrença quanto ao sucesso dos processos de negociação que foi cristalizada pela longa permanência do estado de beligerância entre as partes envolvidas. Em conflitos deste tipo, os estereótipos dominam o relativismo, dificultando o estabelecimento de diálogos assertivos. Por ser um conflito de várias décadas, a grande dificuldade em representar os partícipes em uma simulação é a de ser fiel ao contexto histórico em que ela ocorre. Por exemplo, a posição do Egito, importante ator regional da questão palestina, anterior à administração de Anwar-El-Sadat, modificou-se profundamente no governo Hosni Mubarak (pós-1980). Assim, a temática exige do aluno não somente um volume grande de informações, mas a capacidade de alocá-las no tempo e engendrâ-las analiticamente.

O tema da simulação foi encaixado no formato da AGNU (Assembleia Geral das Nações Unidas), que se trata do único órgão no qual todos os países possuem, em tese, representação igualitária. Na AGNU, recomendações são elaboradas sobre os mais espinhosos eventos, ganhando a forma de uma resolução. Uma das mais emblemáticas resoluções já elaboradas foi a de número 242, no ano de 1967, logo após o fim da Guerra dos Seis Dias.

Apresentaremos neste capítulo breves considerações sobre o conflito palestino-israelense antes de nos enveredarmos propriamente para a experiência no IFNMG campus Salinas.

## **Breves considerações sobre o conflito palestino-israelense**

---

<sup>1</sup> Os conflitos do tipo *deep-rooted* são aqueles que ultrapassam gerações, trazendo memórias construídas pelas reminiscências dos sucessivos insucessos das tentativas de construir a paz. Essa tipologia reforça crenças coletivas e individuais de que a paz é pouco provável e que o estado de beligerância é o habitat natural dos envolvidos.

Destacado como um dos mais intrincados conflitos geopolíticos do nosso tempo, o conflito palestino-israelense é amplamente estudado em diversos âmbitos de sua configuração. Ainda que saibamos que a análise integrada em múltiplas arenas (Tsebelis, 1998) é fortemente recomendada como viés interpretativo, por considerar as amplas dimensões do conflito de forma holística, ressalte-se que, muitas vezes, encontramos na literatura avaliações fragmentadas de certas dimensões das relações entre os beligerantes. Dotado de uma rica história que teve o imperialismo e a descolonização como pano de fundo, o conflito palestino-israelense viria a se desenhar como o espólio do entrevero que envolveu a criação do Estado de Israel e de nações árabes vizinhas. Estes novos países travaram três guerras regionais em um período em que o estado de beligerância era a condição da sua existência (Mello; 1961; Cattán, 1971; Yazbek, 1995; Treignier, 1996; Olic, 1996; Massoulié, 1997; Wolf, 2000; Sosland 2007; Said, 2012).

A solução armada de Líbano, Síria, Jordânia, Israel e Egito, que perdurou durante muitos anos como opção para a resolução de suas diferenças, estava fortemente ancorada em algumas questões basilares. A primeira dela é a questão hídrica, materializada na distribuição das águas da bacia do rio Jordão (Lonergan e Brooks, 1994; Libiszewski, 1995; Lowi, 1995; Elmusa, 1998; Beaumont, 2000; Jagerskög, 2003). A segunda é a ascensão do nasserismo e pan-arabismo, que reforçou as diferenças ideológicas entre Israel e os seus vizinhos (Hourani, 2001). A terceira é a sacralidade de Jerusalém e a disputa pela sua posse, que tornou-se, na contemporaneidade, um dos elementos de maior entrave nas negociações de paz (Armstrong, 2001). A quarta questão é construída pelo processo histórico, que ajudou a cristalizar imagens estereotipadas que ajudam a desumanizar aquele que deveria, em tese, ser o sujeito do exercício da alteridade. Apesar do orientalismo

ser muito estudado, no sentido destacado por Edward Saïd<sup>2</sup> (2007; 2011), sabe-se que as formulações estereotipadas dos judeus de nada auxiliam na superação da dolorosa caminhada rumo ao entendimento entre os povos.

As configurações territoriais regionais, que se modificaram ao sabor dos eventos militares, deram origem à Questão Palestina. Com a ocupação israelense da Faixa de Gaza e da Cisjordânia em 1967, inaugura-se um fato novo: contingentes expressivos de palestinos ocupados pelas forças israelenses. Maioria populacional naqueles que passaram a ser chamados de Territórios Palestinos Ocupados, os palestinos passaram a desenvolver reclames autonomistas/independentistas e nacionalistas, tendo na expansão dos assentamentos israelenses em seu território um dos pomos da discórdia. A expansão dos assentamentos por parte de Israel, condenados internacionalmente, produziu pequenas colônias na Cisjordânia. Os assentamentos são vistos como uma tentativa de legitimação demográfica da posse do território e também como um verdadeiro entrave às conversações entre as partes beligerantes.

Assim, o IFMundo 2018 apresentou como um dos seis temas dos seus comitês “As colônias habitacionais na Cisjordânia e a Questão Palestina no Oriente Médio”. O tema propôs uma abordagem contemporânea do conflito, ainda que tenha exigido do estudante uma pesquisa histórica, não só para reconhecer o posicionamento do seu país diante da questão, mas para compreender minimamente o complexo rol de posicionamentos dos países que participam do comitê.

---

<sup>2</sup> Um dos grandes divulgadores do Orientalismo, Edward W. Saïd expressava de forma erudita e histórica e especialmente articulada acerca da imagem que o Ocidente constrói sobre o Oriente. A essência do processo por ele descrito percorre a experiência histórica e a dificuldade de se lidar com aquilo que é diferente, considerando o exotismo subjetivo a morada do que é aberrante. O foco naquilo que é o Oriente em sua obra máxima (*Orientalismo: o Oriente como uma invenção do Ocidente*) centra-se nos povos árabes. Saïd critica até mesmo formulações acadêmicas que, em seu olhar, colaboravam para a estereotipação do árabe. Um dos seus principais alvos foi o acadêmico Bernard Lewis (2002; 2003; 2004), autor de obras que foram consideradas por Saïd como exemplos cabais da supressão da experiência histórica na avaliação intercultural.



## **A importância educacional da temática**

Os comitês de resolução de conflitos favorecem o desenvolvimento de uma “cultura de paz”, a partir da resolução das diferenças em um ambiente democrático, apesar de moderado. Os conflitos militares, *per si*, apresentam-se como realidades extremadas da convivência humana, lançando os alunos da simulação a um ambiente em que a busca pela paz perpassa pela flexibilização das demandas dos envolvidos. Outrossim, lançam os envolvidos em um inequívoco exercício da alteridade. As habilidades desenvolvidas neste tipo de simulação encontram-se além das cognitivas, baseadas em conteúdos e habilidades educacionais; penetram no campo das habilidades emocionais, tão importantes para a formação de indivíduos de múltiplas competências. Cremos ser este o objetivo das escolas alinhadas à moderna pedagogia.

## **Sobre os comitês que abordaram o conflito palestino-israelense**

Compostos por diversos países árabes, por Israel, pelas potências ocidentais e pelos integrantes do Conselho de Segurança da ONU, os comitês que abordaram o conflito palestino-israelense montaram uma atmosfera realística, fazendo jus à discussão de uma das temáticas mais intrincadas do nosso tempo. Notou-se, contudo, que atores centrais dos comitês deveriam ter sido melhor preparados, para se posicionarem como verdadeiros protagonistas. Estados Unidos, Israel, Egito, Síria, Líbano e Jordânia deveriam apresentar um repertório compatível com a posição de partícipes diretos do imbróglio. Esta experiência nos mostrou que, independente dos temas dos comitês, há de se ter uma atenção especial àqueles que não de se posicionar como os principais interessados na temática.

## A impressão dos alunos

A experiência dos alunos no IFMundo foi considerada “fundamental na vida acadêmica”, possibilitando o envolvimento dos mesmos com o conteúdo de forma muito aprofundada. Foi relatada a qualidade dos materiais de suporte fornecidos aos participantes do evento. Foi lembrado, também, que, a partir dos temas do comitês surgiu a necessidade para a elaboração de pautas que guiaram a discussão dos demais alunos. Esta tarefa foi relatada como significativa, pois exigiu um notório nível de conhecimento e intimidade com a temática. Foi destacado, também, o desafio de lidar com habilidades emocionais. Notoriamente, no conjunto dos relatos dos coordenadores, foi destacada a oportunidade em falar em público, sobretudo para um conjunto de pessoas no qual não se comunga a intimidade. Os delegados do campus Almenara, em especial, destacaram a participação das escolas estaduais no evento, que os alçou a uma nova experiência de convívio social.

É importante destacar que a montagem dos comitês é formada por alunos de salas e séries variadas, o que favorece o convívio com aqueles que não comungavam intimidade. Foi lembrado também que o conteúdo abordado mostrou-se interdisciplinar na prática, à medida que diversas temáticas como a fome, a intolerância religiosa e a violência tornaram-se pauta. Os alunos mediadores destacaram ainda o questionamento dos alunos delegados (que representavam os países) quanto ao pequeno prazo solicitado e de um envolvimento mais efetivo do corpo docente frente a um projeto desta magnitude. Foi relatado ainda que participar do projeto foi encantador, submetendo-os a uma forma heterodoxa de aprendizado. Por fim, foi lembrado que as habilidades desenvolvidas e as discussões travadas não pertencem somente ao campo da alta diplomacia, sendo capazes de inspirar o cidadão atuante na escala de sua comunidade.

## Considerações finais

O modelo de simulações das Nações Unidas mostrou no âmbito do IFMundo, como já tem mostrado em simulações em diversas cidades do Brasil, se constituir como uma ferramenta muito poderosa de aprendizagem. Mostrou o seu potencial mesmo diante dos temas mais técnicos e menos acessíveis a uma abordagem pedagógica formal. Existem problemas que foram apontados pela nossa experiência; mas é somente a partir da experimentação que o aperfeiçoamento poderá ser colocado em prática. Com grande potencial interdisciplinar, o evento, em uma segunda edição, deverá ter uma equipe de alinhamento interdisciplinar, para garantir aos professores de diversas áreas a participação.

A experiência do comitê do conflito palestino-israelense nos ensinou, possivelmente de forma mais notável do que foi percebido em outros comitês, a importância de uma preparação especial dos alunos que desempenham o papel de principais protagonistas. Esta ação é fundamental para garantir uma condução mais próxima da realidade no comitê, como também dinamizar os temas mais incisivos.

Os resultados obtidos pela experiência dos envolvidos fortalece a crença de que o evento pode se consolidar como uma ferramenta diferencial na aprendizagem no âmbito do IFNMG.

## Referências

- ARMSTRONG, Karen. *Jerusalém: uma cidade, três religiões*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- BEAUMONT, Peter. Conflict, Coexistence and Cooperation: a study of water use in Jordan Basin. In: WOLF, Aaron; HUSSEIN, Amery A. *Water in the Middle East - a geography of peace*. Austin: University of Texas Press, 2000.
- CATTAN, Henry. *Palestina, los árabes e Israel*. Cidade do México: Siglo XXI, 1971.

- ELMUSA, Sharif S. *Toward a Unified Management Regime in the Jordan Basin: The Johnston Plan Revisited*. Washington: Yale F&ES Bulletin, 1998.
- HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- JAGERSKOG, Anders. *Why states cooperate over shared water: The water negotiations in the Jordan River Basin*. Linköping: Linköping University, 2003.
- LEWIS, Bernard. *O que deu errado no Oriente Médio?* Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- LEWIS, Bernard. *A crise do Islã: Guerra Santa e Terror Profano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- LEWIS, Bernard. *Assassinos: os primórdios do terrorismo no Islã*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LIBISZEWSKI, Stephan. *Water disputes in the Jordan Basin Region and their role in the resolution of the Arab-Israeli conflict*. Zurich: center of security policy and conflict research, 1995.
- LONERGAN, Stephen; BROOKS, David B. *Watershed: the role of fresh water in Israeli-palestinian conflict*. Ottawa: International development research centre, 1994.
- LOWI, Miriam R. *Water and Power. The politics of a scarce resource in the Jordan River Basin*. New York: Cambridge University Press, 1995.
- MASSOULIÉ, François. *Os conflitos do Oriente Médio*. São Paulo: Ática, 1997.
- MELLO, Silva A. *Israel prós e contras*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1961.
- OLIC, Nelson Bacic. *Oriente Médio - uma região de conflitos*. São Paulo: Moderna, 1991.
- SAÏD, Edward. *Orientalismo: O Oriente como uma invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- SAÏD, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SAÏD, Edward. *A Questão da Palestina*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

SOSLAND, Jeffrey K. *Cooperating Rivals: The riparian politics of the Jordan River Basin*. New York: State University of New York, 2007.

TREIGNIER, Michel. *Guerra e paz no Oriente Médio*. São Paulo: Ática, 1996.

TSEBELIS, George. *Jogos Ocultos: Escolha Racional no Campo da Política Comparada*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

WOLF, Aaron. Hydrostrategic territory in the Jordan Basin. In: WOLF, Aaron; HUSSEIN, Amery. *Water in the Middle East – a geography of peace*. Austin: University of Texas Press, 2000.

YAZBEK, Mustafa. *Palestinos em busca da pátria*. São Paulo: Ática, 1995.



## Capítulo 02

# **Organização Mundial do Comércio: relato da experiência de simulação da Rodada de Doha 2015 no IFMundo 2018**

*Alfredo Costa*

*Sara Fernanda Guimarães Pereira*

*Raquel Santos Leal*

### **Introdução**

A história da humanidade confunde-se com a história das trocas. Indiscutivelmente, a trajetória humana do Paleolítico até a contemporaneidade envolveu um longo processo de complexificação de uma diversidade de relações de interação, algumas ancestrais, e outras que nasceram na modernidade. O comércio, possivelmente uma das primeiras relações racionais desenvolvidas entre grupos humanos, evoluiu no compasso dos avanços tecnológicos e filosóficos, à medida que se internacionalizava. Ganhou especial força com o advento das Grandes Navegações, com a Revolução Industrial e com a Revolução das Telecomunicações, cujas consequências se revelam, entre outras, na progressiva e irrefreável compressão do espaço-tempo global (HARVEY, 2011). As mobilidades humanas, das mercadorias, ideias e informações, em sua multiescalaridade, permanecem como aspectos fundamentais à compreensão do mundo globalizado contemporâneo, e sua constituição ao longo do tempo deve ser objeto da mais atenta análise (SANTOS, 1996).

Especificamente, as relações econômicas internacionais envolvem uma densa e complexa rede de transações monetárias, comerciais e financeiras que se relacionam de maneira interdependente, como resultado da interpenetração das economias nacionais em um contexto de progressiva especialização internacional (THORSTENSEN, 1998). Seus desdobramentos são múltiplos, com consequências diretas na organização dos capitais estatais e privados e nas formas de consumo, ambas capazes de (re)definir os contornos do cenário econômico e político internacional. O cenário em tela – de um mundo em que o comércio e os investimentos ganharam níveis multilaterais – revelou, já na segunda metade do século XX, a necessidade de criação e fortalecimento de uma instituição capaz de mediar, supervisionar e arbitrar tais relações em âmbito internacional. É neste contexto que surge, em 1995, a Organização Mundial do Comércio (OMC).

O objetivo deste capítulo é relatar a experiência de simulação da edição de 2015 da Rodada de Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC) em dois comitês do IFMundo, evento realizado no IFNMG Campus Almenara em maio de 2018. O tema será abordado sob o prisma do seu papel no contexto geopolítico mundial, com ênfase na capacidade de transposição de suas funções no desencadeamento dos debates e na elaboração das propostas de resolução. Para tanto, será apresentada uma sintética revisão da origem e desenvolvimento da OMC, suficiente para compreensão dos resultados da simulação e da interpretação das diretoras dos comitês sobre o desempenho dos estudantes-delegados na atividade pedagógica desenvolvida. Não é ocioso lembrar que o IFMundo se baseia nos princípios da pedagogia de simulação organizacional, que visa a estruturação ativa do ensino com o objetivo de disseminar valores e conceitos consoantes à cidadania global, além de promover a transversalidade do ensino e a integração de saberes da formação técnica e cidadã (MARTINS et al., 2018).



## **A organização mundial do comércio e a agenda de desenvolvimento de Doha**

A origem da fase comercial do capitalismo e da globalização têm como marco fundamental as Grandes Navegações do século XV, e a complexificação das relações capitalistas tiveram a como carro chefe as Revoluções Industriais a partir do século XVIII. Pode-se afirmar, no entanto, que o capitalismo moderno foi gestado, de fato, após a Segunda Guerra Mundial, através do Acordo de Bretton Woods, em 1947. O acordo definiu a criação de um novo sistema monetário internacional baseado no dólar americano, com mecanismos de estabilização cambial e fundamentos do livre-comércio. Com efeito, ele se mostrou como condição viável para garantir as relações monetárias entre os países e evitar crises econômicas e monetárias como aquelas enfrentadas nos 50 anos que o antecederam (VALÉRIO, 2009). Dali, decorreu a criação de três organismos de regulação do capitalismo: o Fundo Monetário Internacional (FMI), com função de regulação financeira; o Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), também conhecido como Banco Mundial, com o objetivo de fomentar grandes projetos; e da Organização Internacional do Comércio (OIC), que visaria fiscalizar, mediar e regerar as relações internacionais. Ao contrário dos dois primeiros, este organismo não entrou em operação em razão da dissensão dos Estados Unidos da América (EUA), que já havia se firmado como potência econômica.

Todavia, a criação malograda da OIC foi precedida pelo Acordo Geral Sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio (*General Agreement on Tariffs and Trade* – GATT), que previa a adoção de uma pauta liberal para intensificação das trocas, a redução de barreiras mercantis e a eliminação de tratamentos discriminatórios. Assinado em 1947, o acordo entrou em vigor em 1948 e assumiu as vezes da OIC ao criar as condições para que o comércio internacional fosse regido por princípios básicos comuns disciplinados juridicamente (VALÉRIO, 2009). O acordo vigorou até 1995, quando

o sistema internacional de trocas passou a ser regido pela Organização Mundial do Comércio (OMC), que englobou o GATT e incorporou todos os desdobramentos das negociações multilaterais de liberalização do comércio realizadas no período (THORSTENSEN, 1998). Embora não faça parte da Organização das Nações Unidas (ONU), a OMC mantém fortes relações com as suas agências (WTO, 2018a).

Com 144 membros na data de criação, a organização representou um marco institucional para mediação e regulação de relações internacionais, bem como para administração do sistema multilateral de comércio. Para aderir à OMC, um governo deve alinhar as suas políticas econômicas e comerciais com as regras da organização e negociar seus termos de entrada com os seus membros. Atualmente com 164 membros, tem como diretor-geral o diplomata brasileiro Roberto Carvalho de Azevedo (acompanhado de quatro vice-diretores de diferentes nacionalidades), admite três idiomas oficiais (inglês, francês e espanhol), e tem sede em Genebra (Suíça) (MRE, 2018). Além das funções já exercidas pelo GATT, a OMC promove assistência técnica formativa para países em desenvolvimento, atua como foro para negociações e solução de controvérsias, e supervisiona a adoção e a implementação de acordos (PUC, 2015). Em 2012, seus membros já respondiam por 95% do comércio mundial (MESQUITA, 2013) e, em 2015, a organização atingiu a marca de 500 acordos por disputas comerciais (WTO, 2018a). O Brasil, por exemplo, já obteve diversas vitórias na solução de controvérsias internacionais, como contra os EUA (gasolina e algodão) e a União Europeia (açúcar) (MDIC, 2018).

A OMC baseia-se, essencialmente, em cinco princípios básicos originados do GATT para garantir relações livres e transparentes. Ela adota o princípio da não discriminação de nações menos favorecidas, às quais devem ser estendidos todos os privilégios e vantagens estipulados a uma nação. A Organização também garante isonomia no tratamento de produtos nacionais e importados com vistas à igualdade de competição. Ela também reconhece os

princípios da concorrência leal e da previsibilidade das normas para importação e exportação, de modo a combater as práticas que podem tornar as relações comerciais injustas. Além disso, a OMC adota o princípio da proibição de restrições quantitativas como forma de proteção comercial, expressa em proibições e quotas. Por fim, ela aplica o princípio do tratamento especial e diferenciado para países em desenvolvimento, a partir do qual a reciprocidade tarifária não precisa ser necessariamente cumprida (MDIC, 2018).

Tais princípios têm garantido a perpetuação da OMC como um caso de sucesso, na medida em que permite que pequenas nações submetam as grandes economias a procedimentos arbitrais cujo cumprimento é afiançado pela própria instituição (MESQUITA, 2013). A despeito do sucesso desse empreendimento, Thorstensen (1998) chama a atenção para o fato de que nenhuma organização é imune a impactos decorrentes da reformulação das políticas nacionais influenciadas por acontecimentos internacionais, além daqueles oriundos da atuação de empresas transnacionais. Estas últimas, apoiadas em investimentos e avanços tecnológicos, são capazes de provocar flexibilizações ou alternativas para o comércio mundial em desrespeito aos princípios compartilhados pelas nações que compõem a OMC.

Aspecto fundamental que caracteriza e dá forma à OMC são as suas rodadas de negociação. As rodadas surgiram com o GATT em 1947, com 23 países participantes, e até meados dos anos 1980 prestavam-se a debates sobre questões tarifárias. A partir da oitava rodada, em 1986, no Uruguai, já com 123 participantes, novos temas foram incluídos, entre os quais a propriedade intelectual, os marcos jurídicos, além de questões relacionadas aos setores da agricultura e serviços, entre outros. Em 2001, foi iniciada em Doha a 9ª Rodada de Negociações da OMC com o objetivo principal de atender aos países em desenvolvimento.

Lançada no Qatar, durante a 4ª Conferência Ministerial da OMC, a Agenda de Desenvolvimento de Doha visa a diminuição de barreiras e a revisão de regras comerciais com o objetivo de

melhorar as perspectivas de comércio dos países em desenvolvimento (WTO, 2018a), a partir de quatro áreas: mercados agrícolas, produtos industriais, comercialização de serviços e revisão de normas aduaneiras. Os objetivos principais são balancear os interesses de países desenvolvidos e em desenvolvimento e de fomentar a abertura de novos mercados (VALÉRIO, 2009; WTO, 2018b). Perpassam o alcance de tais objetivos a promoção de maior transparência nas compras governamentais e a garantia do cumprimento de acordos relacionados aos subsídios<sup>1</sup>, a medidas compensatórias e ao combate ao *dumping*<sup>2</sup> (MDIC, 2018).

Embora tivesse previsão para conclusão em 2005, a grande quantidade de países em negociação revelou-se ao mesmo tempo como trunfo e dificultador para a conclusão dos acordos propostos. O desejo de seus membros em continuar as discussões da sua agenda provocou novos encontros em 2006 (Genebra), 2007 (Potsdam), 2008 (Genebra), e 2015 (Nairóbi). Nesta última rodada, estabeleceu-se um acordo pelo fim imediato dos subsídios à exportação nos países desenvolvidos, norma que deve ser atendida por aqueles em desenvolvimento até o final de 2018 (PUC, 2015). Embora se tenha alcançado algum consenso, deverá haver contínuo esforço por parte de todos os seus membros para a conclusão satisfatória da Agenda de Desenvolvimento de Doha e garantir o multilateralismo nas Relações Internacionais (PUC, 2015).

No IFMundo 2018 buscou-se simular a rodada de negociação de Doha de 2015, cuja experiência será relatada na próxima seção.

---

<sup>1</sup> De acordo com Bruno et al. (2012), “O subsídio é uma prática presente nas políticas econômicas dos países que se inserem nas relações comerciais internacionais, seja ele tratado como um mecanismo de segurança, uma assumida forma de protecionismo de um país sobre determinados setores ou uma válvula de escape para que os governos possam intervir na política econômica sem violar compromissos que primam pelo livre comércio entre as nações. Porém, a elevada e indiscriminada prática de subsídios no mercado mundial tem anulado o efeito positivo que sua concessão traria a determinado país ou setor específico, distorcendo o comércio internacional” (BRUNO et al., 2012, p. 757).

<sup>2</sup> Segundo Pimenta (2009), a prática do dumping caracteriza-se pelo ato de vender uma mercadoria ou produto a preço abaixo de seu custo marginal para estabelecer um monopólio.

## **A experiência do debate nos comitês simulados da OMC**

A metodologia do IFMundo baseia-se na simulação dos comitês da ONU e de organizações parceiras, como a OMC, realizando-se uma série de debates guiados a partir de uma agenda de tópicos conflitantes de interesse mundial. Os diretores dos comitês são responsáveis pela mediação do debate, e novos tópicos são revelados à medida que outros são resolvidos. O fim desejável da simulação ocorre quando todos os temas são exauridos obtendo-se, ao fim de cada um deles, consensos expressos em forma de proposta de resolução, na qual os países e entidades tornam-se signatários por meio de seus delegados representantes. Em casos específicos, quando o debate se revela moroso ou, ainda, quando o consenso é atingido em tempo diminuto, a direção do comitê pode propor situações de crise. Essas situações exigem a articulação imediata dos participantes e impede a sua saída do comitê até que uma resolução seja apresentada e consentida. Ao final da simulação, as conclusões do comitê são apresentadas a todos os participantes do IFMundo em sua Assembleia Geral, no encerramento do evento.

No caso da simulação da Rodada de Doha de 2015 da Organização Mundial do Comércio, proposta no IFMundo 2018, adotou-se a seguinte agenda:

### Tópico 1 – Facilitação de comércio

- Aplicação de barreiras comerciais;
- Papel de blocos regionais no processo de liberalização comercial;
- Tratamento diferenciado para países em processo de desenvolvimento.

### Tópico 2 – Agricultura

- Utilização de subsídios agrícolas;
- Ampliação de acesso a mercados internacionais.

Foram realizados dois comitês para discussão da agenda que ocorreram concomitantemente, dirigidos pelas estudantes Sara Fernanda Guimarães Pereira (OMC I) e Raquel Santos Leal (OMC

II), com um total de 35 delegados participantes e dois auxiliares de direção. Destaque-se a auxiliar de direção Bruna Botelho que, assim como Raquel, atuou na condição de egressa do curso técnico de informática integrado ao ensino médio. O desempenho dos delegados, avaliados pelos professores de acordo com os quesitos “adequação do traje”, “decoro e respeito”, “liderança e articulação política”, “participação no debate”, “entrega do Documento de Posição Oficial (DPO)” e “presença nas seções”, apresentou média de 86%, que pode ser interpretada como de sucesso coletivo. Com efeito, verificou-se aguerrimento nos debates, capacidade de resiliência e busca pelo consenso. Mesmo considerando os fatores que influenciam diretamente no desempenho dos participantes (como carisma, oratória, retórica, experiência, força de vontade, preparo, entre outros), e que, portanto, fazem com que alguns se destaquem mais do que outros, houve um esforço coletivo em prol da elaboração de propostas em consonância com a noção de promoção de um mundo mais justo e igualitário do ponto de vista econômico.

A análise das propostas de resolução de ambos os comitês revelou que os conceitos essenciais ao debate – entre os quais: subsídio, barreira comercial e alfandegária, livre-comércio, protecionismo, blocos econômicos, dumping, tarifa, embargo, além das noções de centro e periferia, e de desenvolvimento e subdesenvolvimento – foram corretamente interpretados e utilizados de maneira adequada. Os delegados apostaram na diminuição de subsídios e barreiras comerciais. A articulação política entre os delegados respeitou os cinco princípios da organização ao serem atribuídos prazos e critérios diferentes para países desenvolvidos e não desenvolvidos.

Curiosamente, em um dos comitês, propôs-se a criação de uma Agência de Controle Mundial de Qualidade, com o objetivo de *“garantir o controle sanitário, ecológico e antidumping dos produtos agrícolas, a fim de evitar o protecionismo agrícola baseado em barreiras não tarifárias, assegurando, em todas as condições, a*

*manutenção do livre-mercado agrícola de qualidade e justo entre os países*".<sup>3</sup> Tal proposta revela a percepção dos estudantes de que o preço das mercadorias não deve ser o único fator determinante das relações de concorrência, mas que condições capazes de garantir respeito a princípios éticos e sustentáveis também devem ser decisivos no estabelecimento de relações comerciais.

A seguir, são apresentados os relatos elaborados pelas diretoras dos comitês a respeito do desenvolvimento da simulação.

### **Depoimento da diretora de comitê da OMC I no IFNMG Campus Almenara, Sara Fernanda Guimarães Pereira**

O IFMundo para mim é uma experiência incrível! Não é só sobre saber do país que você representa, é sobre ver o mundo com outros olhos, entender pelo que o outro passa e como um mundo tão grande pode ser tão ligado a fim de que todas as barreiras e fronteiras sejam defendidas e/ou desfeitas em uma única sala! Além disso, é de se maravilhar com a mistura de culturas, os diferentes costumes, modos de falar, ideologias. Ali, cada um interpreta seu personagem da melhor maneira possível para que assim possa representar e atingir seus interesses.

Ser diretora foi uma experiência muito diferente da que tive anteriormente como delegada. Não tive mais participação ativa nos debates, mas pude mediá-los. Como diretora da OMC I, comitê voltado para a economia mundial, especificamente a Rodada de Doha de 2015, vimos problemas e barreiras que podem interferir na dinâmica de funcionamento do mundo, onde os países menos desenvolvidos estão cada vez mais ganhando espaço e sendo incentivados a se pronunciarem e terem sua voz atendida. Vimos também os obstáculos voltados para a agricultura e os campos agrários mundiais, que podem rever as tarifas impostas e melhorar esse grande e vasto cenário.

---

<sup>3</sup> Proposta de resolução do comitê OMC I.

Outro ponto muito interessante foi a junção de todos os delegados para resolverem uma crise que acontecia em um único país, mas que é proveniente de assuntos socioeconômicos com repercussão em todo o globo terrestre. A greve dos caminhoneiros no Brasil resultou no comprometimento do próprio país para arcar com as consequências da alta taxa de impostos sobre os combustíveis, juntamente com o pronunciamento de muitos para ajudarem em tecnologias de extração de petróleo e a diminuição de taxas e tarifas por países como os Estados Unidos da América.

Pudemos ver todas essas questões serem levantadas no comitê em pauta no espaço mundial. Desde a globalização, e após o fim da Guerra Fria, o mundo deixou de ser monopolizado para ser multipolarizado. Agora várias partes constroem e ganham seu espaço na economia global. Principalmente com a ascensão dos BRICS<sup>4</sup>, várias economias subdesenvolvidas ou emergentes cada vez mais têm a oportunidade de crescer e influenciar outras com seus métodos e seus mercados, além de estarem cada vez mais nos primeiros lugares dos rankings econômicos, criando novas oportunidades em todo mundo.

### **Depoimento da diretora de comitê da OMC II no IFNMG Campus Almenara, Raquel Santos Leal**

O IFMundo é uma excelente ferramenta de ensino. Participar da OMC como diretora foi um privilégio que sem dúvida proporcionou a mim e aos alunos delegados, além do aprendizado, experiências incríveis e reais que nos integram como indivíduos às causas humanas, sociais, econômicas, políticas e, sobretudo, nos torna sensíveis àquilo que é do outro.

O principal desafio para os países presentes na simulação da OMC II foi a preocupação dessas delegações nos efeitos de uma política liberalizante que supostamente traria desemprego a países que não

---

<sup>4</sup> Associação de países formada pelo Brasil, Rússia, Índia, China, e África do Sul.



estão aptos a concorrer de forma igualitária, além da garantia de relações comerciais salubres para as nações envolvidas. Nesse contexto, houve muitos impasses entre os blocos presentes nas negociações, sobretudo no que se refere às ações para diminuir ou extinguir as tarifas alfandegárias. Os países subdesenvolvidos desejavam a diminuição na cobrança de impostos sobre os produtos agrícolas que exportam para os países desenvolvidos. Em contrapartida, estes países desejavam igualmente a diminuição na cobrança de tributos sobre os seus produtos industrializados. Além disso, as negociações e os próprios delegados sofreram com os países que levantaram novamente a bandeira de protecionismo comercial sobre produtos importados com a elevação dos impostos de modo prejudicial à concorrência desses com os produtos nacionais.

Em destaque, houve discursos de enfrentamento: algumas representações posicionaram-se com coragem política para exigir e conquistar aberturas comerciais igualitárias diante das diferentes realidades econômicas. Tais divergências contribuíram para fomentar os debates, ampliando as discussões entre os membros da OMC II, de modo que a maioria dos presentes defenderam o posicionamento oficial de suas delegações e apresentaram suas políticas de comércio com respeito aos discursos discordantes.

Durante a terceira sessão da OMC II, foi instaurada uma crise na qual a União Europeia aumentou as tarifas alfandegárias no comércio com países subdesenvolvidos e em desenvolvimento. Tal evento desencadeou uma série de indagações contrárias ao posicionamento dos países europeus envolvidos, de modo que esses foram obrigados a ceder e reduzir essas tarifas diante da pressão de outros países, blocos econômicos e organizações internacionais. Além disso, países de forte economia e mercado bem desenvolvido como a China, ofereceram a abertura para concessão de multinacionais como auxílio para a economia dos países mais afetados.

Após a resolução da crise, os países voltaram-se para a discussão dos tópicos, desenvolvendo uma proposta de resolução

completa que abrangia o tópico 1 e 2 da agenda previamente estabelecida. Essa proposta foi votada e aprovada pela maioria.

Ao fim das simulações da OMC II, obtiveram-se bons resultados quanto ao desenvolvimento do comitê e dos delegados representantes. Esses se mostraram indivíduos sociais capazes de enfrentar conflitos e debater questões de relevância com articulação análoga à ação diplomática, munidos de aprofundada percepção geopolítica e engajamento em questões globais.

### **Considerações sobre a experiência nos comitês simulados da OMC.**

As experiências de simulação da OMC permitiram aos estudantes a vivência de dialogar e negociar em nome de diferentes países e organizações mundiais. Sem a mediação de professores, foi preciso que assumissem com sobriedade os seus papéis e debatessem com seriedade e respeito ao próximo, reconhecendo as diferenças e negociando caminhos possíveis para viabilizar as suas respectivas agendas de desenvolvimento. A experiência foi capaz de despertar nos participantes o interesse por temas circunscritos às disciplinas tradicionais, tais como história, geografia, filosofia, sociologia, linguagens e matemática, mas também outros que extrapolam a sala de aula tradicional, tais como economia, comércio internacional, geopolítica, diplomacia, retórica e finanças, entre tantos outros.

Na perspectiva da formação cidadã global, a reflexão sobre os valores de outros povos em relação à lógica das trocas internacionais foi capaz de desencadear uma série de indagações sobre certos aspectos morais da própria sociedade em que se vive. Os acordos firmados entre os participantes da simulação demonstram que o exercício da alteridade permite fortalecer a noção de uma identidade multifacetada. Isso ocorre na medida em que a compreensão do “outro” serve de incentivo para que os estudantes se percebessem como cidadãos globais, capazes de desmistificar o mundo e de superar as contradições entre a identidade e a heterogeneidade ao buscar um princípio comum de humanidade.

## Referências

- BRUNO, Flávio Marcelo Rodrigues; AZEVEDO, André Filipe Zago de; MASSUQUETTI, Angélica. Os subsídios à agricultura no comércio internacional: as políticas da União Europeia e dos Estados Unidos da América. **Ciência Rural** (UFSM. Impresso), v. 42, p. 757-764, 2012.
- DOWBOR, L. Educação e desenvolvimento local. In: MAFRA, J. [et al.] (org.). **Globalização, educação e movimentos sociais: 40 anos da Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire: Editora Esfera, 2009.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 21. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011. 348 p.
- MARTINS, Alex Lara; COSTA, Alfredo; PALHARES, Leonardo Machado. Cidadania global e direitos humanos: efeitos educacionais do desenvolvimento da simulação da ONU no Vale do Jequitinhonha. **Monções: Revista de Relações Internacionais da Ufgd, Dourados**, v. 7, n. 14, p.11-39, 2018. Semestral. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/9105>>. Acesso em: 18 fev. 2018.
- MESQUITA, Paulo Estivallet de. **A Organização Mundial do Comércio**. Brasília: FUNAG, 2013. 105 p.
- MINIONU. PUC-MG (Org.). **Guia de Estudos: Organização Mundial do Comércio de 2015 - Rodada de Doha**. Belo Horizonte: PUC-MG, 2015. 32 p.
- MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS - MDIC (Brasília). **OMC - Organização Mundial do Comércio**. 2018. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-externo/negociacoes-internacionais/805-omc-organizacao-mundial-do-comercio>>. Acesso em: 27 out. 2018.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES - MRE (Brasília). **Organização Mundial do Comércio**. 2018. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/diplomacia-economica-comercial-e-financeira/132-organizacao-mundial-do-comercio-omc>>. Acesso em: 27 out. 2018.

PIMENTA, Haydn. **Pequeno dicionário econômico**: a short economic dictionary. Belo Horizonte: UFMG, 2009. 259 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo**: razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

THORSTENSEN, Vera Helena. A OMC – Organização Mundial do Comércio e as negociações sobre comércio, meio ambiente e padrões sociais. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.29-58, dez. 1998.

VALÉRIO, Marco Aurélio Gumieri. Organização Mundial do Comércio: novo ator na esfera internacional. **Revista de Informação Legislativa**, v. 184, p. 121-130, 2009.

WORLD TRADE ORGANIZATION - WTO (Genebra). **About the WTO**. Disponível em: <[https://www.wto.org/english/thewto\\_e/thewto\\_e.htm](https://www.wto.org/english/thewto_e/thewto_e.htm)>. Acesso em: 27 out. 2018a.

WORLD TRADE ORGANIZATION - WTO (Genebra). **Ministerial declaration**. Disponível em <[https://www.wto.org/english/thewto\\_e/minist\\_e/mino1\\_e/mindecl\\_e.htm](https://www.wto.org/english/thewto_e/minist_e/mino1_e/mindecl_e.htm)>. Acessado em 31 out. 2018b.

## Capítulo 03

# Meio ambiente, gestão de recursos hídricos e privatização da água: a experiência da simulação de comitês do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente no IFMundo 2018

*Alfredo Costa*  
*Karolaine Pinheiro De Oliveira*  
*Clara Machado De Alcântara*  
*Antônio Clarette Santiago Tavares*

### Introdução

A sustentabilidade não se afirma no tempo presente (ACSELRAD, 1999; COSTA et al., 2016). Desde a publicação de “Os Limites do Crescimento”<sup>1</sup>, comissionado pelo Clube de Roma<sup>2</sup>, passando pelo ecodesenvolvimento, pelo Relatório de Brundtland<sup>3</sup>, até chegar ao desenvolvimento sustentável, é recorrente a busca por um argumento academicamente aceito e universal que sustente a reprodução do sistema capitalista ante uma aparente crise

---

<sup>1</sup> Escrito por Donella H. Meadows, Dennis L. Meadows, Jørgen Randers, and William W. Behrens III, trata-se de um relatório publicado em 1972 que previu, a partir de um modelo computacional, as consequências do acelerado crescimento populacional em um contexto de recursos naturais não renováveis. Obra polêmica e ainda muito discutida, teve a acurácia de suas previsões comprovadas por Turner (2008) a partir da análise de dados das três décadas posteriores ao seu lançamento.

<sup>2</sup> Costa et al (2016, p. 100) esclarece que o Clube de Roma era “composto por grandes empresários, lideranças e formadores de opinião de diversos países que se reuniram na capital italiana para debater a temática, chegando a propor em 1968 a diminuição radical da produção com objetivo de garantir o futuro da Terra”. Foi o Clube de Roma que propôs, pela primeira vez, o conceito de desenvolvimento sustentável.

<sup>3</sup> Elaborado em 1987 com o nome de “Nosso futuro comum”, o relatório reitera a noção de que o modelo industrial vigente colocava em risco a capacidade de suporte dos sistemas ambientais.

ambiental (SACHS, 1989; ACSELRAD, 1993; LAYRARGUES, 1997). O controverso consumo desenfreado de recursos naturais tem, contudo, alimentado a preocupação mundial em relação ao futuro do planeta, e a disponibilidade e o acesso democrático à água potável são temas de debate recorrentes.

A relevância da água como recurso natural essencial para a manutenção da vida no planeta é indiscutível. Além disso, ela é um componente insubstituível de diversas cadeias produtivas agrícolas, industriais e energéticas. Trata-se de um recurso estratégico, na medida em que é desigualmente distribuído pelo mundo, é motivo recorrente de conflitos, e sua disponibilidade na forma potável tem sido comprometida por diversas e generalizadas formas de contaminação (RIBEIRO, 2008).

Não é possível pensar em qualidade de vida sem a disponibilidade de água potável em abundância. Entretanto, à medida que a população mundial cresce e os processos de urbanização se intensificam<sup>4</sup>, verifica-se o aumento de demanda por água para diversos fins, e crescem também as disputas sobre a priorização do seu uso<sup>5</sup> (PORTO-GONÇALVES, 2008; UNEB, 2018b). Dentre as polêmicas associadas às estratégias para a sua exploração como recurso são relevantes, no contexto atual, as controversas tratativas e discussões em torno da privatização da sua gestão, uso, e comercialização em diversos países, e seus nexos com a promoção da cidadania.

Tendo em vista a preocupação das Organizações das Nações Unidas em promover a proteção da qualidade e do abastecimento dos recursos hídricos – como se verifica, por exemplo, no capítulo 18 da Agenda 21 ou no sexto objetivo da Agenda 2030 – foi feita, na

---

<sup>4</sup> John (2007) relata que, atualmente, o mundo conta com 23 megacidades, com mais de 10 milhões de habitantes e com crescimento de 60 milhões ao ano. Além disso, relata que mais de cinco milhões de mortes por ano são relacionadas a doenças veiculadas pela água, e que um quarto da população mundial não possui acesso seguro à água ou saneamento.

<sup>5</sup> Segundo Porto Gonçalves (2008), na segunda metade do século XX a população global cresceu três vezes e o consumo de água seis, com diferenças significativas entre países ricos e pobres, e mesmo entre populações de diferentes faixas de renda, em que a riqueza é proporcional ao consumo.

segunda edição do IFMundo do IFNMG-Almenara, a simulação em dois comitês simulados do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente<sup>6</sup> (PNUMA), cuja agenda foi baseada nos temas do 8º Fórum Mundial da Água, evento sediado no Brasil entre os dias 17 a 23 de março de 2018 com o tema “Compartilhando a Água”. O enfoque principal foi a discussão da gestão e distribuição dos recursos hídricos, do acesso ao saneamento básico de qualidade e da privatização da água ao redor do mundo.

A importância da pedagogia da simulação (MARTINS et al., 2018) revela-se na medida em que propôs aos participantes estudarem e colocarem à prova conhecimentos sobre o meio ambiente para solucionar os problemas relacionados à disponibilidade desigual de água e à preservação de recursos naturais essenciais à manutenção de mananciais, com foco na promoção democrática da qualidade de vida, tema que ganhou relevância nos dois espaços em que o foi discutido. O objetivo deste capítulo é relatar os fundamentos que guiaram as discussões propostas e a experiência dos comitês simulados, com seus desdobramentos.

### **Contexto, importância e função do programa das nações unidas para o meio ambiente (PNUMA)**

O PNUMA foi criado para inspirar, informar e capacitar as nações para promover o equilíbrio durável entre desenvolvimento econômico e conservação ambiental. Atualmente presidido pelo norueguês Erik Solheim (2019) e com sede em Nairóbi (Quênia), é resultante dos crescentes movimentos ambientalistas europeus e norte-americanos que se verificavam desde os anos 1960 – como é o caso do supracitado Clube de Roma – cujos reflexos foram observados, inclusive, na mudança de diretrizes de bancos e agências dedicados ao desenvolvimento internacional, que passaram a condicionar o acesso a linhas de crédito para projetos de

---

<sup>6</sup> Em inglês, *United Nations Environment Programme* (UNEP).

grande porte a estudos de avaliação de impactos ambientais, com reflexos em todo o mundo (UNEP, 2018a).

É fundado em 1972, quando a temática ambiental passa a compor definitivamente a agenda mundial de debates por ocasião da realização, pela ONU, da primeira Conferência Internacional do Meio Ambiente, em Estocolmo (Suécia). Ali, a proteção ambiental ganhou dimensão universal ao ser associada às noções de bem-estar social e econômico (COELHO MOREIRA, 2009). Entre as deliberações da conferência, foi referenciada a criação do PNUMA, cujo objetivo seria promover e coordenar ações para conservação, preservação, manejo e governança ambiental, e também para o desenvolvimento sustentável.

Desde então, o PNUMA atua nas áreas de mediação ambiental entre nações, com protagonismo no cumprimento de proposições de impacto mundial, tais como o protocolo de Kyoto, as Agenda 21 e 2030 e os Objetivos Globais. Além disso, contribui para a difusão de conhecimento científico através da promoção de convenções internacionais (como a Eco-92 e a Rio+20, no Rio de Janeiro); da disseminação de relatórios, artigos e material didático; e da promoção de estudos e ações voltadas à conscientização ambiental. O programa busca encorajar parcerias com os mais variados setores para viabilização de consensos, implementação de projetos e proposição de soluções integradas para questões ambientais complexas, e foi protagonista em vários acordos de sucesso, entre os quais o Protocolo de Montreal (1987), que limitou a emissão de gases nocivos à camada de Ozônio, e a Convenção de Minamata (2012), que previu a limitação do uso de mercúrio, metal tóxico à saúde humana (UNEP, 2018a).

O PNUMA organiza sua atuação em sete grandes áreas temáticas: mudança climática, desastres e conflitos, gestão de ecossistemas, governança ambiental, resíduos e substâncias químicas, uso eficiente de recursos, e estudos ambientais (UNEP, 2018a). No Brasil, possui escritório em Brasília e atua na divulgação e popularização de informações relacionadas ao meio ambiente e ao



desenvolvimento sustentável, e promove a participação de especialistas e instituições em iniciativas de interesse mundial (ONU, 2018).

Especificamente em relação às temáticas relacionadas à água<sup>7</sup>, que foram centrais nas discussões dos comitês simulados, o PNUMA apoia os países na promoção do bem-estar humano e da saúde ambiental por meio do suporte às nações na gestão, proteção e restauração dos ecossistemas de água doce, ao mesmo tempo em que busca aumentar sua resiliência a desastres naturais e conflitos, contribuindo diretamente para o atendimento de pelo menos oito<sup>8</sup> dos dezessete objetivos previsto na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (UNEP, 2018b).

## **O 8º fórum mundial da água e controversa questão da sua privatização**

O Fórum Mundial da Água é um evento trienal realizado desde 1997 com o objetivo de discutir e viabilizar soluções para questões relacionadas aos recursos hídricos e para reforçar o direito fundamental dos seres humanos à água potável e ao saneamento. Segundo Cunha et al. (2010), a ideia de criação de um conselho internacional sobre a temática surgiu em 1977, na Conferência de

---

<sup>7</sup> Ressalta-se: o PNUMA não é o único comitê da ONU que se dedica às questões relacionadas ao meio ambiente. A UNESCO, por exemplo, promove a “a Conferência Internacional da Água e Desenvolvimento Sustentável”.

<sup>8</sup> De acordo com UNEP (2018b), as estratégias para proteção da água proposta pelo PNUMA abarcam os seguintes objetivos da Agenda 2030: Objetivo 2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável; Objetivo 3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades; Objetivo 6. Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos; Objetivo 7. Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos; Objetivo 11. Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis; Objetivo 13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos; Objetivo 14. Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável; Objetivo 16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

Mar Del Plata (Argentina), que só se consolidou no VIII Congresso Mundial da Água, em 1995, no Egito.

Como arena de debates, foi concebido com o duplo objetivo de enxergar a água como um bem coletivo, mas também como oportunidade de negócio, ao propor a substituição do Estado como seu principal investidor. Em suas oito edições, fortaleceu-se o argumento de que a gestão privada ou coparticipativa (via parceria público-privada) da gestão da água seria uma estratégia viável para impedir seu esgotamento e garantir sua distribuição, potabilidade e disponibilidade para a produção de alimentos, na medida em que o financiamento de novos investimentos viabilizar-se-ia apenas com o pagamento pelo bem consumido.

Tal argumento é resultante de uma entre várias maneiras de se abordar a questão do esgotamento da água e as propostas para solução. Metha (2014) sintetiza a abordagem da escassez em quatro visões diferentes, apresentadas no Quadro 01. A visão 02, que se apoia em argumentos econômicos ao propor sua privatização e redução à condição de *commodity*<sup>9</sup>, ignorando as dimensões simbólicas e materiais, é justamente aquela apresentada pelo Fórum.

---

<sup>9</sup> Mercadoria de qualidade e característica uniformes, cujo preço é definido pelo mercado internacional. São exemplos de *commodities* o petróleo, a soja e o ouro.

Quadro 01 - Formas de abordar a questão da escassez de água (MEHTA, 2014)

	(1) Escassez física ou de primeira ordem	(2) Escassez econômica ou de segunda ordem	(3) Escassez adaptativa ou de terceira ordem	(4) Escassez oriunda de processos sociopolíticos
<b>Fundamentos</b>	Quantidades volumétricas; Crescimento populacional; Projeção de futuras demandas; Crescimento industrial	Desenvolvimento inadequado da infraestrutura relacionada a água; Gestão e arranjos institucionais frágeis	Contexto social, político e econômico de gestão da água	Escassez como um produto de processos sócio-políticos e da perpetuação de discursos interessadas; Falha no acesso a direitos
<b>Solução para a gestão das águas</b>	Aumento do suprimento via armazenamento; dessalinização; transferência de água entre bacias (transposição).	Realocação de recursos hídricos por meio de mercados de água; Reformas no setor de abastecimento de água; Ajustes tecnológicos; Atribuição de preço; Aumento da eficiência no uso.	Mudança da capacidade adaptativa social por meio da educação, e de mudanças culturais e de modos de vida	Solução via deliberações; instituição de processos de tomada de decisão; Promoção da equidade e realocação de pessoas
<b>Solução para o acesso a água</b>	Observação dos Objetivos do Milênio para o Desenvolvimento e dos rios como Linha de Vida	Transformação da água em mercadoria; Atribuição de preço; Privatização; Gestão comunitária/ Parcerias público privadas	Mudança da capacidade adaptativa social por meio da educação, e de mudanças culturais e de modos de vida; Tomadas de decisão	Redistribuição/aperfeiçoamento da equidade; Instituição de direitos relacionados à água (por exemplo, o direito humano ao acesso a água)

Fonte: adaptado de Mehta (2014, p.61), tradução livre.

Para Augusto et al. (2012), o discurso adotado pelo Fórum Mundial da Água disfarça a construção de uma agenda especulativa do capital privado que se respalde em preceitos da economia verde e vislumbre um mercado de água engarrafada cujo baixo valor agregado propicie um potencial de lucro não negligenciável. Por definição, a estratégia seria acompanhada de forte publicidade, indução de demanda e limitação do acesso popular a mananciais. Graças a ela, por exemplo, o comércio de um tipo de água engarrafada não mineral adicionada de sais foi regulamentada no Brasil pela Anvisa em sua Resolução 309/1999.

O próprio discurso da escassez é interessado, na medida em que apresenta a água como um bem raro apto à comercialização, argumenta Porto-Gonçalves (2008). O autor explica que, ao contrário do que recorrentemente se propaga – de que a disponibilidade de água potável no mundo é inferior a 1% – a água consumida por todos os seres vivos é oriunda, em grande parte, da evaporação de águas oceânicas, à taxa de 505.000 Km<sup>3</sup>/ano. Além disso, constata que o mundo possui a mesma quantidade de água disponível desde a última era glacial, registrada há mais de 12 mil anos.

A perversa contradição entre o discurso e a observação da realidade revela a escolha do caminho para mercantilização de um recurso abundante. Contudo, Porto-Gonçalves pondera que o crescimento da demanda por diversos setores, associado aos desequilíbrios do ciclo da água provocados por ações antrópicas, além de sua contaminação de mananciais e aquíferos por agentes diversos, têm acirrado as disputas pelo seu controle. A situação se agrava, como ressaltam Rodriguez-Labajos & Matinez-Alier (2015), quando a taxa retirada de água de reservatórios subterrâneos supera a taxa de reposição por infiltração, o que pode acarretar em crises de abastecimento, além da salinização da água e compactação dos aquíferos pelo irreversível solapamento das suas estruturas.

Toda maneira, a discussão de alternativas para o acesso à água não deve perder de vista seu valor como direito humano fundamental. O trabalho de Ferreira (2011) é certo ao enumerar os esforços mundiais de fazê-la reconhecida como um direito independente, já que é indispensável à manutenção da vida. Curiosamente, trata-se de um direito de pouco protagonismo, recorrentemente implícito<sup>10</sup> como condição precípua de outros, como o direito à vida, ao exercício da cidadania, ao acesso à alimentação e à promoção da saúde.

Os debates realizados nos comitês simulados do PNUMA evidenciaram essas contradições, já que, além de não haver consenso estabelecido, os países adotam diferentes políticas de gestão da água ao redor do globo. Curiosamente, os acordos estabelecidos entre os delegados participantes não excluíram a privatização da água como possibilidade, como se verá a seguir.

## **A experiência do debate nos comitês simulados do PNUMA**

Para o desenvolvimento de reflexões relacionadas ao tema central dos comitês, foi proposta uma agenda de debates composta pelos seguintes tópicos:

### **1) Privatização da água:**

- Uso da água para pequenos agricultores;
- Migração de pessoas em busca de água;
- Povos indígenas em regiões em que a água foi privatizada.

### **2) Gestão dos recursos hídricos:**

- Saneamento básico;
- Uso e ocupação dos solos para preservação dos mananciais;
- Manutenção da vegetação ciliar.

---

<sup>10</sup> Segundo Ferreira (2011), o direito a água “não foi explicitamente reconhecido na Carta Internacional de Direitos Humanos. A Declaração Universal de Direitos Humanos, o Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, e o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos não fazem qualquer menção a esse direito. Porém, isso não significa que ele não exista. O Comitê dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais das Nações Unidas declarou que o direito à água existe como direito independente, por inferência dos artigos 11 e 12 do Pacto” (FERREIRA, 2018, p. 60).

A primeira constatação necessária foi de que, embora os países e organizações tenham sido representados por pessoas diferentes em cada comitê, os resultados das propostas de resolução guardaram muitas semelhanças, relacionadas tanto à promoção de ações relacionadas à gestão hídrica voltada à melhoria da qualidade de vida humana, quanto a recomendação de punições mais rigorosas a quaisquer agentes ou instituições que comprometerem a qualidade e uso da água. De maneira sintética, foram propostas as seguintes resoluções:

- Tópico 1 – Àqueles países que desejassem aderir à privatização, foi sugerido a regulamentação de leis, políticas, diretrizes e fiscalização baseada em padrões internacionais capazes de garantir o abastecimento de água em quantidade e qualidade justa a toda a população, sem distinções, estabelecendo, inclusive, limites de captação. Às empresas estatais caberia a fiscalização da qualidade dos corpos hídricos, com intuito de assegurar que não houvesse mau uso ou desperdício de água.
- Tópico 2 – Recomendou-se aos governos que se comprometessem a promover o saneamento básico como direito fundamental, por meio de gestão responsável e eficaz, capaz de garantir a dignidade humana, preservando as nascentes e conservando os recursos hídricos. Referendou-se aos países que garantissem proteção legal às nascentes em um raio de 45 metros, com o objetivo de evitar invasões de pessoas e animais, bem como o desmatamento, com punições severas a quem deteriorá-las.

No decorrer da simulação do comitê, foi introduzida uma crise<sup>11</sup> envolvendo o anúncio de uma multinacional que privatizou a captação e distribuição de água do rio Nilo no Sudão, por meio da construção de uma enorme barragem, com interrupção de água e prejuízos humanos e econômicos irreparáveis à jusante, no Egito. A resolução da crise envolveu a recomendação da remoção da barragem e a normalização

---

<sup>11</sup> De acordo com as regras da simulação, as crises devem ser resolvidas em caráter imediato, e requerem a obtenção de consenso entre os delegados.

do curso do rio, o fornecimento de água potável para as populações atingidas, bem como uma reparação monetária pelos prejuízos sofridos e remoção temporária de famílias de áreas mais afetadas pela repentina escassez de água até que o problema fosse solucionado. Além disso, recomendou-se pela imposição de embargos econômicos a países que ameaçassem a soberania e a reprodução dos modos de vida em outros territórios fronteiriços por meio do comprometimento de mananciais compartilhados.

A experiência proporcionada pelo comitê possibilitou o debate sobre problemas mundiais relacionados à gestão hídrica a partir de diferentes óticas, bem como o exercício da alteridade na proposição de soluções relacionadas aos conflitos pelo uso da água. Cabe ressaltar, contudo, que muitas vezes o senso comum<sup>12</sup> prevaleceu sobre o conhecimento formal, o que pode ser uma evidência do distanciamento entre os conteúdos trabalhados em sala de aula relacionados ao meio ambiente e os conceitos necessários para se pensar a temática de maneira pragmática. Longe de se esperar dos estudantes do ensino médio desempenho semelhante ao daqueles de graduação, tampouco de especialistas da área, a constatação revela, todavia, a importância de se trabalhar em sala de aula conceitos e fenômenos concernentes à problemática ambiental de maneira mais aplicada, o que inclui a seleção cuidadosa de textos especializados para discussão, a construção de glossários, e a realização de viagens de campo. Além disso, a experiência sugere que um trabalho na direção da familiarização dos estudantes com métodos científicos de pesquisa, associado a uma instrumentalização mais intensa em línguas estrangeiras podem permitir aos participantes ampliarem e sistematizarem melhor seu leque de informações. Adicionalmente, reforçou-se a necessidade de se investir no desenvolvimento de

---

<sup>12</sup> Aparentemente, os participantes desconsideraram em sua preparação uma série de legislações internacionais que já prevêm métricas objetivas para delimitação de áreas de proteção ambiental, inclusive a brasileira, uma das mais avançadas do mundo. A Resolução Conama N° 369, de 28 de março de 2006, por exemplo, poderia servir de referência para a determinação de regras para a limitação de áreas de proteção permanente de mananciais. Especificamente, prevê um raio de proteção às nascentes de 50 metros, cinco a mais do que o acordado na resolução dos comitês, de 45 metros.

competências argumentativas sobre os temas, especialmente aqueles relacionados à realidade local, como a Resolução do Conama citada na nota de rodapé. Entre as habilidades necessárias, elencam-se a compreensão de situações-problema, a construção de argumentações e elaboração de propostas. Isso abre uma brecha para as seguintes provocações: deve-se exigir mais do representante do Brasil do que de outras nações? O Brasil deve ser representado nos comitês em que assume o protagonismo?

### **Considerações sobre a experiência nos comitês simulados do PNUMA**

A água é um bem precioso, abundante e essencial. Sua redução à condição de mercadoria deve ser debatida com cautela, pois pode provocar a transformação de um direito humano em um privilégio. A experiência mundial mostra que, além disso, há risco da precarização dos serviços a ela associados por meio de inflação de cobranças e tarifas, ineficiência na distribuição e coleta, falta de transparência ou insuficiência de investimentos, sem contar as inúmeras dificuldades legais em se reverter processos de privatização mal sucedidos. De acordo com Carneiro (2017), em publicação da BBC, 267 cidades do mundo que experimentaram a privatização da água já a remunicipalizaram ou reestatizaram. É o caso de importantes capitais como Berlim, Paris e Buenos Aires.

Porém, a mera garantia do direito ao acesso à água não é suficiente. A promoção da cidadania global requer incutir nas pessoas a responsabilidade sobre a manutenção dos recursos naturais do planeta. Discussões como as promovidas pelos comitês simulados do IFMundo são capazes de despertar o senso crítico dos participantes sobre questões contemporâneas, convidam-nos a envolverem-se com temas espinhosos e colocam-nos à prova em debate. Mesmo considerando que o curto período do evento seja insuficiente para esgotar uma discussão tão complexa, em termos pedagógicos os ganhos são intangíveis. Os participantes



desenvolvem senso crítico e passam a observar os fenômenos mundiais de maneira integrada ao estabelecer relações entre o que é global e o que é local. Também percebem a importância de uma boa imersão teórica como meio para um maior sucesso argumentativo.

No caso do PNUMA, as questões ambientais naturalmente surgem com maior relevo, sem, contudo, desconectarem-se de outras, também relevantes, que envolvem o futuro do planeta. Assim, os anseios múltiplos da sociedade a respeito de temas como desenvolvimento econômico e social, conservação e preservação ambiental, ou ainda, relacionados à preservação da memória material e imaterial, são postos à baila e observados sob diversas lentes na busca por consensos. Especificamente, a questão da privatização fez aflorar alguns questionamentos até então inéditos entre os participantes, entre os quais, um permaneceu: afinal, por que pagar por algo que, literalmente, cai do céu?

## Referências

- ACSELRAD, Henri. Desenvolvimento sustentável: a luta por um conceito. Proposta, 17(56):5-8.1993.
- ACSELRAD, Henri. Discursos da sustentabilidade urbana. sn: sl, 1999.
- Ambiente e Desenvolvimento. 3.ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições, 2001. 598 p.
- AUGUSTO, Lia Giraldo da Silva; GURGEL, Idê Gomes Dantas; NETO, Henrique Fernandes Câmara; COSTA, André Monteiro. O contexto global e nacional frente aos desafios do acesso adequado à água para consumo humano. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v.17, n. 6, p. 1511-1522, jun. 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232012000600015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000600015&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 30 dez. 2018.
- CARNEIRO, Júlia Dias. Enquanto Rio privatiza, por que Paris, Berlim e outras 265 cidades reestatizaram saneamento? Rio de Janeiro, 23 jun. 2017.

Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40379053>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

COELHO MOREIRA, Isabela. Diretrizes e perspectivas do licenciamento ambiental. Revista Científica ANAP Brasil, v. 2, n. 2, 2009.

COSTA, Alfredo; FELIPPE, Miguel Fernandes; REIS, Gabriela. Licenciamento ambiental de grandes empreendimentos minerários: dos alarmes que ninguém escuta à tragédia no rio Doce. Revista GEOgrafias, v. 1, p. 95-113, 2016.

CUNHA, Tássio Barreto.; OLIVEIRA, Diego Bruno Silva de; LINHARES, Franklin Mendonça; SANTOS, José Yure Gomes dos; VIANNA, Pedro Costa Guedes. Uma sinopse na política mundial da água. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2010, PORTO ALEGRE - RS. XVI ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2010.

FERREIRA, Luciane. Do acesso à água e do seu reconhecimento como direito humano. Revista de Direito Público, Londrina, V. 6, N. 1, P. 55-69, Jan/Abr. 2011. Disponível em < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/direitopub/article/view/8141/8445>>. acessos em 30 dez. 2018.

JOHN, Liana. Água como objeto de disputas mundiais. 2007. Disponível em: <[www.estadao.com.br/ext/ciencia/agua/aguanobrasil.htm](http://www.estadao.com.br/ext/ciencia/agua/aguanobrasil.htm)>. Acesso em 30 de dezembro de 2018.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Do ecodesenvolvimento ao desenvolvimento sustentável: evolução de um conceito? Proposta, 25(71):5-10.1997.

MARTINS, Alex Lara; COSTA, Alfredo; PALHARES, Leonardo Machado. Cidadania global e direitos humanos: efeitos educacionais do desenvolvimento da simulação da ONU no Vale do Jequitinhonha. Monções: Revista de Relações Internacionais da Ufgd, Dourados, v. 7, n. 14, p.11-39, 2018. Semestral. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/9105>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

MEHTA, Lyla. Water and human development. World Development, v. 59, p. 59-69, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). ONU Meio Ambiente - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Disponível em

<https://nacoesunidas.org/agencia/onumeioambiente/>, acessado em 31 de dezembro de 2018.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A luta pela apropriação e reapropriação social da água na América Latina. Observatório Latinoamericano de Geopolítica. 2008. Disponível em <https://geopolitica.ws/article/a-luta-pela-apropriacao-e-reapropriacao-social-da-/>. acessos em 30 dez. 2018.

RIBEIRO, Wagner Costa. Geografia política da água. Annablume Editora, 2008.

RODRÍGUEZ-LABAJOS, Beatriz; MARTÍNEZ-ALIER, Joan. Political ecology of water conflicts. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Water*, v. 2, n. 5, p. 537-558, 2015.

SACHS, Ignacy. Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir. SP. Vértice. 1986.

SENADO FEDERAL. Agenda 21 - Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 3.ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições, 2001. 598 p.

TURNER, Graham. A Comparison of the limits to growth with thirty years of reality. *CSIRO Sustainable Ecosystems*, 2007.

UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME (UNEP). About UN Environment. Disponível em <https://www.unenvironment.org/about-un-environment>, acessado em 31 de dezembro de 2018a.

UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME (UNEP). Freshwater Strategy 2017-2021. 2017. Disponível em <http://www.unenvironment.org/resources/publication/un-environments-freshwater-strategy-2017-2021> , acessado em 31 de dezembro de 2018.

UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME (UNEP). Why does water matter?. Disponível em <https://www.unenvironment.org/explore-topics/water/why-does-water-matter>, acessado em 31 de dezembro de 2018b.



## Capítulo 04

### **As experiências de aprendizagem nas interações do comitê do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**

*Rosilene dos Anjos Sant'ana*

*Clara Ramalho Queiroz*

*Maria Fernanda Miranda*

#### **Introdução**

A sociedade pós-moderna e líquida (BAUMAN,1998) necessita pensar na formação crítica e reflexiva dos cidadãos. Pensar nisso dentro dos muros da escola significa buscar ações que estimulem os estudantes a atuarem *agentivamente* na sociedade (BAZERMAN, 2011). Nesse caminho, os modelos de simulação da ONU configuram-se como uma oportunidade para se pensar em questões mundiais capazes de levar os alunos a pensarem e refletirem sobre seu agir no mundo.

Sendo assim, no projeto de simulação do IFNMG campus Almenara (IFMundo), dentre os comitês de discussão em 2018, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) levou os alunos a refletirem sobre políticas de integração para imigrantes. Esse tema é de suma importância para o momento atual. O objetivo do ACNUR é proteger refugiados e pessoas deslocadas por guerras, conflitos e perseguições. Embora essa agência protetora dos direitos humanos exista desde 1951, ainda assim, percebemos com frequência o desrespeito à dignidade humana de refugiados. De maneira estimulante e rica, esse tema foi discutido em dois comitês no IFMundo, um em língua portuguesa e outro em língua espanhola.

Ao esforçarem-se para entender e discorrer a realidade sobre a imigração, os alunos demonstraram seu potencial em defender e dialogar os interesses do país representado, além de desenvolver a liderança necessária para promover acordos e resoluções.

Além disso, no comitê em língua espanhola, as dificuldades e êxitos tiveram caráter especial, pois ao falar a língua que é considerada propriedade do outro, surge o questionamento de como agir nas situações de uso. Portanto, ademais de explorar o senso crítico, as habilidades com a oratória, a representação e o conhecimento de mundo, cada estudante teve que lidar com a reconstrução de sua identidade enquanto falante de uma língua estrangeira. Portanto, aqueles que participaram desses dois comitês cresceram como cidadãos e como alunos.

Neste artigo, objetiva-se apresentar como se deu a organização desses dois comitês e de que maneira a experiência nas discussões contribuíram para a formação cidadã dos estudantes envolvidos.

## **O comitê ACNUR e seu importante papel humanitário**

No cenário mundial, a maioria das pessoas pode contar com a proteção do seu Estado para que lhe sejam garantidos os direitos humanos. Porém, o mesmo não acontece com quem precisa deixar sua nação, pois os países mostram-se incapazes de garantir esse direito. Nesse caminho desde 1951, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) objetiva proteger refugiados e pessoas deslocadas por guerras, conflitos e perseguições.

Para compreender melhor as questões que envolvem os direitos dos refugiados, é importante ressaltar, primeiramente, quem faz parte desse grupo. Assim,

[i]nicialmente o Estatuto dos Refugiados de 28 de julho de 1951 considerava “refugiado” somente aquele que, em consequência de acontecimentos ocorridos antes de 1º de Janeiro de 1951, e, em virtude de perseguição ou fundado temor de perseguição baseada

em sua raça, religião, nacionalidade, opiniões políticas ou pertença a certo grupo social, não pudesse retornar ao país de sua residência (CARVALHO RAMOS, 2011, p. 28).

A definição de refugiado apresentada acima não é abrangente o suficiente, pois o fato de restringir os tipos de perseguições e o momento temporal até a 2ª Guerra Mundial exclui os conflitos surgidos fora do contexto da guerra e do continente europeu. Sendo assim, em 1967, o Protocolo Adicional à Convenção suprimiu, da definição de refugiado, a limitação aos acontecimentos ocorridos antes de 1951 (CARVALHO RAMOS, 2011).

No contexto do Brasil, foi promulgada a Lei nº 9474/97, que ainda adotou a definição ampla de refugiado do Estatuto e definiu que:

Art. 1º Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país (BRASIL, 1974).

Reconhecido então quem é considerado hoje um refugiado, passa-se agora a observar que na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) estão garantidos os direitos relacionados aos refugiados. Dentre os artigos da declaração, destacam-se:

Artigo XIV - Todo ser humano, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países;

Artigo XV - I. Todo homem tem direito a uma nacionalidade. II. Ninguém será arbitrariamente privado de sua nacionalidade, nem do direito de mudar de nacionalidade;

Artigo XVIII: Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público ou em particular (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DO DIREITOS HUMANOS).

O exposto nos artigos acima deixa evidente que um cidadão deve ter garantido o direito de lutar pela vida em uma nação que não ameace sua sobrevivência. Contudo, é frequente o desrespeito à dignidade humana. Nos últimos anos, tem crescido a busca pelo refúgio e o direito à vida em país alheio, e, ainda assim, o cenário econômico mundial propicia a gestação de graves crises referentes aos imigrantes e refugiados. Essas crises não retratam apenas a falta de políticas públicas para que se organize a entrada e permanência dos estrangeiros no novo país, pior ainda, demonstram o descaso com que essa questão vem sendo tratada, principalmente, pelos países mais desenvolvidos. Esses países, por terem maiores condições, poderiam garantir a segurança e a proteção. Sobre esse aspecto, vale ressaltar o que lembra Aguiar (2015), ao apresentar dados desse cenário.

Segundo dados do ACNUR, 86% dos refugiados encontram-se nos países em desenvolvimento. Dos 60 milhões de pessoas forçosamente deslocadas, mais da metade permanece nos seus países de origem, movendo-se internamente em busca de alguma forma de proteção. Infelizmente, a mobilidade para países ricos ou emergentes é restrita a um pequeno grupo de pessoas que, a despeito dos riscos e da sombra constante da morte iminente nos seus inóspitos trajetos e travessias, quando da chegada, ainda não encontra qualquer garantia de proteção (AGUIAR, 2015).

Nesse caminho, o papel da Agência da ONU torna-se, nos dias atuais, tão essencial quanto no momento em que foi instituída, pois a forte associação do refúgio com o medo da estabilidade demográfica e econômica (AGUIAR, 2015) e a justificativa de descaracterização da identidade dos povos que acolhem fazem com



que cresça o desrespeito e o preconceito, dificultando a garantia de direitos.

Isso posto, ao invés de se caminhar para propagação de uma política pública mundial para garantir que os imigrantes tenham acesso ao engajamento na língua ao entrar no novo país e à regularização trabalhistas, o que se percebe é

[um] discurso político que condena qualquer forma de migração, e que, inclusive, deseja revisar alguns pontos do Estatuto dos Refugiados como ficou claro no discurso de posse, proferido em 1998, da presidência rotativa da União Europeia, cujo representante pertencia a Áustria, que afirmou de forma contundente, a necessidade de se alterarem as normas que concedem o refúgio, alegando que ele vem sendo utilizado por pessoas que não se encaixam na sua descrição legal (BUSCH, 1999). Além desse exemplo, mais recentemente há o caso da Itália e França que resolveram restringir a entrada de imigrantes de vários países africanos devido aos acontecimentos da chamada Primavera Árabe (SILVA, 2017, p.164).

Ao observar o exposto acima, é possível afirmar que ainda é crucial que se discutam as questões relativas aos refugiados e a falta de políticas públicas que garantam vida digna e direitos à população. Os noticiários atuais continuam a mostrar descasos e mortes de refugiados em suas travessias antes mesmo de chegarem aos destinos pretendidos. Além disso, quando eles conseguem chegar, não têm o apoio necessário para recomeçar as suas vidas. Portanto, ainda no século XXI, a imigração é um problema que está longe de ser resolvido. Além de discuti-lo, é preciso estimular as pessoas a reconhecerem a importância do acolhimento ao refugiado.

### **A simulação do comitê ACNUR no IFMundo**

Devido ao cenário mundial relatado no tópico anterior, torna-se fundamental estimular os jovens brasileiros, ainda em idade escolar, a refletirem sobre os problemas que perpassam a imigração.

Dessa maneira, um dos caminhos que podem oportunizar essa reflexão é a atuação em ações de linguagem oral, que estimulem a argumentação. Isso porque, ao debater temas que despertam o repensar crítico de interesse global, a reflexão deve ser estimulada para que o aprendiz possa sempre questionar o mundo no qual vive e a moralidade na qual se engaja. Corroborando essa formação cidadã, Freire (2005) aponta que

O homem chega a ser sujeito por uma reflexão sobre sua situação, sobre seu ambiente concreto. Quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la (FREIRE, 2005, p. 39).

Ao refletir constantemente sobre o seu agir e o agir alheio, cada um pode construir suas próprias ideias e opiniões sobre os diferentes aspectos da sociedade. Como mencionado na reflexão de Freire (2005), cabe ao cidadão crítico lembrar que ele é ou deveria ser um sujeito atuante no mundo de forma que reflita o que acontece à sua volta.

Nesse sentido, o ensino na escola de educação básica também se engaja na tarefa árdua de contribuir com a formação crítica, reflexiva e cidadã dos estudantes. Sendo assim, pensando nessa formação tão necessária para que os alunos possam atuar *agentivamente* na sociedade, o campus Almenara espelhou-se no projeto MINIONU, da PUC Minas, enxergando aí uma grande oportunidade para desenvolver um projeto que sistematizasse temas globais que seriam estudados e discutidos pelos alunos. A partir desse espelhamento pensou-se na metodologia do IFMundo.

No campus Almenara, o IFMundo acontece desde 2016. Em 2018, foram realizados debates em sete comitês, dispostos nas suas respectivas salas, cada uma com seus delegados, diretores e auxiliares. O comitê ACNUR contou com uma agenda envolvendo políticas de integração para os imigrantes, porém esse comitê teve discussões em dois ambientes diferentes, uma turma de alunos

discutiu a agenda em língua portuguesa e outra turma em língua espanhola. A seguir, serão apresentados os principais resultados da realização desses dois comitês.

### **A organização do comitê em língua portuguesa**

Em face do atual e acelerado processo de globalização mundial, experiências de discussão acerca de temas que afetam a realidade coletiva podem ser excelentes alternativas de construção de cidadãos mais conscientes, esclarecidos e capazes de alterar o meio ao seu redor. Sendo assim, a experiência de participação em debates como os que aconteceram no IFMundo pode gerar uma série de consequências positivas na vida dos envolvidos, sejam eles professores, alunos ou observadores. A possibilidade de lidar com diferentes realidades, diferentes culturas e diferentes meios de interpretação da realidade permite aos envolvidos a oportunidade de enriquecer o seu conhecimento de mundo e amplificar a sua visão acerca da geopolítica global.

### **As experiências e as aprendizagens**

Analisando de maneira mais detalhada a participação dos alunos nos debates do evento em questão, pôde-se observar de maneira incrivelmente meritória o crescimento destes como cidadãos ativos e agentes de sua ação no mundo (BAZERMAN, 2011). Ao se esforçarem para entender e discorrer sobre a realidade de uma determinada região do globo terrestre, eles demonstraram seu potencial de defender os interesses do país representado, de dialogar e desenvolver a liderança necessária para promover acordos e resoluções para problemas mundiais.

No comitê em língua portuguesa (ACNUR 1) tiveram representações os países Itália, Senegal, África do Sul, Espanha, Síria, Índia, Arábia Saudita, França, Haiti, Paraguai, Nigéria, Afeganistão, Israel, Venezuela, Brasil, Cuba, México, Reino Unido.

Dentre os representantes foram discutidas pautas sobre assuntos como a crise de refugiados da Europa, direitos dos trabalhadores migrantes, alternativas de integração cultural e linguística dos imigrantes, entre outros. Esses temas foram debatidos a fim de estabelecer políticas de inserção efetiva dos imigrantes na sociedade, de modo que problemas estruturais como a xenofobia e a miséria se tornem cada vez mais raros. Através das discussões desse comitê, os estudantes puderam compreender de maneira mais profunda e detalhada as adversidades que fazem parte da rotina dos indivíduos migrantes e como tais contratempos são responsáveis por afetar o cumprimento dos direitos básicos e essenciais para a vida dos seres humanos.

Ademais, nota-se que esta atividade de simulação consistiu em uma excelente forma de aquisição de conhecimentos a respeito da geopolítica mundial (tanto em termos atuais quanto referentes ao passado), fornecendo aos estudantes a oportunidade de identificar e analisar fatos históricos que ocasionam os fluxos migratórios, bem como as reais motivações adotadas pelas nações para justificar o seu posicionamento a favor ou contrário a recepção de imigrantes refugiados. É importante ressaltar também que, ao defender o posicionamento de um determinado país acerca dos direitos e da integração dos indivíduos migrantes, os educandos tiveram a oportunidade de refletir, como sujeitos sociais, sobre os valores éticos e morais do mundo atual, observando até onde os interesses econômicos podem contradizer o real pensamento altruísta. Ao propor o posicionamento da nação representada quanto aos tópicos da agenda, os estudantes demonstraram a sua capacidade de desenvolver a oralidade foram competentes o suficiente para proferir seus discursos.

### **A experiência do ACNUR em língua espanhola**

Algumas reflexões têm perpassado o ensino de língua estrangeira (LE) na educação básica, dentre essas reflexões está o que

os documentos oficiais apresentam. As Orientações Curriculares do Ensino Médio (OCEMs), por exemplo, esclarecem que o papel do ensino de LE na escola de Ensino Básico “vai muito além de meramente capacitar o aprendiz a usar uma determinada língua estrangeira para fins comunicativos” (OCEM, 2006, p.92). Sendo assim, é preciso que os momentos de aprendizagem de uma LE proporcionem uma formação crítica-reflexiva ao aluno para que ele possa, ao usar a língua aprendida, ser capaz de perceber e questionar o mundo no qual atua.

Seguindo essa premissa, em 2018 idealizou-se preparar um comitê em língua espanhola para atuar nas discussões do IFMundo no campus Almenara, assim como também ocorre no projeto MINIONU da PUC Minas. Essa proposta foi feita aos alunos e eles poderiam escolher se participariam ou não desse comitê. A adesão foi significativa: no total 18 alunos se propuseram ousar fazer os debates em língua espanhola. O Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados (ACNUR 2) foi simulado em espanhol. Muitos tópicos foram estabelecidos, para que o debate englobasse, de maneira sucinta, diversas áreas, criando-se oportunidades para expressão de longas exposições e explicações de pontos de vista, não só em relação aos fatos atuais, mas também conflitos, acontecimentos históricos, como o muro do México, a desavença entre a Venezuela e a Colômbia, a comum posição contrária às demais, por parte dos Estados Unidos da América, entre outros. Os delegados discutiram sobre os Direitos Humanos, a adaptação dos imigrantes em relação à língua, à religião, ao auxílio vindo dos governos, independentemente do setor, leis trabalhistas e também a fiscalização por parte de cada governo.

Esse comitê não foi composto apenas por países que têm como língua oficial o espanhol, mas os teve em sua maioria. Tiveram representante nesse comitê Afeganistão, Bolívia, Brasil, Cuba, Estados Unidos, México, Paraguai, Paraguai, Reino Unido, Venezuela, Uruguai, Chile, Equador, Argentina, Guiana, Colômbia, Peru e houve também representação do Mercosul. Vale ressaltar que dentre esses

países, a Venezuela foi um dos focos de discussão, uma vez que em 2018 viveu vários conflitos com questões migratórias de seu povo.

### **A interação oral no comitê**

Muitos tópicos foram estabelecidos, para que no debate surgissem desavenças e oposições de pontos de vista. Além de explorar o senso crítico, as habilidades com a oratória, a representação e o conhecimento de mundo de cada um em relação ao que era discutido no comitê, um outro fator explorado no ACNUR 2 foi a prática, o domínio da língua espanhola. Afinal, a simulação foi realizada em duas manhãs e uma tarde e meia nas quais só era permitido falar em língua espanhola. Assim, as dificuldades e êxitos deste comitê têm caráter especial, pois ao falar a língua estrangeira, considerada, a princípio, propriedade do outro, coloca-se em questão o que se deve fazer e como se deve agir em situações de uso da nova língua.

As dúvidas advindas do conflito desse momento de atuar na LE remetem à formação identitária pela qual passa o aprendiz de uma nova língua. Sobre isso, Leffa (2013) aponta que identidade é a resposta que se dá para a pergunta: “quem sou eu?”. Porém, no meio desse processo de aprender, esse questionamento ao invés de ser respondido, pode ser ainda mais potencializado e gerar outras perguntas, causando, assim, problemas ao aprendiz no que concerne à sua identidade com a nova língua. Igualmente tratando desse aspecto, Revuz (1998) alerta que a aprendizagem de LE se destaca pelos seus insucessos, e que “não são muitas as pessoas que alcançaram um bom conhecimento de uma ou várias línguas estrangeiras [...]” (REVUZ, 1998, p. 213). Esse insucesso pode acontecer por diferentes fatores, a saber, a insegurança e constrangimento.

Após a realização do IFMundo, os alunos puderam manifestar opiniões sobre essa experiência por meio de um questionário, em que foram feitas perguntas referentes a diferentes aspectos, tais

como: quais foram as maiores dificuldades encontradas, a avaliação da própria atuação e sugestões de preparação para próximos comitês. Neste texto, é possível acompanhar algumas dessas opiniões. Abaixo apresenta-se algumas respostas da pergunta referente às principais dificuldades apresentadas ao atuarem na LE. Ressalta-se que cada estudante escolheu um pseudônimo para que fosse preservada sua identidade.

#### Quadro 01: Respostas dos Estudantes

**A topzeira:** *Lo e El kkk*

**DELE Mercosul:** A pronúncia de palavras com RE e Gi na mesma palavra: religión.

**Nay J:** A pronúncia do R, principalmente no começo das palavras

**Grey:** Além da insegurança, tenho dificuldade na pronúncia do R e do RR.

**Ádrian:** Vergonha y ansiedade.

Fonte: dados de pesquisa.

É possível notar nas opiniões expressas que os alunos relataram dificuldade com a pronúncia principalmente de <R> e <RR>. Essa dificuldade pode ser enfatizada devido ao fato de que os alunos brasileiros confundem a pronúncia dessas letras com as pronúncias em língua portuguesa. Essa dificuldade é comum na aprendizagem de língua espanhola no Brasil. Além disso, os estudantes relataram dificuldade quanto ao uso de <LO> e <EL>. Esse aspecto foi muito trabalhado durante o curso preparatório para o IFMundo. Por várias vezes os alunos passaram por correções orais. Mesmo assim, o uso do artigo neutro “lo” com substantivo parece algo difícil de ser corrigido, uma vez que com substantivo em espanhol é preciso utilizar “el”.

Por fim, a vergonha em atuar na língua também foi apresentada como um problema. Essa vergonha relatada pode ocorrer pelo fato de que “começar o estudo de uma língua estrangeira é se colocar em uma situação de não saber absoluto, é retornar ao estágio do *infans*, do neném que não fala ainda [...]” (REVUZ, 1998, p. 221). Além disso, “o sentimento de regressão associado a essa situação é reforçado quando a aprendizagem privilegia, no início como acontece frequentemente, um trabalho

exclusivamente oral focalizando sons e ritmos” (REVUZ ,1998, p. 221). Por isso, a interação deve ser estimulada à medida que o estudante desenvolve sua aprendizagem dentro desse processo.

A construção da identidade dos alunos participantes deste comitê foi ainda mais intensificada e conflituosa, pois o processo de encontro e desencontro na aprendizagem trouxe muita novidade: discutir e argumentar na LE, representar um país ou instituição e suas ideologias, além de ter que defender posições que não condizem, muitas vezes, com sua opinião pessoal. Assim, a resposta da pergunta apresentada por Leffa (2013) ficou mais difícil de ser encontrada. Portanto, pode-se afirmar que, dentro dos discursos dos alunos deste comitê, diferentes manifestações identitárias surgiram e, por isso, “[...] quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma pessoa nova” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 69).

Essas manifestações identitárias puderam ser observadas na atuação de cada delegado do comitê, ao analisar sua participação, como é possível observar nas respostas do questionário sobre como cada um avalia sua participação. A seguir são apresentadas algumas respostas.

#### Quadro 02: Respostas dos estudantes

**Delegado do Mercosul:** Eu me interagi bastante, o resultado (no dia dos debates) creio que eu poderia expandir mais o meu potencial. Porém, tudo envolve uma questão de processo e no decorrer das preparações eu dei o meu melhor e segurei com garras essa oportunidade de "hablar" em espanhol em um comitê pela primeira vez.

**Flor:** Não fui muito bem, também não fui tão mal. Por ser a primeira vez, foi bom.

**Mathrew:** Creio que tive uma participação, porém ainda devo melhorar um pouco na oralidade e argumentação.

**Nayj:** De 0 a 10? 9. Acho que eu me dediquei ao máximo em tudo.

**Mi Petinga:** Acho que fui bem kkk. Ataquei a todos que me atacaram e me defendi praticamente o tempo todo, a Venezuela realmente não tem amigos.

**Barbie:** Fui frequente e fiz as coisas direito.

**Lala:** Não muito boa, porque eu estava muito tímida para realizar minha função bem.

**Grey:** Mediana, poderia ter sido muito melhor!

**Adrian:** Péssimo.



Ao avaliarem as suas atuações, os participantes puderam pensar na aprendizagem durante o tempo de preparação e também durante o tempo de execução da prática oral. A maioria reconheceu ter tido um bom desempenho, mas o aluno Adrian não considerou positiva sua participação. Essa oscilação de opinião pode ocorrer pelo fato de cada um ter levando em conta diferentes fatores para se avaliar. Talvez os que só observaram a oralidade podem ter ficado frustrados com a participação, mas os que consideraram outros fatores, a riqueza do momento e dos conhecimentos adquiridos e compartilhados, puderam valorizar o todo para avaliar seu desempenho.

Dessa forma, observa-se que o atuar na língua é fator importante para um falante, aprendiz de uma LE. Assim, ele precisa se desenvolver nas ações de linguagem, principalmente oral, pois o interlocutor não é um mero espectador do discurso alheio, mas ele participa ativamente da ação, podendo primeiramente escutar e depois posicionar-se a favor ou contra o discurso proferido. Percebe-se, então, que o sujeito, quando expressa seu enunciado em um discurso, espera uma ação responsiva do ouvinte, mas essa relação entre falante e ouvinte só é possível “entre enunciações de diferentes sujeitos” (BAKHTIN, 2006, p. 276). Nesse sentido, é importante a interação verbal para que se possa realizar uma relação discursiva na comunicação. Logo, se os elementos da língua forem trabalhados isoladamente, não se terá condições de observar essa relação de discursividade. Portanto, a discursividade é o que os falantes usam no momento de interação. Entende-se, pois, que nesse momento de contato, o que é expresso por cada um dos participantes de uma conversa, as trocas de posição para expressar suas opiniões podem ser um exemplo do que Bakhtin chama de dialogismo. Esses aspectos da interação são cruciais para a reflexão da prática em sala de aula de LE, pois a tradicional abordagem da língua apenas pela gramática descontextualizada pode não oportunizar momentos nos quais os estudantes possam agir discursivamente, e assim usarem e se apropriarem da língua-alvo.

Sendo assim, é relevante aproveitar o caráter interdisciplinar da LE para, em contexto escolar, explorar cada vez mais a interação em ações de linguagem oral. Nesse sentido, o comitê de língua espanhola foi extremamente rico, em inúmeros aspectos. Pelo fato de os alunos terem sido influenciados a falar em espanhol, pois, além da tensão natural, que os demais alunos tiveram em outros comitês, no ACNUR 2 tinha também o fator da dúvida, do receio de estar equivocado, assim o fato de ter que falar na língua espanhola foi determinante ora no prosseguimento, ora na descontinuidade dos discursos.

Apesar das inúmeras dificuldades que o fator da língua proporcionou aos alunos envolvidos, ele também foi responsável por inúmeros pontos positivos, referentes à aprendizagem alcançada pela prática. Isso pode ser visto nas respostas que os participantes deram à pergunta sobre o que eles aprenderam na atuação do comitê ACNUR2. Algumas respostas estão expressas abaixo.

#### Quadro 03: Respostas dos estudantes

**Mi Petinga:** Aprendi muito principalmente sobre o meu país, Venezuela, já que meu objetivo era defendê-la e expor seus interesses. Mas aprendi também sobre outros, como a Colômbia, que era meu “inimigo” e que me atacou várias vezes, por inúmeras desavenças, então eu a estudei também para me defender da melhor forma possível. Da mesma forma com os Estados Unidos, já que nossos governos não são nem um pouco amigos.

**Palomita:** Aprendi que nem todos pensam da mesma maneira e que cada um tem seus motivos. Cada país tem seu povo e sua cultura e isso é o diferencial de cada um. As polícias de governo são diferentes pois cada um tem sua história e uma questão para defender, porém, no final, todos chegam a uma conclusão beneficente para todos.

**Laz:** Aprendi sobre o Equador, que é um país que aceita os imigrantes, e luta por direitos iguais no seu país, em relação a refugiados e os moradores do seu país. E percebi que a maioria dos países envolvidos aceitam os refugiados mesmo tendo pouca condição.

Fonte: dados de pesquisa

As respostas expressas pelos alunos Mi Petinga, Palomita e Laz demonstram que a aprendizagem nessa oportunidade de interação oral na LE foi além dos conteúdos programáticos da língua espanhola, dessa forma, observa-se a interdisciplinaridade entre diferentes disciplinas e mais do que isso, os depoimentos relatam que o que foi aprendido contribui para a formação cidadã de cada

participante, uma vez que ampliou seu conhecimento de mundo ao se colocar no lugar de falante de outro país.

### **Considerações finais**

Os comitês ACNUR 1 e o ACNUR 2 proporcionaram uma experiência extremamente enriquecedora, não só para os delegados e a diretora do comitê, mas também para aqueles que entravam na sala e ouviam as discussões. Aqueles que tiveram a oportunidade de participar desse projeto, sem dúvidas, cresceram como cidadãos e como alunos, pois desenvolveram em si aspectos singulares, que vão auxiliá-los tanto na sua vida acadêmica quanto na social.

No ACNUR 1, foi perceptível o envolvimento dos delegados e diretores, cada participante se envolveu e se sensibilizou quanto às questões problemáticas referentes à imigração.

No ACNUR 2, os ouvintes tiveram que compreender a visão de mais de quinze pessoas numa sala. O debate em espanhol aumentou o interesse em permanecer na sala. Em relação às propostas de resolução apresentadas pelos delegados, foram todas feitas de maneira bem ampla, abrangendo os interesses gerais da maioria dos países representados.

Após a análise das ações do IFMundo, alcançaram-se várias conclusões, principalmente em relação ao que será necessário que mude a partir da próxima etapa. Os alunos não se prepararam com tanta antecedência quanto havia necessidade, e não buscaram informações relevantes, como formulação de propostas, o que os fez ter uma dificuldade extrema no momento de formulá-las. Dessa forma, é preciso pensar em maneiras de orientar e qualificar o estudo preparatório para a realização do próximo IFMundo, além de continuar dando suporte de estudos para a atuação na LE.

## Referências

- AGUIAR, C. M. Refugiados: entre a política do medo e da solidariedade. Estadão Noite, 03 set. 2015. Disponível em: [https://www.academia.edu/15383676/Refugiados entre a pol%C3%ADtica do medo e a solidariedade](https://www.academia.edu/15383676/Refugiados_entre_a_pol%C3%ADtica_do_medo_e_a_solidariedade). Acesso 18 ago. 2018.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. (Tradução Paulo Bezerra). 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAUMAN, Zigmund. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAZERMAN, C. Gênero, agência e escrita. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. Lei 9474. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/civil\\_03/leis/L9474.htm](http://www.planalto.gov.br/civil_03/leis/L9474.htm). Acesso em: 18 ago. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação Básica. Orientações curriculares nacionais para o ensino médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- CARVALHO RAMOS, André de. Asilo e Refúgio: semelhanças, diferenças e perspectivas. In: CARVALHO RAMOS, André de; RODRIGUES, Gilberto; ALMEIDA, Guilherme Assis de. (Org.). 60 anos de ACNUR: perspectivas de futuro. São Paulo: Editora CL-A Cultural, P 15- 44, 2011.
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em: Acesso em: 20 jun. 2018.
- FREIRE. P. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ªed. São Paulo: Centauro, 2005.
- LEFFA, V. J. Identidade e aprendizagem de línguas. In SILVA, K. A; Daniel, F. G.; KANEKO MARQUES, S. M.; SALOMÃO, A. C. B. (Org.). A formação de professores de línguas – Novos olhares - Volume II. Campinas, Pontes Editores, 2013.

RAJAGOPALAN, K. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.). Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Daniela Florêncio da. O fenômeno dos refugiados no mundo e o atual cenário complexo das migrações forçadas. Revista Brasileira de Estudos de População, vol.34 no.1 São Paulo Jan./Apr. 2017. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982017000100163](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982017000100163). Acesso em: 18 ago. 2018.



## Capítulo 05

### **Desafios da alimentação no Século XXI: as discussões no comitê da Programa das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura em torno da produção agrícola e a crise alimentar**

*Priscila Alves Lima*  
*Regina Mendes de Araújo*  
*Gustavo Castro*  
*Nathany Leal*

#### **Introdução**

O IFMundo consiste na simulação dos comitês da Organização das Nações Unidas com o objetivo de proporcionar aos alunos do Ensino Médio Integrado refletir e discutir sobre temas de interesse internacional, de maneira a contribuir para construção de uma visão crítica e consciente do seu papel social. Na edição realizada entre maio e junho de 2018, em quatro campus do IFNMG, a simulação contou com 12 comitês, sendo dois da FAO, sigla inglês para *Food and Agriculture Organization*. Partindo das discussões realizadas nos comitês da FAO, em torno dos desafios da alimentação no século XXI, o presente capítulo tem por objetivo lançar luz sobre as reflexões realizadas pelos discentes sobre a questão da produção agrícola e a crise alimentar mundial. Os debates foram direcionados por uma agenda de trabalhos que teve como principais itens a regulamentação para a segurança alimentar – englobando aspectos como nutrição, infecção alimentar e acesso a alimentação e desperdício de alimentos –; medidas para reduzir os índices de fome

e desnutrição nos países da África e América do Sul e o gerenciamento de alimentos transgênicos.

A FAO foi criada em 16 de outubro de 1945 e reúne países desenvolvidos e em desenvolvimento para discutir e negociar acordos bem como debater políticas de erradicação da fome e da insegurança alimentar, auxiliando os países a desenvolver e ampliar a produção agrícola, sempre procurando fazê-lo de forma sustentável. Presente no Brasil desde 1949 mantém o seu escritório de representação instalado em 1973 na capital federal, Brasília, no campus do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), a FAO (2016, 2018) tem contribuído significativamente ao longo desses anos no combate à fome e a miséria.

Buscando avaliar a percepção dos alunos que participaram dos dois comitês da FAO foi aplicado um questionário onde estes puderam manifestar sobre as contribuições do IFMundo para sua formação e sobre as pautas tratadas nos debates. A questão da produção agrícola no mundo deu o tom aos debates realizados nos comitês da FAO. Para fundamentar a discussão, os alunos recorreram aos conceitos de agricultura convencional e agroecologia posicionando-se de acordo com as visões dos países em relação a esses modelos produtivos. A insegurança alimentar no mundo também esteve presentes entre as pautas contribuindo para a desconstrução de alguns mitos em torno da fome e da miséria no mundo, visto que para além da falta de alimentos há outras variantes que contribuem para a elevação das estatísticas como a má distribuição de recursos, a falta de políticas públicas e os conflitos locais.

### **As discussões em torno da produção agrícola e a segurança alimentar do mundo**

A partir da Segunda Guerra Mundial a produção agrícola e alimentar passou por um imenso progresso, crescendo um pouco mais rápido que a população mundial. Esse desenvolvimento



decorreu da seleção de animais e plantas com alto grau de rendimento, da utilização de fertilizantes, do uso de alto padrão de mecanização agrícola e do investimento na nutrição animal. Além disso, os agricultores de países desenvolvidos que possuíam capital e já apresentavam destaque na produtividade foram beneficiados com as políticas de apoio ao desenvolvimento agrícola. Nesse contexto, a partir de 1950, com o pioneirismo do engenheiro agrônomo Norman Borlaug, iniciou-se o movimento conhecido como Revolução Verde, decorrente da intensificação do uso de técnicas químicas capazes de dar maior resistência às plantações de milho e trigo, além de otimizar os métodos de produção agrícola (MAZOYER, ROUDART, 2010).

No entanto, percebe-se que nem todos os agricultores tiveram acesso ao desenvolvimento tecnológico e às políticas de incentivo à agricultura. Nos países em desenvolvimento, muitos dos proprietários rurais não tiveram acesso à mecanização agrícola pela exigência de alto investimento, utilizando predominantemente ferramentas manuais e queimadas. Mesmo em países desenvolvidos, 90% dos estabelecimentos agrícolas tiveram o seu desenvolvimento bloqueado e empobreceram, ainda que usufruíssem de ações de incentivo governamental (MAZOYER, ROUDART, 2010). Portanto, apesar do crescimento produtivo gerado pelo desenvolvimento tecnológico, a distribuição da produção não ocorreu na mesma proporção, fato perceptível no acúmulo do sistema agrícola nas mãos de poucos.

Ademais, ainda que se considere o aumento da produção de alimentos, diversos fatos comprovam que a Revolução Verde é insustentável em longo prazo. Algumas técnicas podem causar a erosão e a compactação do solo, a poluição do ar e do solo, a redução dos recursos hídricos (a agricultura é responsável por 70% do consumo humano de água), a perda de matéria orgânica do solo, a inundação e a salinização de terras irrigadas, a exploração excessiva dos recursos pesqueiros e a poluição dos mares. Estes fatores têm

contribuído para a desaceleração da taxa de crescimento da produção alimentar.

Acrescente-se que o modelo convencional de agricultura, pautado pela Revolução Verde, demanda o uso intensivo de insumos químicos, dentre eles os agrotóxicos, que vêm acarretando danos à saúde humana e ao ambiente (LEMOS, 2018). A “agricultura convencional” é o modelo agrícola em que prevalece a maior produtividade com a utilização intensa de insumos externos, que em curto prazo proporciona resultados econômicos visíveis como o aumento da produtividade e eficiência agrícola. Contudo, essas transformações promoveram impactos negativos, sobre a sociedade e o ambiente natural, como o êxodo de trabalhadores rurais e camponeses para os centros urbanos; e a contaminação de trabalhadoras e trabalhadores rurais com agrotóxicos, assim como solo e água. Além disso, a produção estruturada na monocultura, desenvolvida em larga escala, acaba por gerar, em longo prazo, o estreitamento da diversidade genética do meio ambiente explorado e, conseqüentemente, a produção de alimentos transgênicos (CARNEIRO et al., 2014).

## **Debates e experiências**

Durante os debates nos comitês de simulação, países como a Arábia Saudita e os Estados Unidos defenderam o uso dos agrotóxicos, argumentando que os usos de produtos químicos levariam ao aumento da produção agrícola e, conseqüentemente, seria uma importante arma para o combate à fome. Nesse sentido a delegada da Arábia Saudita, FAO 1 também defendeu a produção de alimentos transgênicos por entender seu uso como esperança, “para países em crises alimentares onde as probabilidades de uma boa produção são incomuns.” (Aluna do 2º ano do Ensino Médio Integrado em Agropecuária)

Entre os delegados, o uso excessivo de agrotóxicos bem como a degradação do meio ambiente apresentou-se como uma das

preocupações. Alguns países se mostraram contrários aos agrotóxicos, afirmando que o uso dessas substâncias é nocivo ao ser humano, defendendo outros meios de se produzir alimentos. Nesse sentido, o Brasil sofreu críticas pelo uso excessivo de agrotóxicos, visto que o país é o maior consumidor de agroquímicos do mundo, segundo o atlas *Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia*, de 2017. Além disso, o limite máximo de resíduos permitido em alguns alimentos no Brasil chega a ser 400 vezes superior ao da União Europeia. De acordo com os dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-farmacológicas de 2002 da Fundação Oswaldo Cruz apontam que 10,42% das notificações de intoxicação humana são causadas por agrotóxicos, cerca de 7.838 casos. Em termos de letalidade, as mortes por agrotóxicos chegam a 2,34%, o maior valor das taxas levantadas (ANVISA, 2005).

A degradação do meio ambiente tem consequências em longo prazo e seus efeitos podem ser irreversíveis. A aplicação de agrotóxicos pode contaminar o solo e os sistemas hídricos, culminando numa degradação ambiental que teria como consequências os prejuízos à saúde e as alterações significativas nos ecossistemas (CARNEIRO et al., 2014). Acreditava-se, no final da década de 70, que os sistemas hídricos subterrâneos eram imunes à contaminação por agrotóxicos, pois a partícula de agrotóxicos se degradaria ou ficaria retida no ambiente natural. Contudo, com o avanço das tecnologias analíticas, foi possível detectar a contaminação por agrotóxicos também em sistemas hídricos.

Uma das alternativas apresentadas pelos delegados ao uso da agricultura convencional foi a difusão da proposta de uma agricultura agroecológica. A agroecologia é a ciência que estuda os agroecossistemas, integrando conhecimentos de agronomia, ecologia, economia e sociologia, com a soma de saberes científicos e de saberes locais desenvolvidos pelos agricultores. Este modelo produtivo surge como uma alternativa para se reduzir os problemas gerados pelo modelo tradicional de agricultura, pois apresenta

opções sustentáveis para que a terra continue sempre produtiva. A agroecologia, em sua essência, visa à redução dos agroquímicos na agricultura, à defesa da agricultura em pequenas propriedades, à comercialização direta com os consumidores, à conservação dos recursos naturais e ao respeito à natureza (BEUS e DUNLAP, 1990).

Delegados da França e da Itália sinalizaram em defesa da construção de marcos legais para o desenvolvimento de práticas agroecológicas em seus países. Tendência também presente entre os delegados dos países da América Latina. Portanto, percebeu-se a importância da sustentabilidade, como a manutenção a longo prazo dos recursos naturais e da produtividade agrícola, o mínimo de impactos sobre o meio ambiente, retornos adequados aos produtores, otimização da produção das culturas com menor dependência de agroquímicos, satisfação das necessidades sociais das famílias e das comunidades rurais (BARBOSA LOPES, 2001).

Outro item que esteve presente na agenda de debates da FAO foi a segurança alimentar. O conceito de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis. Segundo dados da FAO, entre os anos de 2007 e 2008, a crise alimentar acarretou no do número de famintos no mundo para 80 milhões. Dados de 2010 apontam para um total de 1 bilhão de famintos ao redor do mundo (ROCHA, 2010).

Na definição de SAN, consideram-se dois elementos: a dimensão alimentar refere-se à produção e disponibilidade de alimentos e a incorporação das relações entre o ser humano e o alimento que implica em algumas questões. Assim cada setor ligado a SAN deve desenvolver ações para sua promoção. Estes diferentes setores devem trabalhar de maneira interligada e articulada e, desta forma, potencializar suas ações (MACHADO, 2017).

A Soberania Alimentar consiste no direito dos povos de estabelecer suas políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o acesso à alimentação para todos. Incluem neste conceito a priorização da produção agrícola local para alimentação da população e o acesso dos camponeses à terra, água, sementes e ao crédito para produção, bem como a autonomia dos camponeses para produção de alimentos e dos consumidores para escolherem o que consumir, a preservação da agrobiodiversidade e da cultura alimentar dos diversos povos (BURITY et al., 2010).

A aprovação da soberania alimentar garante o direito humano à alimentação adequada e relaciona-se ao direito dos povos de decidir sobre o que se produz e se consome. Desta forma, importa à soberania alimentar a autonomia e as condições de vida e trabalho dos agricultores familiares, o que se reflete na produção de alimentos de qualidade, seguros, diversos e adequados à cultura local, assim como em estratégia social, econômica e ambientalmente sustentáveis de produção de alimentos. Remete-se ainda à preservação de sementes tradicionais (crioulas) e biodiversidade agrícola, além da valorização de cultura e hábitos alimentares de diversas populações (MALUF, 2010).

O modelo da soberania alimentar pressupõe condições adequadas de vida no campo, sustentabilidade econômica, social e ambiental e segurança alimentar e nutricional a todas as pessoas. Assim o modelo agroecológico de produção é uma estratégia para manter a soberania alimentar, pois baseia-se no desenvolvimento de uma agricultura sustentável, sem insumos químicos, pautada nos saberes e métodos tradicionais de manejo e gestão ambientais produzidos ao longo de muitas gerações.

A ONU, em relatório apresentado em 2017 sobre o “Estado da Segurança Alimentar e da Nutrição no mundo”, constatou que a fome no mundo voltou a crescer e tem afetado cerca de 815 milhões de pessoas. Além da fome, o estudo revela que cerca de 155 milhões de crianças menores de cinco anos sofrem com atraso de

crescimento, enquanto 52 milhões estão com o peso abaixo do ideal. Entre os adultos a anemia chega a atingir 613 milhões de mulheres em idade produtiva e a obesidade tem atingido cerca de 641 milhões de pessoas no mundo. Os fatores que explicam esses índices estão ligados aos conflitos violentos, às mudanças climáticas, à mudança nos hábitos alimentares e à crise econômica (FAO, 2018).

A preocupação com a crise de alimentos gerou debate visto que, de acordo com dados recentes da FAO (2018), a crise dos alimentos tem sido responsável pelo aumento do número de pessoas afetadas pela fome. Existem 925 milhões de famintos e as perspectivas ainda são difíceis para os anos seguintes devido à previsão de que os preços devem seguir em alta, afetando gravemente agricultores e consumidores dos países pobres (FAO, 2018).

Além disso, estima-se que 2 bilhões de pessoas sofrem de fome oculta (deficiências de micronutrientes), principalmente mulheres com anemia e deficiência de ferro, bem como as 250 milhões de crianças afetadas por deficiência de iodo, a causa mais comum de retardamento mental, ou os 250 milhões de crianças que sofrem de deficiência subclínica de vitamina A, o que reduz a capacidade de combater doenças e pode levar à cegueira. Ademais, uma nova epidemia de obesidade está se espalhando pelo mundo, com 500 milhões de adultos obesos em país tanto pobres como ricos, gerando consequências prejudiciais significativas tanto para a saúde desses indivíduos como para o orçamento na área de saúde dos países. A globalização do comércio e dos mercados e a rápida urbanização substituem padrões dietéticos e hábitos alimentares tradicionais.

As guerras e os conflitos políticos e religiosos também foram apontados pelos delegados como fatores responsáveis pela elevação dos percentuais de fome no mundo. Segundo a Agenda de Desenvolvimento Sustentável a paz global se apresenta como condição essencial para a erradicação da fome. A agenda prevê a

promoção de “sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável” (ONUBR, 2018).

Em relação à América Latina e ao Caribe, os dados indicam que o número de pessoas que sofrem com a fome aumentaram em 2,4 milhões de 2015 e 2016. Fato preocupante, pois pela primeira vez nesta década os índices apontam para o crescimento da fome na região. Tal situação poder ser explicada pela contração econômica que acaba por impactar no emprego e na renda das pessoas, além da alta dos preços dos alimentos (FAO, 2018).

A situação atual da Venezuela tem contribuído para a elevação dos percentuais que indicam a piora nas condições de segurança alimentar na América Latina. A desaceleração econômica acarretada pela redução da capacidade de importação dos alimentos, assim como o acesso a eles, representam os entraves aos venezuelanos. O país tem sofrido com a escassez de produtos básicos, tanto nas redes privadas quanto nos mercados estatais.

A delegada da Venezuela, ao defender seu país, destacou que “em 2014 os esforços de erradicar a fome e a pobreza no país chegou a ser elogiado pela FAO tanto por vender produtos baratos aos consumidores como por fazer isso de forma sustentável”. (Aluna do 2º ano do Ensino Médio Integrado em Zootecnia) Contudo, devido a situações conflituosas ligadas ao cenário político e econômico a fome e desnutrição na região têm se agravado. Os dados mostram que a taxa média de desnutrição foi de 11,7% entre 2015 e 2017 entre os venezuelanos, quase quatro vezes mais que entre 2010 e 2012 (FAO, 2018)

É interessante notar que muitos dos discentes, ao serem questionados sobre a participação no comitê da FAO, apontaram a importância da preparação e dos debates no sentido de romper com alguns mitos em torno das questões da fome e da subnutrição no mundo. A princípio muitos dos alunos entendiam que a fome estava ligada exclusivamente a questão da produção do alimento, desconsiderando outras variantes como o desperdício, os conflitos e

as conjunturas socioeconômicas, como pode ser verificado na fala do aluno participante do comitê:

Depois da discussão da FAO, tive conhecimento suficiente para perceber as relações consumo e produção de cada país. Já que é visível a diferença de objetivos de cada um, se tratando do capitalismo e problemas sociais. Tendo por um lado os EUA (visando o lucro com exportações, ignorando o bom senso para aumentar a produção) e por outro os países mais pobres, que necessitam da produção para evitar a fome da sua população. (Aluno do 2ºano do Ensino Médio Integrado em Informática)

Como destacado por outro aluno, “muitas vezes a produção de alimento é até suficiente, mas nem todos tem acesso devido a condição econômica. Além disso há muito desperdício de comida” (Aluno do 2ºano do Ensino Médio Integrado em Zootecnia). O desperdício de comida também esteve entre os pontos debatidos pelos delegados. Segundo dados da FAO, 1,3 bilhão de toneladas de alimentos são desperdiçados no planeta, cerca de 30% do total produzido (FAO, 2018).

Os alunos não foram capazes de diferenciar a perda de desperdício para definir melhor as ações de conscientização. Segundo Osvaldo Benítez, as perdas de alimentos referem-se à “diminuição da massa disponível de alimentos para o consumo humano nas fases de produção, pós-colheita, armazenamento e transporte”, ao contrário do desperdício que “significa as perdas derivadas da decisão de descartar alimentos que ainda têm valor e se associa, principalmente, ao comportamento dos maiores e menores vendedores, serviços de venda de comida e consumidores” (BENÍTEZ, 2018)

Combater o desperdício e as perdas de alimentos são grandes desafios para os países, visto que essa realidade causa efeitos negativos sobre o meio ambiente, além de gerarem menos recursos para os produtos e o aumento do preço para os consumidores. Nesse sentido, os Estados Unidos e os países europeus participantes foram bastante criticados por destacadas taxas de desperdício de



alimentos. Só os Estados Unidos, segundo pesquisa da Universidade de Vermont chegam a desperdiçar cerca de 150 mil toneladas de comida por dia ((BENÍTEZ, 2018)).

Entre os delegados, destacou-se a importância de se criar políticas mundiais de conscientização em prol da redução do desperdício e da perda dos alimentos, em acordo com umas das metas do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável que é a redução pela metade do desperdício *per capita* mundial até 2030 (ONUBR, 2018).

Ao final das discussões, os alunos estabeleceram como meta o desenvolvimento de programas de distribuição de alimento e a busca de estabilidade na alimentação entre os países envolvidos. Entre esses programas estão a assistência alimentar, que prevê o fornecimento de commodities visando aliviar a fome em curto prazo. Nesse sentido, as discussões acabaram apresentando soluções para amenizar a fome e não erradicá-la. Também foram sugeridos programas suplementares de assistência nutricional para oferecer benefícios direcionados a pessoas de baixa renda, perpassando tanto por ações educacionais e quanto por assistência técnicas.

## **Considerações finais**

Olhar os eventos globais, levando em consideração as influências dos diversos processos sociais, políticos e econômicos, é um dos objetivos do IFMundo. Ao propor a realização da simulação dos comitês da ONU, os discentes do Ensino Médio Integrado são incentivados a entrarem em contato com novos conceitos, bem como mobilizar conceitos já trabalhados em sala de aula, analisar a realidade a partir das várias escalas de observação, avançar do empírico e concreto ao ideal e abstrato debatendo e refletindo sobre as questões e problemas do mundo globalizado.

Os alunos participantes do comitê da FAO debruçaram-se sobre os desafios da alimentação no século XXI. Eles precisaram mover, articular e dialogar com diversos saberes,

compartimentados nas várias áreas do conhecimento, para construir suas argumentações. Em torno da questão da produção agrícola, recorreram aos conceitos de agricultura convencional e agroecologia, refletindo de forma crítica sobre a crise alimentar, e lançando luz sobre as questões como a nutrição, a geopolítica, os aspectos históricos. Destaque-se o uso de dados estatísticos para fundamentar os posicionamentos. A simulação apresenta-se como importante ação didática no processo de ensino-aprendizagem, ao propor a construção do raciocínio que recorra ao conhecimento das disciplinas técnicas e das propedêuticas.

Como projeto institucional, a organização do IFMundo não é apenas responsabilidade dos professores da área de Ciências Humanas. Já nesta edição, contamos com a contribuição de alguns docentes das outras áreas de conhecimento do núcleo comum e das áreas técnicas. Espera-se que nas próximas edições esse envolvimento seja ainda maior, proporcionando debates que apresentem uma compreensão cada vez mais ampla dos processos a partir das perspectivas dos diferentes sujeitos e países envolvidos, de modo a se produzirem ganhos na construção do conhecimento das diversas áreas do saber.

## Referências

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. I Seminário Nacional sobre agrotóxico, saúde e ambiente. Olinda, 2005.

BARBOSA LOPES, Saulo. *Arranjos Institucionais e a Sustentabilidade de Sistemas Agroflorestais: uma proposição metodológica*. Dissertação de Mestrado. Desenvolvimento Rural. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

BENÍTEZ, Raúl Osvaldo. Perdas e desperdícios de alimentos na América Latina e no Caribe. Disponível em <http://www.fao.org/americas/noticias/ver/pt/c/239394/>. Acesso em 27 de outubro de 2018.

- BEUS, C. E.; DUNLAP, R. E. Agricultura Convencional versus alternativa: as raízes paradigmáticas do debate. Tradução: Ana Raquel Santos Bueno. *Rural Sociology*, 55(4):590- 616, 1990.
- BURITY, V.; FRANCESCHINI, T., VALENTE, F.; RECINE, E.; LEÃO, M.; CARVALHO, M. F. *Direito humano à alimentação adequada no contexto da segurança alimentar e nutricional*. Brasília: ABRANDH, 2010. 204p.
- CARNEIRO, F. F.; DELGADO, G.; AUGUSTO, L. G. S.; ALMEIDA, V. S. Texto de Subsídio a IV Conferência Nacional de Saúde dos Trabalhadores e Trabalhadoras Os impactos dos agrotóxicos na saúde, trabalho e ambiente no contexto do agronegócio no Brasil. Brasília, 2014.
- FAO, FIDA, UNICEF, PMA y OMS. *El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo*. Fomentando la resiliencia climática en aras de la seguridad alimentaria y la nutrición. FAO, Roma. 2018.
- FAO [ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA]. *Superação da fome e da pobreza rural: iniciativas brasileiras*. Brasília, FAO, 2016. Disponível em <<http://www.fao.org/3/a-i53350.pdf>>. Acesso em 23 dez. 2018.
- FAO [ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA]. *Panorama de la seguridad alimentaria y nutricional: desigualdad y sistemas alimentarios*. Santiago, FAO, OPS,WFP, UNICEF, 2018. Disponível em <<http://www.fao.org/3/CA2127ES/CA2127ES.pdf>>. Acesso em 23 dez. 2018.
- FIGUEIREDO, Marcos A. Bezerra; TAVARES DE LIMA, Jorge R.. Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável. In: TAVARES DE LIMA, Jorge R.; FIGUEIREDO, MARCOS A. BEZERRA (Orgs.). *Extensão Rural, desafios de novos tempos: agroecologia e sustentabilidade*. Recife: Bagaço, 2006.
- LEÃO, M. *O direito humano à alimentação adequada e o sistema nacional de segurança alimentar e nutricional*. Brasília: ABRANDH, 2013. 263 p.
- LEMOS, C.G.; *Agrotóxicos no Brasil: riscos, importação e incentivos fiscais*. Paraná. Dissertação de mestrado. 127f. 2018.

MACHADO, R. L. A. Conceitos Segurança Alimentar e Nutricional e Soberania Alimentar, 2017. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/consea/ acesso-a-informacao/institucional/conceitos>. Acesso em: 18 outubro. 2018.

MALUF, B. L. Soberania Alimentar. In: *Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. A Segurança Alimentar e Nutricional e o Direito Humano à Alimentação Adequada no Brasil. Indicadores e monitoramento, da Constituição de 1998 aos dias atuais, 2010*. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/consea/publicacoes/publiuacoes-arquivos/a-seguranca-alimentar-enutricional-e-o-direito-humano-a-alimentacao-adequada-no-brasil> Acesso em: 22 de outubro de 2018.

MAZOYER, Marcel, ROUDART, Laurence. História das agriculturas no mundo:do neolítico à crise contemporânea. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL [ONUBR]. Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Disponível em <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em 20 de outubro de 2018.

ROCHA, N. C. A *Soberania Alimentar*. A Segurança alimentar e nutricional e o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA), 2010. Disponível em: <<http://guiadamonografia.com.br/tipos-citacao/>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

## Capítulo 06

# **O debate sobre implantação de microchips em seres humanos no Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos: relato de uma experiência pedagógica**

*Adalvan Soares de Oliveira*

*Davi Otoni Saraiva*

*Mario Silva de Almeida Júnior*

*Thiago Bicalho Ferreira*

### **Introdução**

A grande capacidade de tratamento dos dados e as informações pessoais por meios tecnológicos trouxe, para a ordem do dia, o debate jurídico, ético e epistemológico sobre as consequências deste novo modelo de sociedade baseado em redes (CASTELLS, 1999). Tendo em vista o enorme processo de globalização e o surgimento de novas tecnologias, desencadeou-se uma preocupação no que se refere à liberdade, à proteção e à exposição dos indivíduos.

Por um lado, dentre as várias dimensões positivas do uso do chip, destaca-se a possibilidade de maior controle e seguridade social: a tecnologia serve ao combate à violência e à criminalidade, dando maior segurança à coletividade. Há também a utilização do chip no campo da saúde e em atividades desportivas, para controle, diagnóstico e monitoramento de doenças, bem como o acompanhamento de dietas e do uso e administração de certos medicamentos, etc.

Por outro lado, algumas invenções tecnológicas criam polêmicas que provocam reações nos diversos setores da sociedade. Entre elas, sem dúvida, é que os *chips* identificadores por radiofrequência, cuja praticidade e variedade de aplicações podem trazer consequências para a organização da sociedade. Por se tratar de uma tecnologia invasiva, que requer a aplicação subcutânea em seres humanos, o uso de microchips traz preocupações de diversas ordens, entre as quais o direito fundamental à privacidade, que encontra guarida nas mais modernas constituições contemporâneas de países democráticos.

Este foi o tema abordado nos espaços de simulação do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH). Este comitê foi fundado em 1993 com a missão promover e proteger os direitos humanos no mundo. Com grande destaque na ONU, o organismo atua na promoção da cooperação e diálogo entre governos, instituições de direitos humanos e sociedade civil, e oferece assistência técnica e capacitação para a criação de observatórios, realização de pesquisas, organização de fóruns e divulgação de informações a respeito dos direitos humanos.

A inserção do tema no IFMundo contou com a elaboração, por uma equipe interdisciplinar do IFNMG-Almenara, de um Guia de Estudos que buscou compreender o significado da utilização subcutânea de chip em seres humanos do ponto de vista técnico-científico quando atrelada à possibilidade de acesso automático a dados sensíveis do indivíduo. O material foi o mais acessado no site do evento, com 480 visitas entre maio e junho de 2018.

O objetivo geral deste estudo é analisar a construção do conhecimento dos participantes do comitê em relação aos vários enfoques, princípios e contradições sobre o uso de microchips em seres humanos, bem como seu desempenho nas simulações. A realização do estudo originou-se de razões de ordem pessoal, social e científica, em função da inserção dos seus autores na tríade composta por tecnologias e pelas formações humana e política no IFNMG.

Apoia-se na perspectiva de que as barreiras das adversidades socioeconômicas, políticas e culturais ainda persistem no Baixo Jequitinhonha, e acredita-se que a construção de uma cidadania consciente e ativa pode oferecer aos alunos bases culturais que lhes permitam identificar e posicionar-se frente às transformações em curso e incorporar-se na vida social de maneira justa e igualitária.

## **O uso da tecnologia de identificação em seres humanos**

De acordo com Santos (1995), nunca a tecnologia influenciou tanto a vida cotidiana do ser humano como nos dias de hoje. As mudanças atuais afetadas pelo caráter informacional têm trazido reflexos sociais, econômicos, políticos e culturais. Segundo Leite e Fagundez (2007), em virtude da decorrência direta desta evolução tecnocientífica, bem como de sua absorção imediata pelo sistema econômico, as instituições sociais e industriais enfrentam o desafio que se coloca com a possibilidade de comprometimento de direitos fundamentais do ser humano. A incerteza científica sobre o uso e a propriedade dessas tecnologias, aliada à interdependência econômica global, reforçam contraditoriamente as tendências ao reagrupamento e à ressignificação de identidades primárias (religiosas, étnicas, territoriais e nacionais) e culturais (expressões artísticas, movimentos sociais, corporações e instituições) por indivíduos em diferentes contextos.

Convém ressaltar que o crescimento quantitativo de armazenamento e processamento de dados provocou uma mudança qualitativa para um novo sistema econômico e tecnológico a partir da virada para o século XXI (CASTELLS, 1991, p. 128). A tecnologia ultrapassou o processamento-padrão de dados para funções administrativas comuns em todas as organizações, tais como recursos humanos, folhas de pagamento, sistemas de contabilidade, entre outros, e agora desempenha um papel fundamental tanto no apoio a serviços básicos à população, por exemplo, em atividades de saúde pública relacionadas à prevenção e à promoção de saúde, ao

controle de doenças, quanto na vigilância e no monitoramento dos indivíduos, seja em ambiente doméstico e nas vias públicas, seja em ambiente virtual, através dos vestígios digitais e das redes sociais.

Segundo Deleuze (1992, p. 34), a tecnologia por radiofrequência, introduzida pelo uso do aparato da informática, conduz as novas gerações a formas mais sofisticadas de monitoramento, permitindo o controle de pessoas, bem como o acesso a suas informações. Cria-se, deste modo, uma atmosfera de vigilância e inspeção, fazendo com que cada vez mais a sociedade do controle se evidencie. Todavia, essa sociedade de controle é caracterizada pela invisibilidade e pelo nomadismo que se expande às redes de informação:

[N]as sociedades de controle, o que caracteriza o indivíduo é a cifra e a senha, o indivíduo é uma cifra, uma senha, à medida que ela é a forma pela qual se dão as relações de poder, como no caso do acesso às informações. O sucesso da informação persegue o sucesso do fluxo, da velocidade, razão pela qual é o tempo, e não mais o espaço, o fator fundamental nestas formas de organizações sociais. (DELEUZE, 1992, p. 222).

Deleuze afirma que a substituição das máquinas analógicas pelas digitais, como a calculadora pelo computador, debilitou a capacidade de autonomia do indivíduo, agora reduzido a uma linha numa rede de códigos. O resultado imediato do advento da internet é o controle social por força do aprisionamento dos indivíduos nas redes sociais, cujas informações pessoais podem ser monitoradas em tempo real. Grandes corporações têm interesse econômico nesses dados, uma vez que eles trazem as informações sobre a vida de quem observam – possíveis consumidores –, podendo utilizá-las sem grandes impedimentos, já que houve, na maior parte dos casos, o aceite dos próprios indivíduos, sem o qual estes não podem acessar os ambientes virtuais disponibilizados pelas corporações. A questão de fundo é se o consentimento é dado de maneira livre e consciente



ou se o consentimento é apenas uma formalidade obrigatória para cadastro do indivíduo – a senha, segundo Deleuze – na rede.

Em contrapartida, algumas Organizações Não-Governamentais têm se movimentado no sentido de conscientizar a população da violação que a tecnologia por radiofrequência pode ocasionar, especialmente a falta de controle e responsabilidade social daqueles que com elas trabalham. Autores como Szaniawski (2005) evidenciam a violação de direitos em relação ao uso de informações sem o consentimento consciente dos usuários dos aplicativos e das redes sociais. Para o autor, a integridade física é um direito que deriva da posse de cada indivíduo sobre o seu próprio corpo. Isto significa dizer que os poderes que cada pessoa teria sobre seu corpo seriam mais fortes do que os de um proprietário sobre o seu bem material.

Bittar (2002) assegura, por outro lado, que o indivíduo pode dispor de sua integridade física apenas em alguns aspectos. Esses limites encontram-se na lei, na ordem pública e na moral. O autor assevera que o ingresso desse direito na jurisprudência deveria obedecer a certos “limites naturais”, como o direito à vida. Neste sentido, além da proteção à intimidade e à integridade físicas, deve existir a atenção à proteção dos dados informacionais das pessoas. Deste modo, pressupõe-se que o uso ilegítimo dos meios informáticos coloca em risco o direito à intimidade pessoal e familiar, à honra e à própria imagem, trazendo, com isso, consequências como a violação da liberdade do indivíduo e de sua identidade pessoal (ORTIZ; ISABEL, 2002). Segundo Tepedino,

[A] utilização de dados pessoais em especial os dados chamados “sensíveis” tais como: histórico clínico, orientação religiosa, política e sexual, histórico trabalhista e outros em bancos de dados informatizados tornou possível a descoberta de aspectos relevantes da intimidade dos cidadãos. Esta possibilidade cresce muito mais quando são utilizados os bancos de dados cruzados, ou seja, ao serem relacionadas informações de diversos bancos de dados. Tal uso pode ter como objetivo o controle social operado

por um Estado ou organizações totalitárias, ou mesmo fornecer indicativos de um futuro comportamento para um comerciante ou para um provável empregador. É evidente que isto implica em um atentado frontal à privacidade individual, possível sem que todo cidadão costuma revelar nas mais diversas ocasiões, como o cadastro que faz em uma locadora de vídeos ou sua ficha em uma clínica médica. (TEPEDINO, 2004, p. 118).

Na visão de Tepedino, a obtenção de informações pessoais pode gerar a diminuição da liberdade do ser humano, uma vez que a proteção da privacidade dessas informações não reside mais na garantia de isolamento e segredo, mas em uma perspectiva de controle da circulação dessas informações.

### **Percurso metodológico**

Para a realização deste trabalho, buscou-se descrever a experiência vivenciada a partir da compreensão social da realidade do grupo de alunos participantes. Partiu-se do pressuposto de que as descobertas dos alunos tendem a ser disseminadas para toda a comunidade, possibilitando o debate e a transmissão de conhecimento e a formação de opinião.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, a pesquisa qualitativa aproximou-se do cotidiano e narrou as impressões obtidas subjetivamente por meio da análise dos dados. O presente estudo se completa com uma parte exploratória, em face de suas próprias características como levantamento bibliográfico e entrevistas com alunos que participaram das experiências práticas.

A pesquisa foi realizada a partir de questionário estruturado com os 35 alunos do Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio do IFNMG-Almenara que participaram dos dois espaços de discussão do ACNUDH, sendo que 27 representaram países, e oito representaram organizações como a Anistia Internacional, a Interpol, o Google e o Facebook. Segundo Triviños (1987), este procedimento parte de questionamentos básicos, apoiados em

teorias e hipóteses que interessam à pesquisa. Para sua elaboração, considerou-se uma ampla investigação sobre o tema escolhido, além de discussões realizadas em grupo na sala de aula, que foram fundamentais para a compreensão do tema. Os questionários foram enviados aos e-mails dos participantes antes do evento, com um curto enunciado e 11 questões cujas respostas deveriam ser manuscritas de forma discursiva. Ele foi assim apresentado:

*Prezados alunos, estamos-nos aproximando do dia do IFMundo e, como é do conhecimento de todos, este grupo está preparando as discussões em torno da temática do uso do Microchip em seres humanos. Para que possamos desenvolver, posteriormente, a avaliação do trabalho, este questionário tem a intenção de conhecer as impressões do grupo durante o processo de preparação das discussões.*

*Sendo assim, o grupo deverá reunir, discuti-las e em seguida, escolher um relator para respondê-las.*

*Preferencialmente, o grupo deverá entregar apenas um questionário respondido. No entanto, caso sejam identificadas posições diferentes dentro do grupo, poderão serem entregues mais folhas de resposta.*

- 1) *Quais são as expectativas em relação a apresentação/debate do tema proposto?*
- 2) *Como ocorreu a preparação? (citar quantas reuniões, como foram, como foi a pesquisa sobre o tema, etc.)*
- 3) *Quais as dificuldades tiveram no processo de preparação da temática?*
- 4) *Você acha interessante a discussão deste tema? Por quê?*
- 5) *O que aprenderam sobre o uso do microchip em humanos?*
- 6) *Qual será a sua posição sobre o tema no IFMundo?*
- 7) *Em sua opinião, houve um processo de aprendizagem significativa ao estudar o assunto? Por quê?*
- 8) *Em que pese a larga utilização deste tipo de chip em seres humanos, quais problemas/riscos o grupo já identificou até o momento?*
- 9) *Que conclusões o grupo já tem a respeito do uso do microchip no processo de identificação e localização de pessoas?*
- 10) *Porque escolheram este tema para o debate?*

11) *Considera este tipo de discussão importante no universo escolar? Sim Por quê?*

Os resultados obtidos serão analisados abaixo.

## **Análise dos resultados dos questionários**

Em relação às expectativas dos alunos antes do evento, relatou-se com unanimidade que eram grandes em função da pertinência, da riqueza e da relevância do tema, o que os motivaram a estudar e deixar as discussões mais dinâmicas e interessantes. Vale destacar que a motivação e o interesse por aquilo que se quer aprender são fatores necessários e determinantes para a aprendizagem. Contudo, deve-se lembrar que a motivação para aprender envolve também o planejamento, a concentração no objetivo, a consciência metacognitiva e a busca ativa por novas informações.

Ao serem questionados sobre o processo de preparação do trabalho, os respondentes relataram que as atividades de pesquisas e os estudos bibliográficos, as discussões, as reuniões para estudo e o treino da oratória, além dos debates orientados por professores da turma, viabilizaram a compreensão dos impactos e a posição dos países sobre o uso de microchips identificadores e localizadores de pessoas. A pesquisa sobre o tema e sobre o país representado foi realizada, primariamente, através da internet.

Quanto às dificuldades que tiveram no processo de preparação da temática, alegou-se, sobretudo, os percalços em conseguir informações sobre o assunto, tendo em vista a complexidade do debate presente na rara bibliografia nacional. Essa dificuldade tem a ver, por um lado, com a enormidade de informações disponíveis na internet<sup>1</sup>, muitas das quais

---

<sup>1</sup> Deve-se enfatizar que a variedade de fontes de dados é fundamental para a geração de novos conhecimentos. Esses dados, porém, devem ser transformados em informação relevante, para que se possa contrastá-la com a realidade e justificá-la racionalmente. Para Richardson (1999), a pesquisa é um processo de construção do conhecimento que tem por objetivo gerar novos conhecimentos ou

contraditórias e com fontes duvidosas. Por outro lado, os estudantes tiveram dificuldades linguísticas em compreender as informações relevantes de sua representação, muitas vezes disponíveis apenas no idioma estrangeiro.

Evidenciaram-se, ainda, as colocações dos alunos a respeito do tema e sua importância dentro do Campus Almenara. Segundo os respondentes, o tema abrangeu múltiplas vertentes da formação integrada, com discussões que variavam entre genéricas e específicas. Além disso, foi relatada a importância do estudo sobre as tecnologias em um contexto globalizado, ainda mais sobre aquelas que trazem em seu bojo questões de ordem ética, moral e teológica dos indivíduos. Para eles, os assuntos reais e aplicados são mais interessantes do que os abstratos e genéricos. As impressões dos alunos nem sempre vão ao encontro das discussões acadêmicas atuais a respeito do uso dos chips em seres humanos, que levam em consideração as muitas controvérsias em jogo, cuja nítida influência da ciência e da tecnologia em todas as esferas do comportamento humano chocam com costumes, tradições e crenças. Neste caso, é preciso ter em mente o nível acadêmico dos estudantes, alguns ainda pouco preparados para compreender totalmente a profundidade e a complexidade da temática.

Sobre o processo de organização dos alunos para desenvolver as competências necessárias para a simulação dos comitês, cada participante defendia as ideias concernentes ao país ou representação, sejam elas contrárias ou favoráveis ao uso de microchips. Vale destacar que esta metodologia está no centro das ideias de Platão por meio de seu método dialético. Conforme Nodari (2004), as ideias são as essências do verdadeiro ser, das coisas, é o que torna fato o que é. Segundo Nielsen Neto (1985),

---

refutá-los, constituindo-se num processo de aprendizagem tanto do indivíduo que a realiza, quanto da sociedade na qual se desenvolve. De acordo com Pádua (1996), o conhecimento é elaborado historicamente pelo acúmulo de pesquisas realizadas. Por meio do conhecimento se pode compreender e fazer as transformações na realidade.

[a] dialética tinha tem por finalidade conduzir paulatinamente o interlocutor à intuição imediata de uma essência, de uma verdade, ou seja, encontrar a essência material ou espiritual daquilo que se queira apreciar. Para que se obtivesse sucesso na investigação dever-se-ia discutir sucessivamente todos os conceitos afins para evitar confusão de ideias. Assim, dialogando, afastavam-se as impressões da linguagem, até se chegar ao sentido essencial daquilo que se discute. Platão, com maestria, conduzia o debatedor até o momento preciso em que a verdade se manifestava. (NIELSEN NETO, 1985, p. 55).

A colocação de Nielson Neto (1985) tem uma dimensão pedagógica, que vai além de filosófica, na medida em que, no trabalho em equipe, aprende-se a argumentar com fundamentação, fazer concessões, ouvir a opinião dos outros e compreender que nem sempre a sua ideia deve prevalecer, evitando-se o individualismo e estimulando-se a coletividade.

Em relação ao processo de aprendizagem significativa, as respostas remeteram a uma experiência positiva dos alunos, pois eles afirmaram ter conseguido ampliar a visão sobre o contexto tecnológico e mundial dos microchips, do funcionamento e da necessidade de mais discussões.

Os grupos de discussões também se posicionaram sobre quais problemas, riscos e vantagens foram identificados antes das simulações dos comitês. Em relação aos riscos, mencionaram-se as implicações religiosas conservadoras de alguns países. Dois dos problemas identificados foram a perda de privacidade e a obrigatoriedade do uso dos dispositivos e controle de informações. Em relação às vantagens, apontaram-se a segurança e a saúde como áreas a serem beneficiadas, a praticidade da vida dos usuários, a segurança, as facilidades oferecidas ao Estado para controle social e o baixo investimento que a tecnologia requer dos usuários.

A partir desta abordagem crítica e reflexiva, os sujeitos também foram desafiados a pensarem e pontuarem sobre os argumentos que seriam utilizados, durante o debate, a respeito do uso do microchips no processo de identificação e localização de

pessoas. Questões relacionadas aos direitos humanos, à liberdade de uso, à religião e à possibilidade de ciberataques foram as mais citadas, o que revela a heterogeneidade de posicionamentos dos países representados.

Essas colocações acerca da experiência pedagógica do projeto IFMundo estão na linha do que se propõe a educação do século XXI. Para Demo (2007), isso significa tornar a escola um ambiente de pesquisa aliada ao processo ensino e aprendizagem. Somada às discussões entre os sujeitos, este projeto constituiu-se num forte instrumento para desenvolver a reflexão, o espírito investigativo e a capacidade de argumentação.

### **Considerações finais**

Através das discussões em torno do uso dos microchips em seres humanos foi possível fortalecer o entendimento de que as grandes questões da humanidade ultrapassam conhecimentos teóricos e práticos adquiridos nos ambientes tradicionais da escola. Elas perpassam os crivos do compartilhamento de conhecimentos tradicionais, do reconhecimento das fragilidades, do estabelecimento de compromissos com a sociedade, do desenvolvimento de potencialidades, do enfrentamento das limitações pessoais e da consciência de que não se sabe tudo. Tudo isso significa que as experiências contextualizadas e significativas podem ser construídas coletivamente.

O grande desafio da educação no contexto atual é formar cidadãos que participem das tomadas de decisão sobre assuntos que lhes digam respeito, sobretudo, em relação à integridade física, intelectual, moral e política dos diferentes grupos sociais, étnicos e culturais que compõem a sociedade.

O tema da implantação dos microchips em seres humanos é polêmico. Já sendo uma realidade no mundo e principalmente nos países europeus, existem algumas justificativas para o seu uso, entre as quais a segurança pessoal e a saúde, já que o dispositivo pode

identificar o local onde os indivíduos se encontram, protegendo-os de sequestros, bem como facilitar atendimentos médicos, ao armazenar informações pessoais, como tipo sanguíneo, e informar sobre potenciais enfermidades. Todavia, a escola não é o local em que se decide a adoção das invenções tecnológicas, embora seja fundamental a reflexão sobre o seu emprego, no sentido de engajar os estudantes, especialmente aqueles com a formação profissional relacionada à tecnologia, sobre as consequências éticas da questão, pois as tecnologias devem ter o propósito de melhorar e promover o indivíduo enquanto pessoa humana, portadores de direitos e de dignidade, e não reduzi-lo à condição de máquina.

Daí a necessidade de se compreender os fenômenos tecnológicos, as ações humanas e as suas consequências para o indivíduo, para sua própria espécie, para outros seres vivos e o ambiente, na perspectiva de construção de uma sociedade socialmente justa, em um ambiente saudável e respeitoso. As ações do IFMundo favoreceram este ambiente e a postura crítica e proativa dos sujeitos, vez que as mudanças sociais, políticas e econômicas têm exigido de todos desafios intelectuais que possam ser vivenciados e não apenas verbalizados.

## Referências

- BITTAR, Carlos Alberto. **Direito civil: introdução e parte geral**. 9. ed. rev., ampl. e atual. de acordo com o novo Código Civil. São Paulo: Saraiva, 2002.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venâncio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- LEITE, José Rubens Moratto; FAGUNDEZ, Paulo Roney Ávila. **Biossegurança e novas tecnologias na sociedade de risco: aspectos jurídicos, técnicos e sociais**. Florianópolis: Conceito Editorial, 2007.



NIELSEN NETO, Henrique. **Filosofia Básica**. São Paulo: Atual, 1985.

NODARI, Paulo César. **A doutrina das Idéias em Platão**. Síntese – Revista de Filosofia, v. 31, n. 101, p. 359-374, 2004. Acessado em 25/08/2018.

ORTIZ, Ana Isabel Herrán. **El derecho a la intimidad em la nueva Ley Orgánica de Protección de Datos Personales**. Madrid, Dykinson, 2002.

PÁDUA Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa**. Abordagem teórico-prática. Campinas: Papirus, 1996.

RICHARDSON, Roberto. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, L, L. **Formação do professor e pedagogia crítica**. In: FAZENDA, Ivani. A Pesquisa em Educação e as transformações do conhecimento. Campinas: Papirus, 1995.p.17-41

SZANIAWSKI, Elimar. **Direitos da personalidade e sua tutela**. 2 ed. rev., atual. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2005.

TEPEDINO, Gustavo. **Temas de direito civil**. 3 ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2004.



## Capítulo 07

### **Mostra das Embaixadas: uma imersão cultural**

*Anna Cristina Alvares Ribeiro Machado*

*Regina Mendes de Araújo*

#### **Introdução**

O presente capítulo propõe uma reflexão sobre a metodologia da Mostra de Embaixadas realizada no evento IFMundo, primeiro Projeto de Ensino Intercampi do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. Com mais de 1500 participantes do ensino médio integrado, o evento, realizado entre maio e junho de 2018, consistiu na simulação de comitês da ONU onde foram debatidos temas contemporâneos de interesse internacional. Organizado por professores e estudantes, o objetivo principal do evento é de promover o engajamento dos participantes em discussões transdisciplinares e a disseminação de valores associados à construção da cidadania global.

Na simulação, os participantes podem assumir fundamentalmente quatro papéis. Como diretores e assistentes de comitê, participam da organização do evento e da proposição de agendas de discussão dos comitês, onde fazem a moderação dos debates. Como delegados, representam a posição oficial de países e entidades nos comitês, onde as vivências parlamentares têm o objetivo de propor e votar resoluções sobre o futuro do planeta. Como jornalistas, participam do comitê de imprensa e são responsáveis por relatar, em tempo real, os principais

acontecimentos do evento, o que inclui aspectos dos debates e impressões dos participantes. Como embaixadores, são responsáveis pela organização da mostra de embaixadas, onde, em grupos, organizam diferentes stands com as principais características socioeconômicas, históricas e culturais dos países que representam

A Mostra das Embaixadas é uma parte especial do evento. De caráter lúdico e informativo, possibilitam aos estudantes uma imersão sobre os aspectos dos países que representam e a oportunidade de dialogar com todos os participantes sobre fatos e descobertas. Durante um dia, os embaixadores realizam apresentações e são avaliados de acordo com os seguintes critérios: atitudes e participação, caracterização, atos de fala, estética, identificação do país, domínio dos temas, fundamentação, qualidade do material apresentado, clareza e objetividade. Além disso, atitudes periféricas, como montagem, desmontagem, limpeza e respeito ao próximo são consideradas. Os melhores trabalhos são reconhecidos e premiados na Assembleia Geral de encerramento do evento.

A reflexão em tela tem por objetivo geral avaliar o caráter interdisciplinar da prática pedagógica – conforme previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – e discutir seu potencial como via de promoção de aprendizagem. Especificamente, visa analisar a percepção dos estudantes sobre sua compreensão dos aspectos políticos, geográficos e culturais dos países apresentados, bem como das disciplinas que contribuíram para isso. O exercício justifica-se na medida em que permite uma melhor compreensão dos efeitos da metodologia na vida dos participantes, bem como identifica os aspectos que podem contribuir para seu aprimoramento.

## **Referencial teórico**

O fundamento dos estudos das sociedades, no que diz respeito à compreensão de similaridades e diferenças entre os

comportamentos dos grupos humanos, foi pautado por uma concepção etnocêntrica, a qual dividia os povos entre primitivos e civilizados. Stanley Barrett exemplifica a questão ao mencionar o “senso de superioridade moral, intelectual, cultural e militar” dos europeus que, no século XIX, deram início aos estudos culturais (2015, p. 13). Tendo em mente os moldes da Inglaterra Vitoriana, os estudiosos que ergueram as bases da antropologia acreditavam que todos os povos atravessariam um modelo evolutivo linear, que passaria pela selvageria, barbárie e, finalmente, a civilização. Essa suposta supremacia de alguns povos sobre outros endossou as políticas coloniais nos séculos XIX e XX, corroborando com o processo de dominação de populações nativas respaldada pela racionalidade, conforme propõe Benoît de L’Estoile (2002).

Não por acaso, a relação entre cultura e poder é motivo de debates antropológicos na atualidade, devido ao potencial da primeira em favorecer a manutenção da dominação ocidental (BARRETT, 2015). A crença em uma hierarquia cultural nos moldes evolucionistas, embora já superada no meio acadêmico, deixou marcas perceptíveis na sociedade: ainda hoje perduram comportamentos preconceituosos e discriminatórios de indivíduos, grupos ou até mesmo Estados, visíveis em ações, práticas e políticas racistas ou xenofóbicas, perpetuadas, inclusive, em discursos políticos de grande alcance midiático. Para Ruth Benedict, “não há ninguém que veja o mundo com uma visão pura de preconceitos. Vê-o, sim, com o espírito condicionado por um conjunto definido de costumes, e instituições, e modos de pensar” (2000, p. 14). No entanto, ainda que não se deseje libertar os indivíduos de suas “teias de significados” (GEERTZ, 1989), é preciso estimular o respeito entre os povos, seja no que tange às fronteiras étnicas intranacionais quanto às internacionais. As repercussões de demandas políticas de grupos minoritários como populações tradicionais, as recentes migrações de refugiados para a Europa ou de haitianos e venezuelanos para o Brasil evidenciam que a intolerância ainda faz parte do cotidiano da sociedade.

Vera Candau (2002), ao mencionar fenômenos segregadores reforçados pela globalização, pontua que esses colaboraram para que a UNESCO aprovasse, em 2001, a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Dentre as recomendações do documento, salienta-se a necessidade de valorizar a diversidade cultural nos programas escolares, pois, dentre outras razões, o respeito, a tolerância e o diálogo contribuem notadamente para a paz e segurança internacionais. Ainda segundo a declaração,

A defesa da diversidade cultural é um imperativo ético, inseparável do respeito pela dignidade da pessoa humana. Implica o compromisso de respeitar os direitos humanos e as liberdades fundamentais, em particular os direitos das pessoas que pertencem a minorias e os dos povos autóctones (UNESCO, 2001).

Esses princípios, trazidos para a óptica da ação educativa, dialogam com o movimento do multiculturalismo nas escolas. Para Banks (1999), “a educação multicultural é um movimento reformador destinado a realizar grandes mudanças no sistema educacional”, sendo sua principal finalidade permitir que “todos os estudantes desenvolvam habilidades, atitudes e conhecimentos necessários para atuar no contexto da sua própria cultura étnica, no da cultura dominante, assim como para interagir com outras culturas e situar-se em contextos diferentes dos de sua origem” (apud Candau, 2002, p. 133). Dentre as estratégias mencionadas por esse autor para sensibilizar os estudantes à diversidade cultural está a realização de eventos focados nessa temática, ainda que tal ação, para ele, se encontre em nível elementar, por não alterar substancialmente o currículo formal (ibidem, p. 134).

O IFMundo, realizado no IFNMG, é um exemplo de prática que propõe aos estudantes a aproximação com aspectos diversos de um conjunto heterogêneo de países. O evento permitiu aos estudantes terem contato com realidades que em muito diferem daquela a qual estão habituados, seja nas discussões dos comitês – que trataram de maneira mais focada posturas políticas dos países

representados – seja nas embaixadas, as quais continham informações históricas, geográficas, biológicas, linguísticas e, com maior destaque, aquelas ligadas aos modos de vida, como religião, gastronomia, vestimenta e manifestações artísticas. Assim, acredita-se que tanto os estudantes que participaram da montagem das embaixadas quanto aqueles que as visitaram, ampliaram sua percepção acerca de outras culturas, uma vez que o formato adotado possibilitou uma leitura abrangente de cada país, evitando, assim, a reprodução de meros estereótipos ou o tratamento do “outro” de forma pitoresca.

Segundo Ciliato e Sartori (2015) a escola é o espaço para a formação de cidadãos aptos a agirem e a se posicionarem de forma crítica diante das situações cotidianas, ou seja, onde os sujeitos podem melhorar e ampliar a visão acerca das problemáticas presentes na sociedade como, por exemplo, a xenofobia, problemas ambientais, homofobia, consumismo, entre outros. Nesse sentido os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) orientam que seja tratada a questão do pluralismo cultural visando “[...] capacitar o aluno a compreender, respeitar e valorizar a diversidade sociocultural e a convivência solidária em uma sociedade democrática” (BRASIL, 1998, p. 47).

Ademais, a complexidade da sociedade atual exige dos indivíduos a capacidade de mover, conjugar e articular os diversos saberes compartimentados nos mais variados campos do conhecimento, e eventos como o IFMundo possibilitam aos discentes a ampliação do olhar sobre o mundo, mobilizando conceitos e conteúdos trabalhados em diversas disciplinas. Afinal, torna-se necessário “recorrer a um saber diretamente útil e utilizável para responder às questões e os problemas sociais contemporâneos” (BRASIL, 1998, p. 21). Para Flickinger (2010), a especialização disciplinar que predomina nos projetos pedagógicos ainda hoje não dá conta das demandas atuais, portanto, torna-se urgente a integração das disciplinas de maneira a levar o aluno a compreender, prever e transformar a realidade em que vive. O autor

destaca a importância da interdisciplinaridade como “possível reconstrução de pontes entre as disciplinas, no intuito de fazer jus à complexidade crescente dos problemas que se nos colocam e que uma só perspectiva de questionamento não consegue mais abarcar” (FLICKINGER, 2010, p. 46)

O modelo de conhecimento fragmentado em disciplinas tornou-se frágil por não dar conta da compreensão da realidade, passando a ser questionado, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX. Nesse contexto, emergem novas propostas de construção de “um novo paradigma de ciência, de produção do conhecimento e a elaboração de um novo projeto de educação e de escola” (LIMA, AZEVEDO, 2013, p. 128). Os movimentos estudantis da década de 1960 tiveram papel fundamental no questionamento desses modelos, ao trazerem à tona a discussão em torno de um novo estatuto para a universidade e para a escola, surgindo na Europa o movimento interdisciplinar que buscava fazer frente ao pensamento positivista da superespecialização (FAZENDA, 1994). Assim, a interdisciplinaridade surge da necessidade de se romper com o modelo tecnicista e se apresenta como a possibilidade de superar a fragmentação dos conteúdos em disciplinas, buscando reestabelecer o diálogo entre elas<sup>1</sup>.

Jayme Paviani (2005) entende que a interdisciplinaridade enquanto método pedagógico contribui para a formação profissional mais flexível e adequada para a atuação no mercado de trabalho atual. Já Ivani Fazenda (1994) observa ainda que a interdisciplinaridade, além de superar a fragmentação dos conteúdos, constitui-se como estratégia de elaboração contínua do conhecimento a partir de uma visão múltipla, contribuindo para atitude crítica e aberta à realidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio recomendam a prática interdisciplinar como forma de “explicar,

---

<sup>1</sup> No Brasil a discussões em torno da interdisciplinaridade iniciaram-se na década de 1970, porém só ganharam fôlego com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1993 e com a publicação dos PCNs em 1998. Sobre o assunto ver LIMA; AZEVEDO, 2013.



compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais um olhar, talvez vários”. (BRASIL, 1998, p. 88-89) Ao propor no ambiente escolar o trabalho de forma interdisciplinar objetiva-se a construção do saber a partir do diálogo entre as diversas áreas de conhecimento, pois

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados (BRASIL, 1998, p. 89).

Portanto, a proposta de trabalho pedagógico na perspectiva interdisciplinar busca a troca entre as diversas áreas do conhecimento, entrelaçando os diversos conteúdos e conceitos que constituem o currículo escolar. Paulo Freire (1996) defendeu a interdisciplinaridade como forma da produção de um novo conhecimento bem como do alargamento dos horizontes dos estudantes que percebem várias possibilidades de interpretação a partir de olhares múltiplos. O autor chamou atenção ainda para a importância do professor no sentido de contribuir para expansão do olhar, exortando os profissionais da educação a romperem com a perspectiva individualizada da disciplina, propiciando os múltiplos diálogos.

Nesse sentido, o IFMundo se apresenta como proposta pedagógica capaz de unir os pressupostos da interdisciplinaridade e da educação multicultural, viabilizando, em uma única experiência, a compreensão de elementos variados que, em conjunto, ampliam a visão dos participantes sobre a diversidade cultural. Ao se debruçarem sobre aspectos da cultura, ciência, economia e política dos diversos países, buscando dialogar com disciplinas do currículo escolar, os discentes alargam suas concepções de mundo e tornam-se capazes de problematizar e refletir sobre o valor da tolerância e do respeito em relação ao outro.

## A experiência das embaixadas no IFNMG Campus Almenara

A maior parte dos estudantes que não atuaram como delegados dos comitês do IFMundo participaram do evento integrando as embaixadas, essas responsáveis por representar um determinado país levando em consideração seus aspectos culturais, sociais, geográficos, históricos, políticos e econômicos. Para a montagem das embaixadas os discentes tiveram que pesquisar, interpretar e sistematizar informações e dados para apresentação aos visitantes do espaço cultural. Mancuso (2000) destaca que as realizações de mostras contribuem para o crescimento pessoal e a ampliação do conhecimento, pois exige dos estudantes e dos professores o aprofundamento de vários temas que muitas vezes não são abordados no espaço da sala de aula. Durante o IFMundo, tanto para os estudantes que montaram os estandes quanto para aqueles que os visitaram houve a possibilidade de troca a partir dos questionamentos e sugestões, abrindo espaço para novas reflexões.

Buscando avaliar a percepção dos estudantes participantes da montagem dos estandes das embaixadas, assim como dos discentes que visitaram esses espaços, aplicaram-se questionários (Apêndice 1) nos quais eles puderam manifestar sua leitura sobre a proposta de trabalho. Foram entrevistados 201 estudantes, divididos da seguinte forma:

- 138 estudantes que apenas visitaram stands;
- 45 estudantes responsáveis pela montagem do stand de alguma embaixada e visitaram espaços montados por outros estudantes;
- 18 que declararam apenas terem participado da montagem e apresentação de alguma embaixada.

Lançando luz sobre as respostas percebeu-se como esse tipo de atividade colabora para o processo de ensino e aprendizagem. Ao serem questionados sobre as contribuições para a compreensão dos aspectos políticos, geográficos e culturais dos países apresentados,

os estudantes<sup>2</sup> respondentes destacaram a importância da atividade para sua formação e como a visita e/ou montagem auxiliaram no aprendizado sobre os países e na ruptura de preconceitos existentes. Essa contribuição fica clara no relato de um aluno que visitou as embaixadas:

A experiência de visitar os stands foi bastante interessante para mim, porque me instigou a pesquisas e a saber mais sobre a realidade da vida das pessoas que vivem em outros países, saber sobre seus costumes, crenças e dificuldades. Isso para mim é de extrema importância para que através desses eventos continuem a instigar os estudantes a serem mais participativos, pois é uma grande oportunidade de abrir (responder) mais a visão de mundo dos estudantes (Aluno do 2º ano do Ensino Médio Integrado em Zootecnia).

Outra contribuição a se destacar com a exposição das embaixadas refere-se à construção do respeito às diferenças e a contribuição na mudança de percepção em relação ao outro. Dentre os estudantes entrevistados, 83% indicaram que mudaram de opinião ou percepção sobre algum país após a montagem ou visita aos stands. Conforme relato de um aluno “confesso que só conhecia sobre as grandes potências que estão sempre na mídia e o IFMundo me ajudou a quebrar o meu achismo sobre muitos países e começar a olhar com olhos diferentes as notícias que nos são fornecidas diariamente” (2º ano do Ensino Médio Integrado em Zootecnia).

Ainda que alguns estereótipos tenham sido apresentados nas embaixadas, estudantes do 2º ano Integrado em Agropecuária que trabalharam com a montagem do estande sobre a Arábia Saudita – país muitas vezes lembrado por aspectos negativos como a ação de terroristas – relataram que a atividade contribuiu para que eles rompessem com alguns preconceitos e descobrissem aspectos interessantes do país como a gastronomia, a vestimenta e o turismo,

---

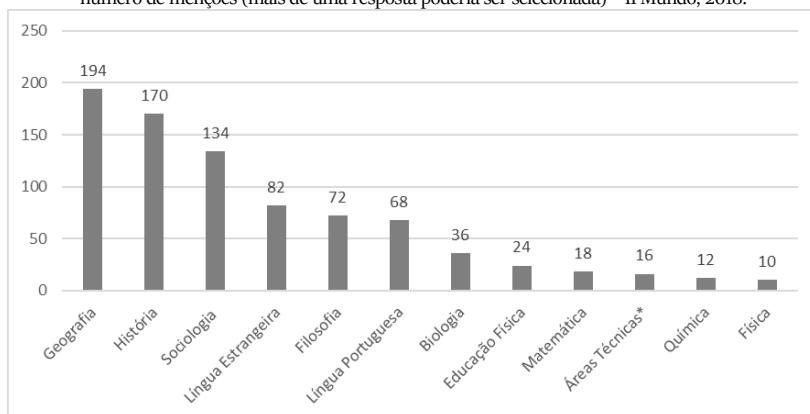
<sup>2</sup> Dentre os 201 questionários aplicados, 153 estudantes responderam essa questão e 48 não responderam.

além do investimento na economia e na agricultura. Tal fato sinaliza um resultado promissor para o alcance dos objetivos do IFMundo, uma vez que demonstra a expansão do conhecimento mais aprofundado sobre outras culturas, e possibilita o desenvolvimento de virtudes como respeito e tolerância, preconizadas na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (UNESCO, 2001).

Ademais, os estudantes acabam por mobilizar e dialogar com várias disciplinas, promovendo a interdisciplinaridade e “proporcionando novas alternativas de ensino aliadas a meios científicos e culturais incentivando a pesquisa e o trabalho em equipe num contexto geral por parte de professores, escola, alunos e comunidade.” (CORREIA, et. al, 2014).

Ao serem questionados sobre as disciplinas que colaboraram para a montagem das embaixadas, bem como o seu entendimento dos tópicos ali abordados, os estudantes entrevistados indicaram a mobilização tanto das disciplinas do núcleo comum quanto das áreas técnicas, com forte predomínio do primeiro grupo (Gráfico 1).

Gráfico 1: Disciplinas que colaboraram para o entendimento dos tópicos abordados pelas embaixadas, por número de menções (mais de uma resposta poderia ser selecionada) – IFMundo, 2018.



Fonte: elaboração própria.

\*Disciplinas da área técnica mencionadas: Agroecologia (08), Desenvolvimento e Extensão Agrícola (06), Bancos de Dados (03); Não citaram a disciplina (05).

Dentre os 201 entrevistados, 96% empregou os conhecimentos de Geografia, 84% de História, 66% de Sociologia e

35% de Filosofia. A disciplina de Língua Estrangeira (inglês e espanhol) foi apontada por 40% dos estudantes e Língua Portuguesa por 33%. Ainda que em menor número, as disciplinas Biologia (18%), Educação Física (12%), Matemática (9%), Química (6%) e Física (5%) foram apontadas pelos estudantes como colaboradoras para o entendimento das informações trabalhadas pelas embaixadas. Ressalta-se, ainda, a menção às áreas técnicas: embora o IFMundo seja um evento com maior aproveitamento das disciplinas do núcleo comum, registrou-se envolvimento de professores das disciplinas técnicas na elaboração de guias de estudo e na orientação de estudantes, o que revela o potencial de integração entre as áreas no contexto da educação federal integrada.

O projeto do IFMundo iniciou-se com esforços do “Núcleo de Ciências Humanas e suas tecnologias”, o que explica a destacada indicação pelos estudantes das disciplinas de Geografia, História, Sociologia e Filosofia: para análise dos aspectos sociais, econômicos e políticos foi necessário mobilizar e refletir sobre fatos, informações e conceitos que se relacionam diretamente com as áreas humanas, além de comparar pontos de vista, identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações e reconhecer e comparar as dinâmicas sociais, políticas e econômicas.

É interessante notar que disciplinas do núcleo de Linguagens (como Língua portuguesa, Língua Estrangeira e Educação Física), ainda separadas das Ciências Humanas, tiveram relativo destaque entre a indicação dos estudantes, apontando o uso de habilidades como a leitura de material em Língua Inglesa e Espanhola (houve, inclusive, um comitê realizado totalmente em espanhol, cuja experiência é descrita nesse livro), a interpretação e sistematização de texto, a capacidade de relacionar informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, o reconhecimento da importância da produção cultural como representação da diversidade cultural e linguística, entre outras. Já a indicação pelos estudantes de disciplinas das Ciências Exatas e Ciências da Natureza, mesmo em menor número, apontam a pesquisa em torno de

tecnologias associadas às ciências naturais em diferentes contextos, aspectos ligados ao meio ambiente e à saúde, bem como o uso de cálculos para elaboração e interpretação de gráficos.

Dentre os 201 estudantes entrevistados, apenas 16 (8%) indicaram disciplinas das áreas técnicas com destaque para agroecologia, desenvolvimento e extensão rural e banco de dados. Mesmo que esse número seja reduzido, ele indica que a mostra também se apresenta como espaço de culminância de um processo de estudo ligado às disciplinas específicas dos cursos integrados que de alguma maneira dialogam com as áreas de conhecimento das propedêuticas. Sua menção também indica que há espaço no IFMundo para melhor explorar temas que são particulares a essas áreas.

### **Considerações finais**

Na educação escolar, está cada vez mais difundida a noção de que o processo de ensino precisa romper com o modelo de transmissão de conteúdos buscando alcançar a construção dos saberes, promovendo atividades que possibilitem atitudes de reflexão, análise e pesquisa (MEZZARI; FROTTA; MARTINS, 2011). O trabalho com a exposição das embaixadas, tanto para os estudantes que as visitaram quanto para os que participaram de sua montagem – através de pesquisa e produção de material e elementos para compor os estandes – despertou a curiosidade, criatividade e o interesse pelo aprender.

A exposição das embaixadas é uma proposta pedagógica com potencial para sensibilizar os discentes a modos de vidas que muitas vezes se diferem dos seus. Provoca aproximação com culturas desconhecidas e fomenta indagações sobre o diferente, além de contribuir para a promoção da empatia com outros povos e a ampliação da noção de mundo, para muitos estudantes, restrita ao município ou à região em que vivem.

As contribuições para o processo de ensino e aprendizagem resultantes da atividade são indiscutíveis. Vislumbra-se a possibilidade de, para próximas edições, incentivar os participantes a pesquisarem e apresentarem imersões sobre os países representados motivadas por contribuições de outras disciplinas. Para isso, será necessária a sensibilização do corpo de docentes para provocar seu maior envolvimento na metodologia e maior engajamento na realização do evento.

## Referências

BARRETT, Stanley R. *Antropologia: guia do estudante à teoria e ao método antropológico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BENEDICT, Ruth. *Padrões de cultura*. Lisboa: Livros do Brasil, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais : Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 23, nº 79, p. 125-161, agosto, 2002.

CILIATO, Fernanda Langendorf Guedes; SARTORI, Jerônimo. Pluralidade cultural: os desafios aos professores em frente da diversidade cultural. *Revista Monografias Ambientais*, Santa Maria. v. 14, p. 65-78, 2015.

CORRÊA, Luiz Liberato Costa, et. all. A importância interdisciplinar em mostra de trabalhos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Rosa, Formigueiro, Rio Grande do Sul. *Revista do Centro do Ciências Naturais e Exatas. Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental*. UFSM, Santa Maria. v. 18 n. 2 Mai-Ago. 2014, p. 792-795.

FAZENDA, Ivani A. *Interdisciplinaridade: História, teoria e Pesquisa*. São Paulo: Papirus, 1994.

FLICKINGER, Hans-Georg. *A caminho de uma pedagogia hermenêutica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia : saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1989.

L'ESTOILE, Benoît; NEIBURG, Federico e SIGAUD, Lygia (Orgs.). *Antropologia, impérios e estados nacionais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2002.

LIMA, Aline Cristina da Silva. AZEVEDO, Crislane Barbosa de. A interdisciplinaridade no Brasil e o ensino de história: um diálogo possível. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 2, n. 3, jul./dez. 2013.

MEZZARI, S. ; FROTA, P. R. de O. ; MARTINS, M, da C. Feiras multidisciplinares e o ensino de Ciências. *Revista Electrónica de Investigación y Docencia*, n.1, p. 107-119, 2011.

PAVIANI, Jayme. *Interdisciplinaridade: conceito e distinções*. Porto Alegre: Edições Pyr, 2005.

UNESCO. *Declaração universal sobre a diversidade cultural*. Disponível em < [http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration\\_cultural\\_diversity\\_pt.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf) > . Acesso em 16 de agosto de 2018.



## Apêndice 1 – Questionário.

### QUESTIONÁRIO SOBRE AS EMBAIXADAS DO IFMUNDO

Turma: \_\_\_\_\_

Curso: \_\_\_\_\_

Você visitou ou participou da montagem das embaixadas?

visitei       montei       visitei e montei

Como a montagem ou visita aos stands das embaixadas presentes no IFMundo contribuiu para sua compreensão dos aspectos políticos, geográficos e culturais dos países apresentados? Considere aspectos como gastronomia, artes, vestimentas, religião, costumes, vegetação, fauna, economia, formas de governo, conflitos, etc.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Houve mudança na sua opinião ou percepção sobre algum país após a montagem ou visita aos stands?

sim

não

Assinale quais disciplinas colaboraram para o seu entendimento dos tópicos abordados pelas embaixadas:

Sociologia

Biologia

Matemática

Geografia

Língua Portuguesa

Filosofia

História

Língua Estrangeira

Química

Física

Educação Física

Áreas Técnicas – Quais: \_\_\_\_\_



## Capítulo 08

### **Comitê de imprensa: notas sobre a experiência do jornal *Ágora* em Salinas**

*Victor Gutemberg Mendes Ferraz*  
*Leonardo Luiz Silveira da Silva*

#### **Introdução**

As transformações muito rápidas da sociedade têm ampliado o abismo entre as gerações, que se manifestam em múltiplos planos da vida social. Diferenças de idade mesmo entre um jovem professor e os alunos do Ensino Básico já são suficientes para que ocorram diferentes expectativas no processo de ensino-aprendizagem. Múltiplas plataformas de aprendizagem brotaram e vem se ampliando e disseminando no ambiente escolar, fazendo com que o tradicionalismo didático desmotive alunos que já experimentaram novas linguagens de comunicação. Mesmo um professor bastante atualizado corre o risco de implementar algo obsoleto e que em seu olhar tratar-se-ia de uma novidade.

Ademais, é importante destacar que não somente foram novas plataformas que deram amplas possibilidades à educação. Questões metodológicas e epistemológicas inovaram os planejamentos e as práticas educacionais, modificando o cenário escolar. Entende-se, sem controvérsias, que objetivos do ensino precisam ir muito além da transmissão de conteúdos. Porém, é relativamente comum, na prática de ensino, casos em que o conteúdo se transforma em objetivo (Cavalcanti, 2016). Trata-se de um equívoco que se enquadra hoje como negligência: um verdadeiro

despautério face às próprias demandas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e um descompasso frente aos pressupostos da moderna pedagogia. Concordamos ainda com Vesentini (2015) que critica o reprodutivismo sustentado pelas velhas práticas escolares e que impedem que a escola se constitua como um verdadeiro instrumento de transformação da realidade.

Não defendemos, contudo, a abolição dos conceitos. Afinal, “ao não lidar explicitamente com conceitos, comete-se a ingenuidade de naturalizar conceitos que inadvertidamente frequentam os textos de livros didáticos de geografia” (Oliva, 2015, p.40). Segundo o mesmo autor, com o qual concordamos, conceitos são rígidos e podem não acompanhar novos arranjos político, sociais, espaciais e, desta forma, no contexto de sua obsolescência, se constituir como instrumentos de abstração e comunicação incapazes de abarcar os fenômenos tais quais se apresentam. O desenvolvimento da autonomia de revisão e formulação de conceitos apoiados em habilidades e competências parece se enquadrar em um caminho condizente com as demandas que hoje se apresentam.

O projeto *intercampi* IFMundo constituiu-se como um formidável exemplo de iniciativa educacional alinhada aos princípios pedagógicos modernos. Espelha-se em outras experiências de simulação bem sucedida no Brasil e no mundo, tal como a formidável experiência educacional de John Hunter<sup>1</sup> (2013). Destacou-se dentre os pilares do IFMundo a sua capacidade de:

- colocar o aluno como partícipe do processo de ensino-aprendizagem;
- promover a integração entre as disciplinas escolares;
- deslocar o foco do conteúdo para as habilidades e competências;
- promover o envolvimento do aluno por intermédio de sua motivação.

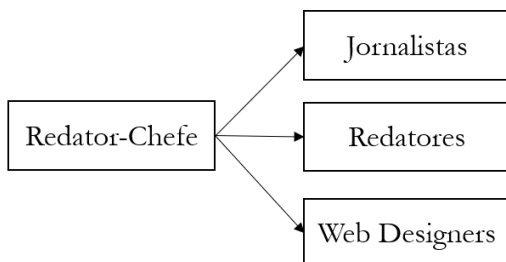
---

<sup>1</sup> O modelo de simulação de John Hunter foi inovador ao propor a construção de povos e organizações políticas também fictícias naquele que chamou de World Peace Game. O professor Hunter foi premiado pela sua iniciativa e atua também como consultor educacional nos Estados Unidos. Sua experiência está detalhada no livro *World Peace and other 4th grade achievements*.

O deslocamento do aluno para o campo do aprendizado autônomo, gerou, a princípio, um senso de responsabilidade. Com funções bem delimitadas, o IFMundo transmitiu ao aluno participante a sensação de que sua contribuição era indispensável para a ocorrência do projeto. Um dos indícios da veracidade desta percepção é o baixo absenteísmo verificado nos dias de culminância, incluindo, nestes dias, um sábado letivo. O capítulo em questão irá abordar uma face muito particular da experiência do IFMundo. No campus Salinas, um grupo de 30 alunos compôs a equipe de jornalismo, responsável por registrar os acontecimentos no dia do evento. Ademais, criaram como uma forma de comunicação o jornal *Àgora*, feito no formato de blog, no qual as notícias do evento são divulgadas em um ambiente interativo entre todos os partícipes do projeto.

### **A organização da equipe de jornalismo**

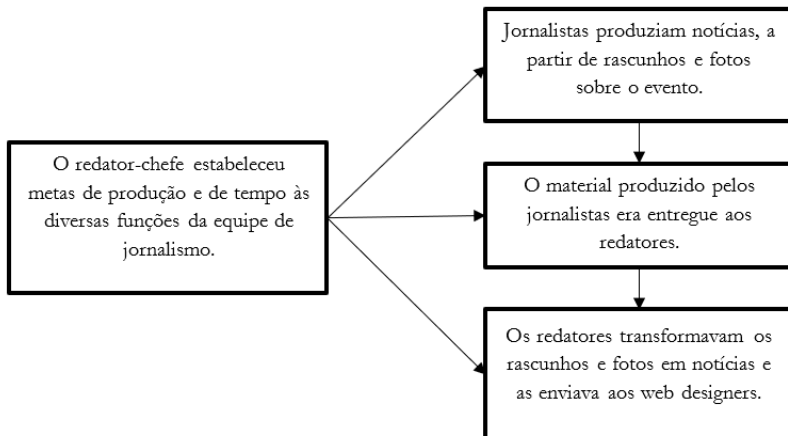
O desafio da equipe de jornalismo era o de fazer a cobertura de seis temáticas distribuídas em doze salas, além de registrar a área das embaixadas, que contava com cerca de 40 estandes que representavam os países e as organizações envolvidas no projeto. Para cumprir este desafio, foram selecionados cerca de 30 alunos dos *campi* Salinas e Araçuaí. Em uma reunião envolvendo os alunos da equipe de jornalismo, definiu-se a estrutura organizacional, trazida pelo organograma a seguir.



Os alunos foram distribuídos em funções conforme as suas afinidades e preferências. Dentre as funções estavam disponíveis:

- A) o redator-chefe: co-autor deste capítulo, destacou-se como uma liderança organizacional da equipe, controlando os processos que envolviam as outras três funções. Geria atrasos, realizava cobranças, organizava o trabalho da equipe estabelecendo metas e, ainda, fazia a intermediação das demandas da equipe com os professores organizadores;
- B) os *web designers*: ficaram responsáveis pela criação e alimentação do jornal *Ágora*, produzido a partir de plataforma digital no formato de blog. Quatro alunos desempenharam esta função;
- C) os *jornalistas*: responsáveis pelo registro fotográfico dos comitês e da área das embaixadas, apresentadas em formato de estandes nas quadras poliesportivas do IFNMG campus-Salinas. Além disso, rascunhavam informações sobre o que percebiam, de forma que seus rascunhos e fotos serviam aos redatores. Doze alunos desempenharam esta função;
- D) os redatores: a partir dos dados trazidos pelos jornalistas, transformavam o material que a eles eram entregue em textos jornalísticos, para que pudessem alimentar os blogs. Doze alunos desempenharam esta função.

A partir destas funções específicas, a logística da equipe de jornalismo assim se resumiu:



## Observações do redator-chefe

Victor Gutemberg Mendes Ferraz foi escolhido para a função de redator-chefe. Para tanto, foi-lhe apresentado o escopo das funções que deveria desempenhar, tendo aceitado prontamente o desafio. No início, como relata, ficou preocupado por possuir uma personalidade introvertida. Considerava que esta característica pudesse limitar a sua atuação em uma função de coordenação de equipe. O professor, por outro lado, relata que a escolha de Victor passou pelo fato do mesmo possuir como grande virtude a organização, o que seria necessária dada a grande quantidade de processos que deveriam ser geridos pela equipe de jornalismo. Apesar das características introvertidas do aluno, o professor relata que seria uma grande oportunidade para que o aluno pudesse entender que não se tratava de uma limitação às possibilidades de sua atuação.

Victor assim relata:

Uma das principais contribuições do projeto foi perceber que a minha concepção de "chefe" estava errada. Pensava que um líder devia se impor e ser autoritário, falar alto e exigir respeito, mas não é bem assim. Mesmo com o meu jeito introvertido, obtive a atenção de todos ali. Claro (sic) que alguns ficavam mais alheios ao que estava acontecendo, mas a disposição para ajudar nunca faltava. Com o desenrolar do IFMundo me vi entre amigos: pessoas que eu passava diariamente pelos corredores do instituto e que jamais sonhara em desenvolver uma amizade. As horas de convivência com pessoas tão distintas se mostrou algo muito benéfico para mim, acredito que para os outros também (Victor Gutemberg Mendes Ferraz, redator-chefe da equipe de jornalismo IFMundo-campus Salinas).

Apesar de existir um modelo de gestão que foi seguido inicialmente pelo redator-chefe, ele percebeu que demandas práticas surgiram, tendo a sensatez de realocar funções no decorrer do trabalho, como se espera de um gestor atento ao bem-estar da

logística de uma empresa. Nesse sentido, a comunicação foi fundamental para que a organização imaginada pudesse funcionar. Assim Victor relata referindo-se a relação entre repórteres e redatores:

Talvez a maior dificuldade encontrada na comunicação entre repórteres e redatores tenha sido a forma como as informações eram anotadas. Alguns escreviam demais e outros, de menos; alguns trechos ficavam desconexos no papel e muitas vezes apenas o repórter compreendia o que tinha anotado. Contudo, isso foi sendo trabalhado até chegar em um denominador comum capaz de satisfazer a todos e agilizar a produção dos textos (Victor Gutemberg Mendes Ferraz, redator-chefe da equipe de jornalismo IFMundo-campus Salinas).

A experiência do IFMundo mostrou-se marcante para o redator-chefe, que finaliza fazendo uma avaliação generalizada sobre o evento, dando ênfase, inclusive, à transformação que o evento produziu em suas perspectivas profissionais:

a abordagem prática do IFMundo é o que está em falta nas escolas: empoderar (sic) os alunos e transferir responsabilidades para adolescentes em formação os faz adquirir experiência e muita bagagem cultural, uma vez que os estudantes precisam sair da sua zona de conforto e buscar por mais informações acerca do tema que debaterão e do país que irão representar. Em apenas dois dias eu pude presenciar situações reais de estresse, insegurança, satisfação, e o mais importante, amizade. Era gratificante terminar o dia e consultar o blog do projeto, verificar todas as reportagens feitas e me dar conta de que nós, meros alunos, éramos os responsáveis por tudo aquilo. Atualmente, já no último ano do ensino médio, penso no curso de Jornalismo como uma possibilidade para o meu ensino superior. Ter contato com essa área durante o IFMundo, mesmo que em uma simulação, me mostrou habilidades até então desconhecidas por mim. É por isso que as escolas devem incentivar iniciativas que levem seus alunos a encarar um pedacinho da realidade e a pensar com a própria cabeça. Por mais trabalhoso que seja, o resultado pode se revelar



grandioso (Victor Gutemberg Mendes Ferraz, redator-chefe da equipe de jornalismo IFMundo-campus Salinas).

## **Avaliação da experiência e considerações finais**

É inegável o grande potencial apresentado pelo evento como um todo. Centrando-se na equipe de jornalismo e em suas atribuições, destacam-se valores gerenciais, dentre os quais os administrativos e logísticos. Para além destes valores, destaca-se o exercício da redação, bastante demandado durante a cobertura do evento. Sabe-se, como interesse dos objetivos voltados ao ensino, que a redação é um dos pontos cruciais da avaliação do ENEM, tendo bastante peso na composição da nota do aluno que presta o exame.

É possível ainda ressaltar questões ligadas ao exercício de conhecimentos relacionados à informática, que poderiam ter sido mais explorados, ainda que o jornal *Ágora*<sup>2</sup> tenha se apresentado como um dos expoentes do evento.

A integração entre as áreas do conhecimento na experiência do IFMundo campus-Salinas ficou a desejar. O projeto tem um grande potencial para integrar as diversas matérias, sejam técnicas ou não. Especificamente na equipe de jornalismo, notou-se que a presença de uma equipe da área de linguagens, apoiando previamente os alunos participantes, poderia se constituir como um importante suporte para a melhoria da qualidade do texto.

Ademais, ressalta-se a colocação do aluno como protagonista de suas atividades, desenvolvendo nesta experiência habilidades que estão além das convencionais, como, por exemplo, as socioemocionais.

É importante lembrar que o site utilizou uma forma de comunicação típica dos jovens, integrando, inclusive, uma seção chamada “Zoeira”, na qual as gafes e momentos descontraídos foram retratados, sempre com a permissão de publicação concedida

---

<sup>2</sup> Site no jornal *Ágora*: <https://jornalifmundo2018.wixsite.com/agora/noticias/>

pelos participantes. Esta instrução, de somente publicar chamadas no site daqueles que dão permissão, foi trabalhada a exaustão com os jornalistas, sendo, inclusive, uma prática de reflexão e combate ao cyberbullying.

Destacamos, ainda, que as melhorias de ordem pedagógica e organizacional do projeto IFMundo podem ser implementadas em uma próxima edição do evento.

Apresenta-se como possibilidade o trabalho prévio da equipe de jornalismo, com o lançamento do site do evento em período anterior ao evento. O site poderia agregar uma contagem regressiva para o evento, materiais de estudo e informações diversas. Sabemos que o site foi muito acessado no período do evento. Posteriormente ao mesmo, o site é praticamente abandonado. Se o evento se tornar uma tradição na instituição, o site pode se renovar a cada ano, sendo uma fonte de consultas para que os novatos possam melhor entender a magnitude e do que se trata o IFMundo.

## Referências

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papyrus, 2013.

HUNTER, John. *World Peace and other 4th grade achievements*. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2013.

OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino de Geografia: um retardo necessário (in): CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A Geografia na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2015.

VESENTINI, José William. Educação e ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação (in): CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A Geografia na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2015.

## Apêndice I - O comitê de imprensa





## Capítulo 09

### **A experiência dos estudantes em regime de alternância no IFMundo**

*Tânia Maria Mares Figueiredo*

*Railde Vieira dos Santos*

*Felipe Marques de Matos*

*Giselle Luana Andrade Rocha*

#### **Introdução**

O curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, em regime de Alternância foi implantado no IFNMG-Almenara em janeiro de 2017, a partir de uma demanda de ensino anunciada, entre os anos de 2014 a 2016, pelas comunidades rurais da microrregião do Baixo Jequitinhonha. Esta microrregião é composta por 16 municípios rurais, que possuem em torno de 320 comunidades rurais, dentre elas, comunidades rurais beira-rio, quilombolas, povoados, vilas e distritos rurais, como também, comunidades rurais de parentesco, de agricultores familiares e pequenos produtores.

Ao optar pela Pedagogia da Alternância como norteadora do currículo, a escola passa a não ser o único espaço de formação dos jovens que se escolarizam neste regime de ensino, em que os alunos alternam tempos e espaços de formação entre escola e comunidade. Os saberes e fazeres que compõem o currículo são organizados a partir dos sujeitos da aprendizagem e suas respectivas demandas socioculturais e socioeconômicas. Os campos de abrangência teórica e prática do currículo interligam-se no tempo/espaço escolar e o

tempo/espaço comunidade, onde são utilizadas mediações didático-pedagógicas da Pedagogia da Alternância.

A Pedagogia da Alternância, de origem francesa, já está no Brasil desde a década de 60, quando foi introduzida no estado do Espírito Santo, a partir da iniciativa de famílias dos agricultores locais e membros da Igreja Católica. Desde então, esta pedagogia tem sido vivenciada por Escolas Família Agrícola, Universidades Públicas, a partir dos anos 90 e atualmente, por Institutos Federais. Em cada um desses locais de formação, a pedagogia da Alternância foi ganhando uma modelagem curricular própria, pelos seus atores diretos – alunos, professores, famílias e comunidades.

A maior contribuição que a Pedagogia da Alternância traz ao curso técnico é quanto ao sentido do saber e do fazer, aproximando a escola do meio sociocultural e produtivo dos alunos e tornando os alunos protagonistas do próprio lugar. Construir uma proposta pedagógica sob a ótica da Alternância é criar novos espaços e tempos de vivências educativas que: respeitem a diversidade dos grupos humanos; valorizem os saberes dos diversos sujeitos da aprendizagem; façam valer o direito à educação de qualidade com sucesso para alunos e professores; valorizem as atitudes de compaixão e zelo pela terra e por todos os seres vivos; respeitem e valorizem o trabalho do campo como instrumento de transformação socioeconômica e política, valorizem da solidariedade e da coletividade.

Nesta concepção, a ação educativa não se restringe apenas na relação aluno/professor em sala de aula, mas, redimensiona-se para além dos muros da escola. São premissas da Pedagogia da Alternância: não se aprende só na escola; os saberes do campo são conteúdos curriculares; o fazer do campo é ação educativa, portanto, escolar. A práxis libertadora constrói-se coletivamente na ação cidadã.

O currículo do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, em regime de Alternância, está alicerçado em três referenciais: as **finalidade** locais e regionais dos Institutos Federais

(Lei 11.184) os **princípios** da Educação do Campo (Resolução de 2004) e os **objetivos** formativos da Pedagogia da Alternância. Neste sentido, o curso é realizado na modalidade presencial e o processo educativo desenvolve-se alternado duas semanas de aulas presenciais e, duas semanas, de aplicação do conhecimento nos espaços campestres, de origem dos estudantes. O foco da formação é a práxis dos estudantes que devem atuar numa perspectiva de fortalecimento da Agricultura Familiar e na sustentabilidade ecológica, econômica e social em suas comunidades e para além delas, seguindo os princípios e finalidades da Educação do Campo.

O Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, nos princípios da educação do campo, certamente contribui para o fortalecimento dos territórios campestres, no Baixo Jequitinhonha. Segundo Molina (2010), a Educação do Campo não é somente um projeto educativo, uma modalidade de ensino, ela é uma perspectiva de transformação social, um horizonte de mudança nas relações sociais no campo, mas, na sociedade brasileira, projetada pelos sujeitos coletivos de direito que a protagonizam. A escola, sendo um espaço de “aprendizagens, constituição dos saberes, acesso aos conhecimentos histórico-socialmente construídos”, existe como um espaço de socialização dos conhecimentos. E todo conhecimento, sejam eles científicos ou ideológicos, só podem existir a partir das condições políticas que são os requisitos para que se formem tanto o sujeito quanto os domínios de saber.

A investigação do saber não deve remeter a um sujeito de conhecimento que seria sua origem, mas a relações de poder que lhe constituem. Não há saber neutro. Todo saber é político e todo o saber tem sua gênese em relações de poder. Saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Aprender não significa mais memorizar e acumular conhecimento, e ensinar não significa mais repassar conteúdos prontos.

Sendo assim, este curso tem como elemento fundamental o compromisso com a formação integral para a promoção do ser humano comprometido com o desenvolvimento de suas comunidades como também da região onde estão inseridos. A orientação da prática educativa nasce da consideração do homem e da mulher rural como ponto central e convergente da realidade que o circunda. Assim, objetiva juntar forças sociais no meio rural em vista de desenvolver uma educação o mais integral possível da pessoa – formar indivíduos que se sintam capazes de encontrar em si e em sua comunidade as forças necessárias para o engajamento em mudanças políticas, sociais, técnicas e econômicas do local para o global.

### **IFMundo: o mundo em um só lugar**

O IFMundo, evento anual do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais consiste em simulações de reuniões da Organização das Nações Unidas (ONU), onde os delegados dos países, representados pelos alunos da instituição, debatem temas e soluções para problemas de caráter mundial com o objetivo de promover a interação entre os discentes e incentivar a pesquisa tendo como público alvo os estudantes do Ensino Médio tanto do IFNMG, quanto das Redes Públicas e Particulares de Ensino.

A experiência da primeira turma do Curso Técnico em Agropecuária, Integrado ao Ensino Médio, em Regime de Alternância – 0117, só foi possível neste ano de 2018, pois coincidiu com o seu tempo escolar, já que os alunos têm tempos e espaços de formação diferenciados das demais turmas do ensino médio no campus. O trabalho de inserção desses alunos no projeto contou com a sensibilização e orientação dos professores das disciplinas de Geografia, Filosofia, História e Português, por entenderem a necessidade da inclusão social e intelectual de todos os alunos dos cursos técnicos integrados.



A primeira ideia disseminada do IFMundo foi compreendida pela turma como um evento de possibilidades múltiplas de compreensão da realidade a partir de problemáticas atuais do mundo globalizado. Para tanto, se fazia necessário que cada aluno se percebesse como indivíduo e cidadão do mundo, independente do seu local de origem. Perceber-se como ser humano capaz de identificar e discutir problemas coletivos, como também, prover soluções. Cada aluno envolvido no evento IFMundo pode vivenciar momentos de discussão, debates, contradições e inserções o que, dialeticamente, foi corroborando para a construção de novos conhecimentos acerca do mundo que vivemos.

Os estudantes atuaram como delegados, auxiliares dos diretores e repórteres de imprensa. Os países representados pela turma de Alternância são Afeganistão, Nigéria e Paraguai, nos comitês da FAO, ACNUR e PNUMA. A participação dos estudantes foi restrita a estes comitês para respeitar alguns princípios da pedagogia da alternância, firmados a partir da realidade local, por exemplo, as questões do campo relacionadas ao meio ambiente (PNUMA), aos migrantes (ACNUR) e à alimentação sustentável (FAO). Um auxiliar de delegado esteve presente em cada um dos doze comitês, com o objetivo de propiciar fluidez e organização aos debates. Eles foram responsáveis por anotar indicar a ordem dos falantes, distribuir os documentos, receber os convidados e os ouvintes, etc. O restante dos alunos integrou o comitê de imprensa, responsável por relatar, ao longo do evento, as ações e os fatos mais relevantes. Ao fim, eles entregaram os seus relatórios para que sejam publicados.

Com a participação no evento, os alunos estiveram expostos a um ambiente formal, sendo necessária a adequação na fala, na vestimenta e postura, além de serem incentivados a tornarem-se cidadãos com maior participação social. Para os alunos que se destacaram como delegados (representantes dos países), o evento continua sendo, esses, representantes do campus na MINIONU, em Belo Horizonte, com o objetivo de expandir conhecimentos e ideias.

O MINIONU é um projeto realizado pelo Departamento de Relações Internacionais da PUC Minas que objetiva levar temas internacionais aos alunos do ensino médio. Ele insere-se no conjunto de simulações das Nações Unidas realizadas em todo mundo. É um projeto pedagógico com concepção abrangente de aprendizado.<sup>1</sup>

Para a realização do evento, os alunos desempenharam diversas funções que foram fundamentais para o seu sucesso, tais como:

- Representar nações e instituições mundiais;
- Organizar e comandar os comitês;
- Registrar o evento através do Comitê de Imprensa;
- Debater entre si e chegar a soluções para situações que envolvem a população mundial.

## **IFMundo: construindo o conhecimento**

A tarefa mais árdua e de maior valor informativo aconteceu durante as preliminares do evento quando os alunos se inteiraram acerca dos aspectos socioeconômicos e políticos, além dos interesses dos países ou instituições representadas. Com isso, o evento promoveu o incentivo à pesquisa e os enriqueceram com assuntos que contribuirão para suas formações pessoal e acadêmica.

“O incentivo ao aluno a ser pesquisador ocorria quando ele passava a ter que estudar sobre a cultura, comidas típicas, panorama socioeconômico e a posição do país sobre o assunto abordado. Os alunos passaram dias pesquisando em diversas fontes. Até seus trajes eram típicos, caracterizando seu país.” (Aluna X da turma Técnico em Agropecuária, em Regime de Alternância – 0117).

O evento IFMundo traz para o aluno uma oportunidade de mostrar o seu potencial acadêmico, social e artístico. Por ser

---

<sup>1</sup> PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA E MINAS GERAIS. *Página principal*. Disponível em: <[http://www.ri.pucminas.br/minionu/index\\_atual.php](http://www.ri.pucminas.br/minionu/index_atual.php)>, acesso: 22 dez. 2015.

necessária a busca pelo conhecimento específico de cada tema país/tema, os alunos pesquisam em fontes variadas as informações/conhecimentos para expor através de participação nos debates e demais atividades realizadas. Para tanto, ele utiliza, além do conhecimento adquirido, suas habilidades de adequação ao ambiente formal e artístico.

“Por ser um evento muito aceito pela comunidade escolar e muito dinâmico, ele leva o aluno a participar de acordo com seu desempenho.” (Aluna Y da turma Técnico em Agropecuária, em Regime de Alternância – 0117).

Como todo evento sócio acadêmico, o IFMundo tem sido apropriado pelos alunos que dele participam efetivamente, o que revela diferenças entre a percepção dos que apenas observam e dos que vivenciam integralmente as atividades propostas.. Após o evento, os alunos do Curso Técnico em Agropecuária, Integrado ao Ensino Médio, em Regime de Alternância, mediados pela professora de Português, opinaram sobre os pontos negativos e positivos que foram sistematizados no quadro abaixo.

Quadro 01: Pontos positivos e negativos do IFMundo 2018 na perspectiva turma de ensino médio integrado ao técnico em agropecuária em regime de alternância do IFNMG-Almenara.

Pontos Positivos	Pontos Negativos
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Conhecer diversas culturas, etnias, situações políticas, econômicas e religiosas;</li> <li>✓ Interação entre os alunos das diversas turmas;</li> <li>✓ Contato com ambiente formal;</li> <li>✓ Respeito ao saber falar e saber ouvir;</li> <li>✓ Desempenho da maioria dos delegados;</li> <li>✓ Curso preparatório sobre argumentação;</li> <li>✓ Desenvolvimento da oratória;</li> <li>✓ Incentivo à pesquisa-ação;</li> <li>✓ Harmonia entre competitividade/cooperação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Falta de participação e interesse dos alunos na hora dos debates;</li> <li>✓ Desorganização nas ações dos repórteres;</li> <li>✓ Alguns alunos sem o preparo necessário para a defesa do seu país/tema;</li> <li>✓ Pouco tempo para a preparação do evento;</li> <li>✓ Desorganização dos horários das atividades;</li> <li>✓ Ter que sair, no último dia, antes do término dos debates (turma em alternância);</li> <li>✓ Desorganização – lista de presença;</li> <li>✓ Pouco tempo para o debate direto;</li> <li>✓ Tempo insuficiente para preparo da turma em alternância (levar em consideração o tempo/escola e o tempo/comunidade).</li> </ul>

Conforme a tabela apresentada pode-se observar que, em relação aos pontos positivos, a turma analisa que os conhecimentos adquiridos acerca dos países/temas através da pesquisa-ação e observação dos debates, a interação dos alunos e a adequação ao ambiente formal validam o IFMundo como um evento que contribui significativamente para a qualidade do aluno/cidadão formado pelo IFNMG.

Em relação aos pontos negativos, a turma analisa que estes são de caráter organizacional fazendo-se necessário, para a próxima edição, adequação no calendário de início das atividades, no tempo destinado ao evento e logística.

### **IF-Inovações: gerando saberes e criando oportunidades**

Para os estudantes, o evento foi muito importante por oportunizar contato com informações relacionadas à política, economia e sociedade mundial, além do problemas enfrentados pelas nações. A visita aos estandes foi essencial para se conhecer a cultura dos países e ampliar a visão de mundo. Segundo relatado,

“(...) pudemos concluir que não é necessário ir tão longe para conhecermos o mundo, pois, com dedicação e interesse, aproveitamos tudo que há nas culturas mundiais que possa servir para a vida pessoal e profissional.” (Aluna Z da turma Técnico em Agropecuária, em Regime de Alternância – 0117).

Consequentemente, os alunos puderam absorver técnicas de debate e apresentação de ideias, aprenderam a solucionar e administrar situações-problema em grupo, desenvolveram senso crítico relacionado a questões mundiais, além de conhecerem aspectos e posições de outros países.

“obtivemos conhecimento real dos quais seremos incapazes de esquecer, nos motivando a estudar sempre mais e abrindo nossa mente para novos horizontes havendo, então, uma grande

expectativa sobre o IFMundo/2019”.(Aluna F da turma Técnico em Agropecuária, em Regime de Alternância – 0117).

Para a melhoria do evento nos próximos anos, sugere-se fazer a divisão dos países logo no início do ano especialmente para a turma em regime de alternância – por estudarem 15 dias no tempo/escola e 15 dias no tempo/comunidade - o que viabilizaria uma melhor preparação.

Aí vem a pergunta: Deve ter IFMundo/2019?... Claro que sim! Pois é um evento cheio de experiências, saberes, conhecimento além de incentivar os alunos a estudar, trocar ideias uns com os outros, ser mais pesquisadores. Com tudo isso, seremos alunos com mais compromisso e responsabilidade. (Aluno H da turma Técnico em Agropecuária, em Regime de Alternância – 0117).

Compreendendo que o IFMundo é de grande importância acadêmica e social para os participantes é importante que, além dos alunos da instituição, mas toda a comunidade seja capaz de absorver os conhecimentos ofertados no evento. Para isso, é importante que haja:

- maior participação da comunidade, com divulgação ampliada;
- envolvimento de mais alunos de outras escolas;
- participação de servidores nos debates.

Acredita-se que tudo isso tornaria as próximas edições mais ricas e proveitosas. Conhecer culturas e saberes de diferentes povos dá aos estudantes a possibilidade de analisar o meio em que vivem, em suas semelhanças, diferenças, e futuras oportunidades.

Para os alunos do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, em Regime de Alternância foi a oportunidade de fazerem as seguintes reflexões: *O que tem no mundo que falta em nossa comunidade? O que tem em nossa comunidade que falta no mundo?* Portanto, para o IFMundo/2019, uma enorme inovação poderá ser a análise comparativa da realidade dos municípios

presentes no campus Almenara em relação aos países estudados/apresentados.

## **Referências**

BRASIL, Ministério da Educação. CNE/CEB. Parecer da Alternância 01/2006 (dispõe sobre os dias letivos dedicados à alternância). Brasília, 2006.

BRASIL/MEC/SETEC. Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Técnico: Documento Base, Brasília: dezembro de 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia- Institutos ...finalidades e objetivos constantes da Lei n 11.184, de 7 de outubro de 2005.

RESOLUÇÃO FNDE/CD N°046 DE 04 DE OUTUBRO DE 2004. Estabelece Educação no Campo a ser executada pelo. FNDE, no exercício de 2004.

MOLINA. Mônica Castagna. Reflexões sobre o protagonismo dos movimentos sociais na construção de políticas públicas de Educação do Campo. In: MOLINA, Mônica Castagna. Educação do Campo e Pesquisa II: questões para reflexão. Brasília: MDA/MEC, 2010.

## Capítulo 10

### **O momento final do IFMundo: aprendizados sobre a dinâmica da assembléia geral de encerramento**

*Rafael Lara Martins*

*Célio Medina Gonçalo*

*Alex Lara Martins*

*Leonardo Machado Palhares*

*Sara Otoni Guedes de Oliveira*

#### **A ONU e a Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU)**

A Organização das Nações Unidas, também conhecida pela sigla ONU, (ou UN *United Nations* do Inglês), é uma organização internacional formada por 193 países que se reúnem voluntariamente para trabalhar pela paz e desenvolvimento mundial (ONU, 2018). É uma organização intergovernamental criada para promover a cooperação internacional entre os países que atua desde o seu estabelecimento em 24 de outubro de 1945, após a Segunda Guerra Mundial, com a intenção inicial de impedir outro conflito como este. No ato da sua fundação, a ONU tinha como integrantes um total de 51 estados-membros, chegando atualmente aos 193, dos quais mais de dois terços são países em desenvolvimento. A sede da ONU fica em Manhattan, Nova York, e possui o caráter de extraterritorialidade, isto é, possui soberania e jurisdição próprias.

Os países-membros financiam voluntariamente a ONU. Dentre os principais objetivos da ONU, destacam-se a promoção dos direitos humanos e do desenvolvimento econômico e progresso

social, ações de proteção do meio ambiente, ajuda humanitária em diversos casos, além, claro, da manutenção da segurança e da paz mundial. O preâmbulo da Carta das Nações Unidas – documento de fundação da Organização – expressa os ideais e os propósitos dos povos cujos governos se uniram para constituir as Nações Unidas:

Nós, os povos das Nações Unidas, resolvemos a preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra, que, por duas vezes no espaço da nossa vida, trouxe sofrimentos indizíveis à humanidade, e a reafirmar a fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor do ser humano, na igualdade de direitos dos homens e das mulheres, assim como das nações grandes e pequenas, e a estabelecer condições sob as quais a justiça e o respeito às obrigações decorrentes de tratados e de outras fontes de direito internacional possam ser mantidos, e a promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de uma liberdade mais ampla.

E para tais fins praticar a tolerância e viver em paz uns com os outros, como bons vizinhos, unir nossas forças para manter a paz e a segurança internacionais, garantir, pela aceitação de princípios e a instituição de métodos, que a força armada não será usada a não ser no interesse comum, e empregar um mecanismo internacional para promover o progresso econômico e social de todos os povos.

Resolvemos conjugar nossos esforços para a consecução desses objetivos. Em vista disso, nossos respectivos governos, por intermédio de representantes reunidos na cidade de São Francisco, depois de exibirem seus plenos poderes, que foram achados em boa e devida forma, concordaram com a presente Carta das Nações Unidas e estabelecem, por meio dela, uma organização internacional que será conhecida pelo nome de ‘Organização das Nações Unidas (ONU, 2017, p. 3-4).

A Carta da ONU é um documento que regulamenta o seu funcionamento. Ela institui seis idiomas oficiais usados para a comunicação: inglês, francês, espanhol, árabe, chinês e russo. De acordo com a Carta, a organização teria seis órgãos principais, a Assembleia Geral, o Conselho de Segurança, o Conselho Econômico e Social, o Conselho de Tutela, a Corte Internacional de Justiça e o Secretariado.



A Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) é um órgão de representação igualitária, ou seja, nela os países membros têm poderes iguais de voz e voto. As suas principais atribuições têm a ver com a supervisão e orientação dos trabalhos dos outros órgãos, tais como a distribuição orçamentária, a nomeação de membros para alguns comitês (por exemplo, a nomeação de membros não permanentes do Conselho de Segurança), bem como a expedição de recomendações e resoluções diversas.

A Assembleia Geral é comandada pelo Secretário Geral em sessões anuais regulares. Em geral, as reuniões ocorrem entre setembro e dezembro. Podem ocorrer sessões especiais e de emergência em outros períodos do ano. O Capítulo IV da Carta das Nações Unidas estabelece as suas atribuições e regulamenta os procedimentos da AGNU.

Até 2018, a presidência da assembleia geral era antes constituída pelo eslovaco Miroslav Lajčák que, como presidente, fez mais de 300 discursos, 120 reuniões com oficiais da ONU e 440 encontros com representantes dos Estados-membros. No total, viajou 20 vezes, visitando 28 países. Seu mandato se encerrou na 72<sup>a</sup> sessão da Assembleia geral ocorrida no dia 18 de setembro de 2018, no qual foi substituído pela equatoriana María Fernanda Espinosa, que passou a presidir a organização. Ela será a quarta líder de sexo feminino nessa função. Pela primeira vez na história, o posto é ocupado por uma mulher da América Latina e Caribe. A nova chefe da Assembleia Geral afirmou que é “uma forma de representar as mulheres não somente da América Latina e do Caribe, mas também do mundo inteiro”. Segundo ela, quando as mulheres estão desempenhando posições de alta responsabilidade, têm de “fazer um esforço dobrado” e provar que ganharam esse lugar porque têm as capacidades e as competências. “É, ao mesmo tempo, uma honra e um privilégio, mas uma grande responsabilidade ocupar este cargo”, disse Espinosa em entrevista à ONU News (2018).

As questões importantes da AGNU – como as recomendações relacionadas à segurança mundial, as questões orçamentárias e a

composição da Assembleia – necessitam de por maioria absoluta para serem aprovadas, ou seja, de pelo menos dois terços dos membros presentes e votantes. As demais questões são decididas por maioria simples. Os votos de cada país membro possuem igualdade de peso. É importante salientar que resoluções da Assembleia não são vinculantes, mantendo-se, sempre, como recomendativas. Por outro lado, dentro de sua autonomia jurídica, os países membros podem basear-se nas recomendações para criar uma jurisdição própria. As recomendações da AGNU, no âmbito das Nações Unidas, não se referem à segurança, que é responsabilidade do Conselho de Segurança.

Embora existam vários desafios na luta para promover e valorizar a dignidade, a liberdade e os direitos de todos os seres humanos, progressos significativos marcam as últimas duas décadas. Dentre as principais conquistas, destacam-se os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), cujas resoluções foram aprovadas a partir do início deste século, dando ensejo à adoção da Declaração do Milênio da ONU, onde os países membros se comprometem com o estabelecimento de uma nova parceria global para reduzir a pobreza extrema. Os ODMs foram complementados pelos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, com propostas específicas para o meio ambiente, a erradicação da fome, a igualdade de gênero, o combate à discriminação, a redução da mortalidade infantil, e projetos para as áreas de educação, cultura e esporte.

Tendo em vista a paridade de poderes entre os membros, é natural que países em desenvolvimento (agrupados no G77), assumam o protagonismo e proponham a agenda da AGNU, tais como as pautas ambientais e econômicas, determinando, na maior parte dos casos, os debates e as decisões. A partir da década de 1980, intensificaram-se os diálogos com os países mais industrializados, formando-se um fórum denominado “diálogo Norte-Sul”. Este balanceamento de poderes é importante para a geopolítica internacional, dando ênfase diplomática a países que, a depender de aspectos puramente econômicos, não teriam protagonismo. A próxima seção analisará alguns aspectos da simulação deste

balanceamento igualitário de poderes, bem como as repercussões pedagógicas da AGNU para o projeto IFMundo.

## **O compartilhamento de saberes na Assembleia Geral**

Nesta seção, estabelecem-se as relações entre o momento de encerramento das simulações e os estágios da pedagogia de projetos, adotada parcialmente pelo IFMundo, e se descreve a dinâmica das atividades finais do IFMundo no campus Almenara. Denominado de Assembleia Geral das Nações Unidas, o evento de encerramento simula este organismo ao reunir todas as delegações envolvidas nos comitês de debate e nas embaixadas, sob a coordenação de uma Secretária Geral. Na simulação da AGNU, os diretores de cada comitê convidam um ou mais delegados que se destacaram para serem homenageados e para pronunciar as propostas de resolução negociadas e convencionadas.

O evento de encerramento compartilha intencionalmente algumas características da pedagogia de projetos, perspectiva inaugurada no início do século XX por John Dewey. Desde aquela época, o objetivo era fazer com que a educação estivesse inserida no processo de vida, que não fosse apenas uma preparação para a vida futura, cheia de conteúdos específicos e desarticulada da realidade presente (WESTBROOK et al., 2010). A escola, conforme as ideias do educador, deveria representar o presente, a vida prática dos alunos, a sociedade que eles estavam enfrentando naquele momento, em um conceito: o mundo da vida (o que os pensadores alemães chamam de *Lebenswelt*). Deve-se a Kilpatrick (2008), seguidor das ideias de Dewey, a sistematização do método de ensino em forma de projetos com a abordagem de solução de problemas. Os projetos integradores não são apenas formas de espelhar os desafios da realidade e do ambiente externo à escola. Projetos como o IFMundo também se relacionam à configuração escolar e às suas diversas matrizes de conhecimento. É este o sentido que conferiu o parecerista do Conselho Nacional de Educação, quando afirmou que

a organização curricular “dos cursos da modalidade de Educação Profissional e Tecnológica deve ser construído a partir de dois eixos norteadores essenciais: o trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio pedagógico” (CNE/CEB nº 11/2012, p. 31).

Assim, o IFMundo faz frente aos desafios do contexto de ensino contemporâneo, com uma postura diferente na formação de seus alunos, com vistas a desfragmentação do ensino e sua contextualização. A proposta de trabalho do IFMundo enfatiza as metodologias ativas, objetiva uma aprendizagem significativa, desencadeada a partir de problemas-eixo. A Figura 11.1 ilustra como se dará a prática de elaboração e desenvolvimento dos projetos no *Campus*<sup>1</sup>:

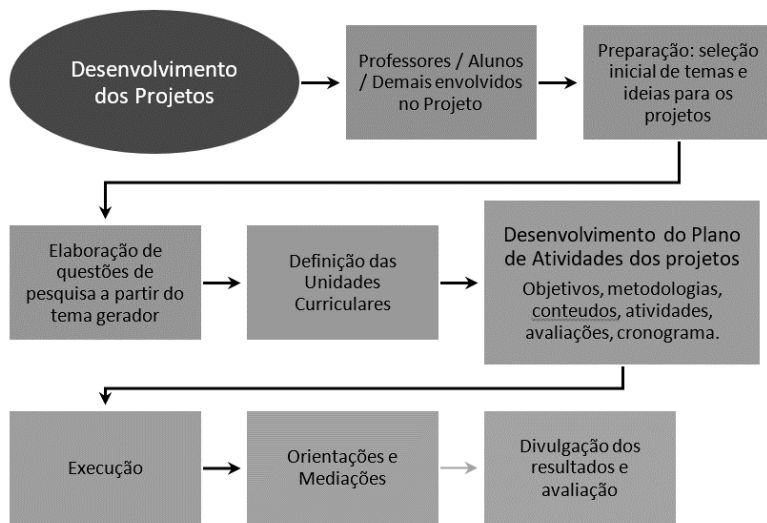


Figura 11.1 – Fluxograma de elaboração dos Projetos Integradores.

Fonte: Adaptado de IFNMG, 2018.

Percebe-se, pelo menos, três grandes momentos que servem de referência à aplicação dos projetos: a problematização, o

<sup>1</sup> O Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Administração integrado ao Ensino Médio foi construído sobre os pilares conceituais da Politécnica e da Pedagogia de Projetos. O IFMundo é um modelo de projeto de ensino integrador entre as áreas com ênfase tecnológica e componentes curriculares científicos, o que ensina a perspectiva da politécnica (MARTINS, 2018).

desenvolvimento e a síntese (LEITE, 1996). Na fase de preparatória, existe a definição dos grupos de trabalho e a seleção de temas geradores, quando se elaboram questões de pesquisa, se problematizam os aspectos que confrontam à visão comum de mundo e se propõem métodos de pesquisa capazes de responder ou superar os desafios propostos inicialmente. A pesquisa, a sistematização dos conteúdos e a produção de materiais científicos básicos deve expandir-se interdisciplinarmente, pois as problematizações demandadas pelo tema gerador abrangem um contexto sócio-político amplo. Neste sentido, a primeira fase dos projetos consiste em elaborar questões e cenários possíveis, comparar pontos de vista e interpretações analíticas, levantar novas questões e hipóteses de trabalho, formular respostas provisórias e prepara-las para teste. No IFMundo, a fase preparatória se estendeu até o dia da culminância, quando um dos produtos, o Documento de Posição Oficial (DPO) de cada representante, já havia sido elaborado.

A partir da sistematização de um plano de atividades em que se estabelecem os meios que precisam ser utilizados para se alcançar os objetivos, os métodos mais adequados aos grupos ou aos indivíduos e o cronograma de desempenho, passa-se ao momento de desenvolvimento ou execução do projeto, seguido de orientações e mediações, de docentes ou, no caso do IFMundo, dos próprios diretores que lideraram os comitês. Os posicionamentos de cada representação são reconfigurados conforme a força política simulada pelos atores do jogo. A partir de novas antíteses, de acordo com o sociólogo Norbert Elias (1994, p. 18 e 57-58), emergem sínteses totalizantes e novas configurações políticas não premeditadas. Neste caso, um mesmo tema gerador ou uma mesma agenda de debates, dentro de comitês compostos pelas mesmas representações, pode gerar resultados e propostas diferentes, dependendo não apenas da desenvoltura subjetiva de caráter e da preparação científica dos delegados, mas de dupla percepção, das configurações geopolíticas do mundo real e do mundo simulado.

A execução do projeto culmina com a divulgação dos resultados, a avaliação e a autoavaliação dos participantes. Este último aspecto será analisado adiante, no capítulo que trata da percepção dos alunos sobre o IFMundo. Além disso, a avaliação de parte da divulgação dos resultados é discutida no capítulo sobre o comitê de imprensa. Aqui a preocupação é descrever a culminância do evento, no qual se avalia os participantes e se divulga a outra parte dos resultados. Almeja-se com isso traçar um paralelo entre a experiência da assembleia geral e alguns preceitos pedagógicos interacionistas e suas aplicações nos processos simulatórios.

Após a simulação interna e a exposição da feira diplomática durante a seção final denominada de Assembleia Geral das Nações Unidas, escolheram-se e premiaram-se os delegados e os embaixadores que se destacaram. Essa premiação não teve como finalidade estimular a concorrência, mas reconhecer o mérito, as competências e as habilidades mobilizadas durante a simulação político-diplomática. O processo avaliativo ocorreu em função das habilidades e competências mobilizadas para a execução das atividades dentro e fora dos comitês, durante a preparação e os debates internos no dia do evento. A comissão organizadora estabeleceu um barema, cujos itens contemplaram a atenção ao decoro, as atitudes e efetiva participação, a caracterização, os atos de fala, a estética, o domínio do tema, a fundamentação, a qualidade do material apresentado, a criatividade, a clareza, a objetividade, a participação do indivíduo nas atividades do grupo, entre outros. Além disso, avaliaram-se o DPO e o relatório do líder de cada embaixada sobre as atividades do grupo. Os docentes, responsáveis pelas avaliações, tiveram a oportunidade de utilizar o projeto como instrumento avaliativo de sua disciplina, estabelecendo justificativas e critérios próprios para a avaliação, desde que os temas dos comitês estivessem alinhados com as competências e habilidades esperadas pelas respectivas disciplinas. Eles poderiam, ainda, confiar na avaliação estabelecida pela própria comissão organizadora.

A fase das sínteses e da divulgação dos resultados deve considerar uma comunidade mais ampla do que o grupo que produziu os resultados: é dentro da comunidade que as propostas de resolução tomam sentido e são confrontados com a realidade, adquirindo um sentido solene, de decoro e respeito máximos, num clímax em que as tensões não mais existem. A etapa final do IFMundo é a culminância dos acordos e discussões realizados nos comitês temáticos, seguindo-se à leitura e ao compartilhamento das propostas de resoluções. A tensão entre os delegados e embaixadores é substituída pela expectativa de reconhecimento individual ou pela torcida em favor de um aliado político.

A simulação da AGNU foi presidida pela Secretária Geral, a discente Clara Ramalho Queiroz, do 3º Ano de Zootecnia, escolhida por características como liderança, empatia e experiência em simulações. Ela convidou os diretores dos comitês a se posicionarem à frente, ao lado da mesa de premiação, composta pelos docentes responsáveis pela organização do evento. Após as solenidades iniciais, cada um dos diretores divulgou, no púlpito, os delegados que se destacaram, reconhecendo as suas competências e habilidades. Por seu turno, cada delegado discorreu sobre os temas debatidos dentro de seu comitê e lia a principal proposta de resolução. A título de exemplo, a proposta de resolução a um dos tópicos da agenda do ACNUDH 2 foi a seguinte:

Buscando resolver as questões que se referem à ética e à privacidade na implantação dos microchips localizadores em seres humanos, a proposta consiste em: 1) Reconhecer o perigo de romper os direitos básicos de privacidade, expondo indivíduos a situações de risco, mesmo em pequena escala, sendo necessário promover políticas de privacidade que visem os diversos benefícios de grande utilidade, as quais deverão ser aceitas livremente pelos usuários. 2) Estabelecer que o banco de dados contendo as informações pessoais seja bem guardado e protegido, vistoriada por órgãos de proteção policial cibernética, tanto ao nível federal quanto ao nível global.

Após o reconhecimento aos delegados, a embaixada que melhor cumpriu os requisitos propostos (descritos no capítulo sobre as embaixadas) também foi premiada. Com o som da batida do malhete, a Secretária Geral deu por encerrados os trabalhos. A maior parte dos estudantes que se destacaram neste evento foram convidados para representar a instituição na MINIONU, evento de simulação organizado pela PUC-Minas.

Comissão organizadora no momento de encerramento do evento



Foto: Alfredo Costa

Delegados presentes na AGNU



Foto: Alfredo Costa



Secretária Geral do IFMundo 2018, Clara Ramalho



Foto: Alfredo Costa

## **Conclusão e avaliação da Assembléia Geral**

As experiências pedagógicas de projetos buscam promover um alto nível de interação entre os agentes sociais no ambiente escolar. Por isso, o projeto IFMundo está ancorado em um conceito muito importante e bem-sucedido em diversas pedagogias: a simulação. Outra característica importante deste projeto é a autonomia promovida aos discentes. Os alunos participantes serão os principais agentes ativos na organização, discussão e, principalmente, na finalização das atividades.

Após os embates dentro das comissões e a redação dos textos das resoluções, os diretores leram os documentos aprovados, compartilhando o sucesso alcançado pelo grupo. Esse foi o principal objetivo da simulação da Assembleia Geral das Nações Unidas. Após a leitura de cada resolução, ou seja, após desenvolverem uma saída conjunta para um problema específico, econômico, humanitário, social, político ou de outra natureza, a AGNU premiou aqueles que obtiveram destaques nas comissões. Não obstante, de caráter profundamente humanista, a assembleia produziu uma atmosfera

de aprendizado e tolerância, além de provocar uma profunda análise das questões mundiais.

Entre os aspectos positivo destacam-se a participação massiva dos estudantes, verificada pelo auditório cheio, mesmo na tarde de um sábado letivo; o reconhecimento, pelo discente, de sua autoria dentro das propostas de resolução, mesmo quando tenha sido voto vencido, fez com que se valorizasse mais o resultado alcançado pelo grupo do que por atuações individuais; a dinâmica de empoderamento dos líderes, que conduziram o evento de encerramento de maneira autônoma, estabelecidos numa hierarquia, a partir da fala inicial da Secretária Geral, seguida por diretores de comitê, delegados e embaixadores premiados.

Por outro lado, ainda existe o desafio relacionado à avaliação dos trabalhos. Um sugestão é de que a avaliação poderia ser realizada pelos próprios alunos, ou em colaboração com os docentes. A avaliação pode se estabelecer por meio de votação, enquete digital ou, até mesmo, de forma mais descontraída, com a eleição baseada em critérios diversos, como “o mais falante”, “o menos falante”, “o mais simpático”, “o estrategista”, “o diplomático” etc.

O IFMundo traz, em si, a essência de um projeto de desenvolvimento intelectual, humano e social. Todas as pessoas envolvidas nesse evento estão propícias a receber uma carga de informação e conhecimento. Várias áreas de conhecimento estão integradas: história, filosofia, geografia, sociologia, português, artes e, até mesmo, a agropecuária, a matemática, a informática etc. O IFMundo é mais do que um evento avaliativo para os alunos, é um evento de descontração e aprendizado. Relações interpessoais são criadas ou fortalecidas e novas descobertas são feitas. Para os discentes, fazer parte deste projeto é, também, participar da construção de ideias, argumentos e pesquisas, é recorrer ao passado e ligá-lo ao presente e ao futuro de várias nações e pessoas, decidindo coisas importantes por meio de uma experiência intensa.

A assembleia geral é solene, importante e promotora de sociabilidade para toda a instituição. Nela se ri, se aplaude, se

emociona. Nela se avaliam as propostas de resolução de cada tópico da agenda, intervenção ou crise de cada comitê. Nela se observa que TODOS são importantes para a construção e sucesso do projeto.

## Referências

- BRASIL, Ministério da Educação, CNE/CEB: **Resolução nº 11 de 9 de maio de 2012** (Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio). Brasília, 2012.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- IFNMG – Campus Almenara et al. **Projeto do Curso Técnico de Administração Integrado ao Ensino Médio do IFNMG – Campus Almenara**. 2018.
- KILPATRICK, Willian. **O método de projectos**. Mangualde: Edições Pedagogo, 2008.
- LEITE, Lúcia Helena Alvarez. Pedagogia de projetos: intervenção no presente. **Revista Presença Pedagógica**. v. 2, nº 8, mar./abr, 1996.
- MARTINS, Alex Lara. A Politecnia como currículo filosófico para o Ensino Médio Integrado. **Kinesis**. v. 10 n. 24 (2018): Edição Especial - Filosofia no Ensino Médio. Marília, p. 130-144, 2018.
- ONU [Organização das Nações Unidas]. **Conheça a ONU**. 2018. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/conheca/>> Acesso em 11 dez. 2018.
- ONU News. **Assembleia Geral da ONU empossa nova presidente nesta segunda-feira**. 2018. Disponível em <<https://news.un.org/pt/story/2018/09/1638222>>. Acesso em 11 dez. 2018.
- WESTBROOK, Robert. **John Dewey**. Anísio Teixeira, José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues (org.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.



## Capítulo 11

### IFMundo – Um olhar sobre a pesquisa de opinião de 2018

*Alfredo Costa*

*Luiz Célio Souza Rocha*

*Alex Lara Martins*

#### Introdução

Os modelos de simulação da Organização das Nações Unidas (ONU) são instrumentos político-pedagógicos utilizados para disseminar valores e conceitos consoantes à paz e à cidadania global. Trata-se de uma metodologia que atende aos desafios educacionais contemporâneos. Segundo André (2001), o enfrentamento de questões e problemas na área de educação demandam enfoques multi/inter/transdisciplinares e abordagens multidimensionais, capazes de transpor os limites geralmente apresentados pelas perspectivas fragmentadas e únicas do conhecimento herdadas do positivismo lógico. Em 2018, com o objetivo de ampliar os resultados pedagógicos do projeto de ensino, integrando-o à extensão e à pesquisa, o IFMundo foi expandido como primeiro Projeto de Ensino Intercampi do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, envolvendo mais de 1.500 estudantes do Ensino Médio do IFNMG e de escolas convidadas da Rede Estadual de Ensino.

A versão 2018 foi realizada nas instalações do IFNMG em Almenara, Salinas, Pirapora e Montes Claros. Em termos simples, o evento consistiu em simular, ao longo de três dias, a experiência cotidiana de uma rodada de debates dos comitês da ONU. Ali, os estudantes puderam assumir quatro papéis:

- Diretores/Auxiliares de Diretores: estudantes com alguma experiência em simulações de debates, que atuam como moderadores. Geralmente, também atuam como organizadores do evento;
- Delegados: representantes de diferentes países ou entidades nos debates dos comitês;
- Embaixadores: responsáveis pela organização da feira de embaixadas, similar a uma feira de cultura, em que cada país participante da simulação é representado;
- Imprensa: estudantes que fazem o papel de jornalistas. Acompanham os debates, colhem depoimentos, fotografam e publicam notícias ao longo do evento<sup>1</sup>.

Este capítulo visa cumprir um objetivo específico do projetoIFMundo, qual seja, debruçar-se sobre os resultados da pesquisa de opinião realizada entre os estudantes do IFNMG participantes do evento IFMundo 2018 nas escolas situadas nos municípios mineiros de Almenara, Salinas e Pirapora. O objetivo é identificar os seus principais méritos e desafios a partir do ponto de vista dos participantes. A pesquisa justifica-se pela necessidade de instrumentalizar a organização do evento em relação ao seu impacto sobre os estudantes, e de proporcionar *insights* de aprimoramento para as próximas edições do evento.

## Metodologia

Buscou-se mensurar a qualidade do evento IFMundo 2018 por meio de uma pesquisa de satisfação. Esperidião e Trad (2005) sugerem, em estudo bibliográfico sobre métodos para a avaliação da satisfação de usuários, que a maneira mais usual de se apreender a noção de satisfação vincula-se à percepção e à expectativa que um indivíduo desenvolve em relação a determinado serviço. É recorrente o uso de pesquisas amostrais de caráter quantitativo

---

<sup>1</sup> Ver, neste livro, o capítulo reservado à exposição e avaliação do comitê de imprensa. A experiência do Jornal Ágora, elaborado por discentes do campus Salinas, pode ser vista no endereço eletrônico <<https://jornalifmundo2018.wixsite.com/agora>>.

neste tipo de levantamento. Esses autores também apontam para a dificuldade de se conceituar satisfação, embora se possa estabelecer as dimensões que são mais utilizadas para apreender este conceito, em geral relacionadas à estrutura física e operacional, ao acesso e à acessibilidade, além da qualidade do evento em si. A partir destas dimensões, definem-se parâmetros e critérios para avaliação.

Assim, optou-se por mensurar a satisfação dos estudantes sobre a qualidade do evento por meio da aplicação de um *survey* de caráter quantitativo, interseccional, auto aplicado via internet, com amostragem não-probabilística por acessibilidade. Segundo Babbie (1999), o *survey* representa um tipo especial de pesquisa social empírica que objetiva descrever uma população por meio de seus atributos, além de, quando possível, propor explicações para o que foi observado.

Gil (2008) ressalta que, em sua maioria, os *surveys* não compreendem toda a população da pesquisa, mas a uma amostra significativa dela. Eles visam o conhecimento direto da realidade, a economia de recursos, a celeridade e a quantificação das informações sobre o universo analisado. Como limitadores desta estratégia, podem-se citar a subjetividade da percepção das pessoas, a baixa capacidade de aprofundamento sobre os fenômenos sociais e uma visão estática da realidade que restringe a percepção de mudanças. Assim, os *surveys* seriam mais adequados para estudos descritivos do que para explicativos.

No mesmo sentido, Vaus (2002) esclarece que os *surveys* não se restringem ao uso de questionários, mas podem recorrer a outras estratégias de coleta de dados, como pesquisas estruturadas, em profundidade, além de observações, desde que a coleta seja sistemática e composta por um conjunto de variáveis passíveis de serem organizadas por tabulação. Isso viabiliza a comparação entre casos levantados, a proposição de sínteses e a explicação de fenômenos porventura observados. Em termos éticos, um *survey* deve considerar os seguintes princípios: a participação voluntária, o consentimento informado, o respeito à confidencialidade, ao

anonimato e à privacidade. Além disso, não se deve causar qualquer tipo de dano aos entrevistados.

Nesta pesquisa, o *survey* foi elaborado com um questionário composto por 35 questões, abertas e fechadas, divididas em seis dimensões (Quadro 01). As questões abertas visaram a coleta de relatos detalhados sobre a percepção dos entrevistados. Nas questões fechadas, buscou-se mensurar a percepção dos entrevistados sobre os diversos aspectos abordados em uma escala de concordância do tipo *Likert*, geralmente utilizada para expressar o posicionamento, a atitude ou a opinião relacionada a um único item (VAUS, 2002). Nas vinte questões sobre o evento, a escala de avaliação variou entre 1 (“muito ruim”) e 5 (“muito bom”). Realizou-se um pré-teste bem-sucedido em um grupo de 10 estudantes com o objetivo de experimentar o entendimento dos enunciados e comandos do questionário. Este capítulo é dedicado à análise das respostas às perguntas quantitativas (marcadas no Quadro 01 como “em análise”). As respostas às questões abertas serão analisadas em um trabalho posterior.

Quadro 01: Questionário aplicado por dimensão, questão, tipo de resposta e análise no capítulo.

Dimensão	Questão	Tipo	Em análise
1.Caracterização do entrevistado	1. Endereço de e-mail	Aberta	Não
	2. Nome completo	Aberta	Não
	3. Idade	Aberta	Sim
	4. Sexo	Fechada (lista de opções)	Sim
	5. Em que Campus estuda?	Fechada (lista de opções)	Não
	6. Em que Campus participou do evento?	Fechada (lista de opções)	Sim
	7. Que curso frequenta?	Aberta	Não
	8. Que série cursa?	Fechada (lista de opções)	Não
	9. Em que modalidade participou do evento?	Fechada (lista de opções)	Sim
	10. Qual país/entidade representou?	Fechada (lista de opções)	Não
2.Qualidade do Evento	11. Como você avalia o envolvimento dos alunos nas etapas de criação do evento?	Fechada (Likert: 1 a 5)	Sim



	12. Como você avalia a organização do evento?	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>
	13. Como você avalia os espaços selecionados para a realização do evento?	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>
	14. Como você avalia a duração do evento?	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>
	15. Como você avalia o evento de abertura IFMundo? (Deixe em branco caso não tenha ocorrido)	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>
	16. Como você avalia o evento de encerramento do IFMundo? (Deixe em branco caso não tenha ocorrido)	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>
	17. Você gostaria de fazer críticas, relatos ou sugestões sobre a qualidade do evento?	Aberta	Não
3.Preparação para o evento.	18. Como você avalia a preparação recebida pelos estudantes para o evento?	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>
	19. Como você avalia a preparação dos diretores dos comitês?	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>
	20. Como você avalia a preparação dos professores em relação às questões discutidas no IFMundo?	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>
	21. Você gostaria de fazer críticas, relatos ou sugestões sobre a preparação do evento?	Aberta	Não
4.Participação dos servidores do IFNMG e envolvimento institucional.	22. Como você avalia a disponibilidade dos professores para resolução de dúvidas ANTES do evento?	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>
	23. Como você avalia a disponibilidade dos professores para resolução de dúvidas DURANTE o evento?	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>
	24. Como você avalia a participação dos Professores e Técnicos Administrativos no evento?	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>
	25. Como você avalia as contribuições do IFNMG para a realização do evento?	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>
	26. Você gostaria de fazer críticas, relatos ou sugestões sobre a participação dos servidores e envolvimento institucional no evento?	Aberta	Não
5.Conhecimentos gerais sobre a ONU.	27. Após o evento, como você avalia o seu conhecimento em relação às funções dos delegados e embaixadores da ONU?	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>
	28. Após o evento, como você avalia o seu conhecimento em relação aos conselhos e comitês da ONU?	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>
	29. Após o evento, como você avalia o seu conhecimento em relação ao país que representou?	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>
	30. Após o evento, como você avalia o seu conhecimento em relação aos demais países representados?	Fechada (Likert: 1 a 5)	<b>Sim</b>

	31. Você gostaria de fazer críticas, relatos ou sugestões sobre os conhecimentos adquiridos em relação ao evento?	Aberta	Não
6.Aspectos gerais do evento.	32. Quais as suas principais críticas ao evento?	Aberta	Não
	33. Quais os pontos positivos do evento?	Aberta	Não
	34. O que poderá ser melhorado para o próximo ano?	Aberta	Não
	35. Em quais etapas os alunos foram mais envolvidos ou menos envolvidos e em que momento gostariam de participar e não participaram?	Aberta	Não

Fonte: elaborado pelos autores (2018).

O questionário foi elaborado na plataforma Formulários Google e divulgado por meio de hyperlink enviado aos participantes do evento via e-mail e grupos de WhatsApp. O questionário ficou disponível online por 40 dias, entre 28/05/18 a 06/07/2018 – tendo em vista que os eventos não ocorreram nos campi concomitantemente –, e captaram 365 respostas, entre as quais 139 por participantes do evento de Almenara (38,1%), 137 pelo evento de Salinas (37,5%), 72 por Pirapora (19,7%) e 17 por Montes Claros (4,7%), este último, retirado das análises por sua baixa representatividade. Os resultados foram organizados e validados via Microsoft Excel<sup>®</sup> 2016, e processados com auxílio do software Minitab<sup>®</sup> 16.

Os resultados obtidos foram descritos e, em seguida, analisados sob a perspectiva da análise de correlação através do Coeficiente de Correlação de Pearson, e de Análise de Variância (ANOVA), complementada pelo Teste de Tukey. Exaustivamente descritos na literatura especializada (VAUS, 2002; TRIOLA; 2014), essas análises permitem verificar se há correlação ou diferença estatisticamente significantes entre grandes conjuntos de dados. O coeficiente de Pearson mensura o grau de correlação entre duas variáveis em mesma escala de variação, e varia de 1 (correlação direta) a -1 (correlação inversa). É acompanhado do teste de significância, que produz um valor de probabilidade de erro amostral denominado *p-value*. Quanto mais próximo de zero, maior a probabilidade de a correlação da amostra corresponder a uma

correlação real, cujo critério de evidência moderada é medida em até 0,05. A análise de variância (ANOVA) busca identificar diferenças estatisticamente significativas entre as médias de conjuntos de variáveis. Após se avaliar a existência da diferença estatisticamente significativa entre as médias de grupos diversos através do teste F-ANOVA (que verifica o grau de adequação do modelo), pode-se estar interessado em verificar a magnitude destas diferenças através de um teste de comparações múltiplas, como o teste de Tukey. Este teste averigua o contraste entre duas médias de tratamentos, baseando-se na Diferença Mínima Significativa (DMS) entre as médias. Entretanto, segundo Anjos (2005), uma vez que o teste de Tukey é de certa forma independente do teste F-ANOVA, é possível que, mesmo sendo significativo o valor de F calculado, não se encontrem diferenças significativas entre contrastes de médias.

## Resultados

A Tabela 01 traz as principais características dos 348 entrevistados. Verifica-se que 90% deles possuem entre 15 a 17 anos, e que 56% são do sexo feminino. A maior parte das respostas veio de participantes dos campi Almenara e Salinas (40% cada).

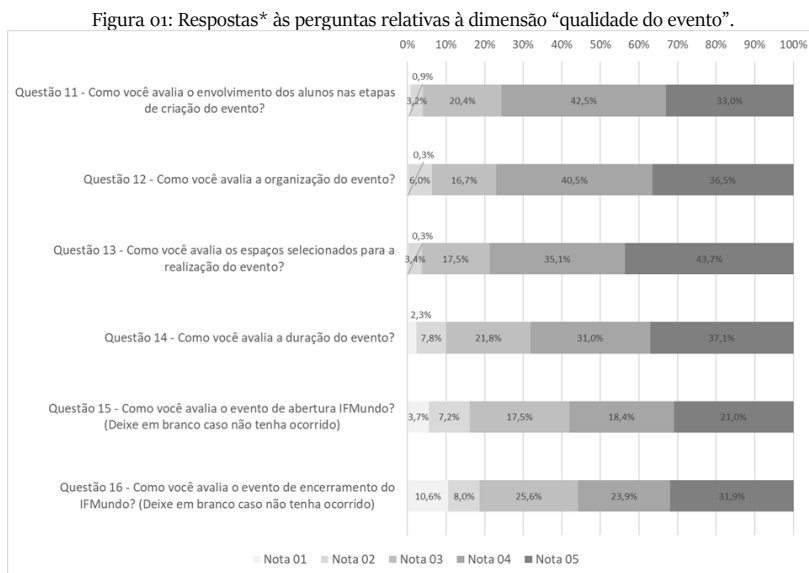
Tabela 01: Entrevistados por idade, local em que participou do evento, e sexo.

Idade	Almenara		Salinas		Pirapora		Total
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	
14	1	2	0	0	3	1	7
15	20	16	22	10	15	6	89
16	28	30	26	22	9	8	123
17	17	19	34	11	12	10	103
18	1	3	3	5	3	3	18
19	0	1	1	2	0	2	6
20	0	0	0	1	0	0	1
26	0	1	0	0	0	0	1
<b>Total</b>	<b>67</b>	<b>72</b>	<b>86</b>	<b>51</b>	<b>42</b>	<b>30</b>	<b>348</b>
	<b>139</b>		<b>137</b>		<b>72</b>		

Fonte: elaborado pelos autores (2018).

A análise das respostas relacionadas à dimensão “qualidade do evento” demonstram que, de maneira geral, as avaliações sobre a organização, os espaços e a duração do evento oscilaram entre as notas

4 e 5 (Figura 01). Em relação às questões 15 e 16, referentes, respectivamente, à abertura e ao encerramento do evento, percebeu-se que as opiniões se dividiram, e as avaliações iguais ou inferiores a 3 atingiram quase a metade das respostas (Questão 15:  $\bar{x}$  = 3,67 e  $s$  = 1,18; e Questão 16:  $\bar{x}$  = 3,58 e  $s$  = 1,3). Trata-se de um dado relevante, já que os espaços destinados ao evento foram avaliados positivamente (questão 13). Atenção especial ao encerramento, que teve 10% de avaliação mínima. Isso indica a necessidade de formulação de estratégias que levem ao maior envolvimento dos estudantes na organização da programação dos momentos de abertura e do encerramento, seja na escolha dos palestrantes, seja na própria dinâmica do evento. A estratégia de provocá-los a organizarem-no pode ser crucial para a percepção positiva sobre sua qualidade.



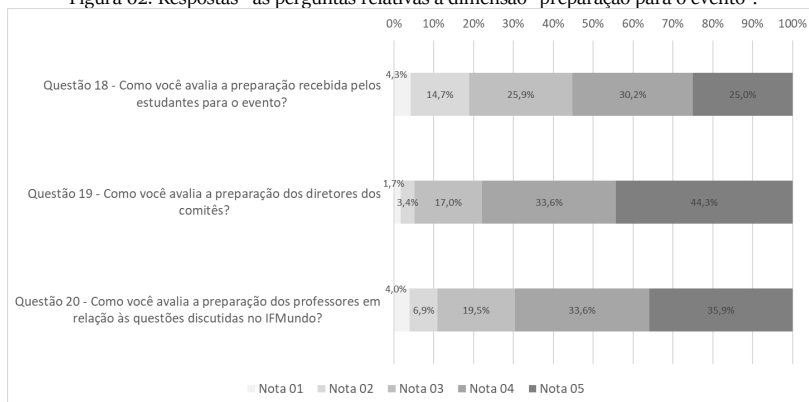
Fonte: elaborado pelos autores (2018).

\*As médias amostrais ( $\bar{x}$ ) e desvios-padrão ( $s$ ) ficaram assim distribuídos: Questão 11:  $\bar{x}$  = 4,04 e  $s$  = 0,86; Questão 12:  $\bar{x}$  = 4,07 e  $s$  = 0,89; Questão 13:  $\bar{x}$  = 4,18 e  $s$  = 0,86; Questão 14:  $\bar{x}$  = 3,93 e  $s$  = 1,05; Questão 15:  $\bar{x}$  = 3,67 e  $s$  = 1,18; Questão 16:  $\bar{x}$  = 3,58 e  $s$  = 1,3.

Em relação à dimensão “preparação para o evento” verifica-se que, se por um lado a preparação dos professores e diretores de

comitês foi avaliada com notas de 4 e 5 por mais de dois terços dos participantes, por outro, quase metade dos entrevistados (44,8%) avaliou a preparação dos participantes com as notas 1 a 3 (Figura 02). O número indica a necessidade de se propor novas estratégias para garantir aos alunos acesso a informações e treinamentos suficientes para que sua experiência no evento seja a mais completa possível. Ressalte-se que a percepção dos estudantes sobre o evento tendem a ser maiores após o processo de ensino, quando eles desempenham as suas funções de inquirido dentro dos comitês ou quando estão a certa distância temporal do evento (MARTINS et al., 2018). Neste ano foram oferecidos, em todos os campi, vivências prévias sobre a simulação em sala de aula. Além disso, em Almenara, ministraram-se palestras sobre técnicas de debate e acompanhamento personalizado para estudantes que participaram do comitês em idioma espanhol, assim como para aqueles que o solicitassem. Esse acréscimo de qualidade formativa pode ter contribuído para a diferença de mais de 0,5 pontos de média entre as avaliações sobre a preparação dos delegados em Almenara e em Salinas (Tabela 3).

Figura 02: Respostas\* às perguntas relativas à dimensão “preparação para o evento”.



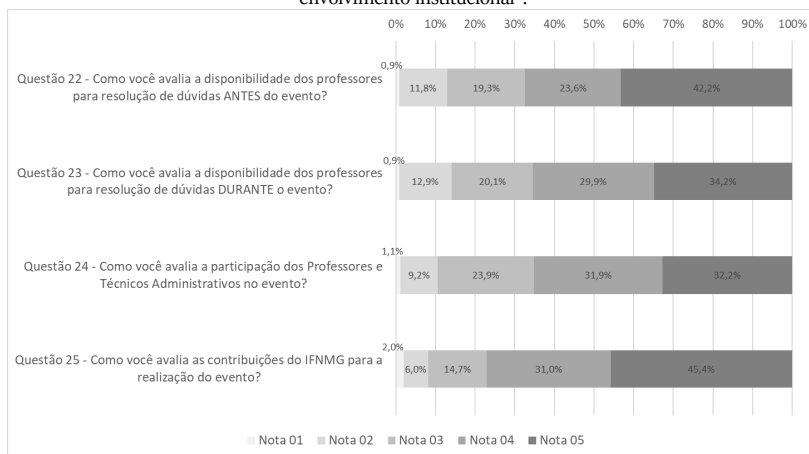
Fonte: elaborado pelos autores (2018).

\*As médias amostrais ( $\bar{x}$ ) e desvios-padrão ( $s$ ) ficaram assim distribuídos: Questão 18:  $\bar{x}$ = 3,57 e  $s$ = 1,14; Questão 19:  $\bar{x}$ = 4,15 e  $s$ = 0,94; Questão 20:  $\bar{x}$ = 3,91 e  $s$ = 1,09.

Sobre a dimensão “participação dos servidores do IFNMG e envolvimento institucional”, mais de 60% dos entrevistados

indicaram, com notas entre 4 e 5, a boa disponibilidade e a participação dos professores ao longo da construção do evento, bem como as contribuições do IFNMG para sua realização. Apesar deste resultado positivo, um terço de entrevistados se demonstraram insatisfeitos, atribuindo notas de 1 a 3, o que reduziu as médias de todas as questões dessa dimensão, com resultados inferiores a 4,1 (Figura 03). Trata-se de um indicador importante, pois revela à organização do evento a importância de realizar ações de sensibilização e engajamento junto à equipe de servidores, assegurando maior apoio durante a preparação e a realização do evento.

Figura 03: Respostas\* às perguntas relativas à dimensão “participação dos servidores do IFNMG e envolvimento institucional”.



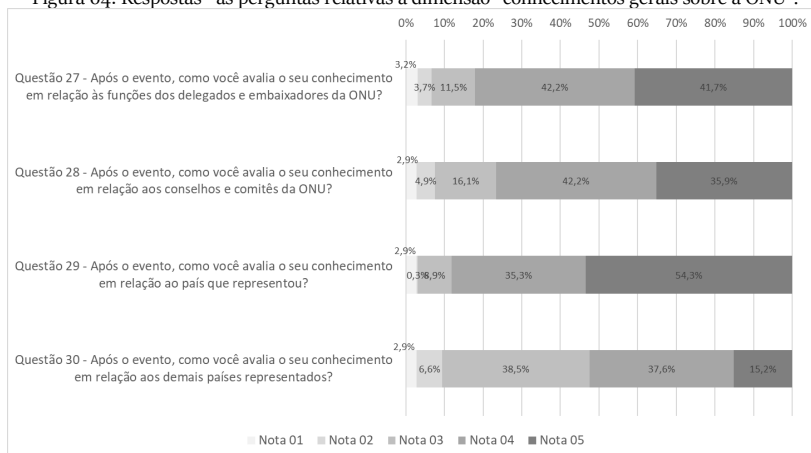
Fonte: elaborado pelos autores (2018).

\*As médias amostrais ( $\bar{x}$ ) e desvios-padrão (s) ficaram assim distribuídos: Questão 22:  $\bar{x}$ = 3,9 e s= 1,17; Questão 23:  $\bar{x}$ = 3,80 e s= 1,13; Questão 24:  $\bar{x}$ = 3,81 e s= 1,07; Questão 25:  $\bar{x}$ = 4,1 e s= 1,05.

A última dimensão abordada no questionário diz respeito aos “conhecimentos gerais sobre a ONU”. Este item relaciona-se ao conhecimento das funções de delegados e embaixadores, dos objetivos das embaixadas, dos comitês e dos países representados pelo entrevistado. As notas desta dimensão variaram entre 4 e 5 em mais de 70% dos casos, com médias superiores a 4 e desvios-padrão inferiores a 0,9, o que indica a homogeneização das percepções. Curiosamente, a avaliação dos entrevistados em relação aos

conhecimentos adquiridos sobre os demais países representados recebeu, majoritariamente, a nota 3 ( $\bar{x} = 3,57$  e  $s = 0,90$ ). Conjectura-se que o resultado esteja associado ao próprio formato do evento, em que a especificidade dos temas debatidos muitas vezes não permite incursões sobre características básicas de outros países, ou ainda, o limitado tempo da feira de embaixadas, que não permitiu que os participantes realizassem visitas completas aos estandes de todos os países representados. Vale ressaltar que um dos requisitos avaliativos para a feira de embaixadas foi o conhecimento dos embaixadores sobre as temáticas debatidas nos comitês. Neste sentido, parece mais razoável admitirmos a dificuldade em conhecer, em minúcia, a política externa de todos os países participantes. Dito de outro modo, embora os alunos tivessem domínio satisfatório da política externa do país representado, eles não compreenderam de maneira adequada o contexto geopolítico em torno da respectiva temática e, principalmente, das demais. Para uma melhor avaliação dessas conjecturas, poderia ter sido feita a seguinte questão: "como você avalia o seu conhecimento em relação à posição de seu país nos outros comitês?"

Figura 04: Respostas\* às perguntas relativas à dimensão “conhecimentos gerais sobre a ONU”.



Fonte: elaborado pelos autores (2018).

\*As médias amostrais ( $\bar{x}$ ) e desvios-padrão (s) ficaram assim distribuídos: Questão 27:  $\bar{x} = 4,2$  e  $s = 0,85$ ; Questão 28:  $\bar{x} = 4,07$  e  $s = 0,89$ ; Questão 29:  $\bar{x} = 4,41$  e  $s = 0,76$ ; Questão 30:  $\bar{x} = 3,57$  e  $s = 0,90$ .

De um modo geral, verificou-se que a média de todas as respostas foi de 3,94, com desvio padrão de 1,04, o que pode ser tomado como *proxy* da qualidade geral do evento, considerado bom, porém, com aspectos a serem melhorados.

A análise dos coeficientes de correlação de Pearson, por sua vez, viabiliza a proposição de algumas sínteses (Tabela 01). Em primeiro lugar, verifica-se que a idade dos entrevistados apresenta correlação negativa e estatisticamente significativa ao nível *p-value* de 5% em relação ao envolvimento dos alunos nas etapas de criação do evento, e sobre o seu conhecimento em relação às funções dos delegados e embaixadores da ONU (questões 11 e 27). Ou seja, quanto menor a idade, maior é a sensação de participação no planejamento do evento e na aquisição de conhecimentos sobre o funcionamento da ONU. Esse resultado não causa surpresa, já que grande parte do conteúdo do Ensino Médio, sobretudo nas Ciências Humanas, passa por discussões de âmbito global, nas quais a ONU assume papel relevante. É esperado que um aluno do 3º Ano conheça algumas agências da ONU, saiba minudências de tratados internacionais, tenha uma noção precisa, pelo menos, sobre a ideia de Direitos Humanos, conheça as causas dos principais conflitos internacionais etc.

No mesmo sentido, observa-se que a idade apresenta correlação negativa em relação à avaliação sobre a organização do evento, os espaços selecionados para a sua realização e a preparação dos professores (questões 12, 13 e 20). Relação semelhante à anterior se estabelece: quanto menor a idade do entrevistado, maior é a sua satisfação. Conjectura-se que o resultado esteja relacionado ao maior senso crítico dos participantes mais velhos, ou ainda, à necessidade de se lhes conceder maior autonomia no planejamento dos espaços e na execução do evento. Os segundos e, principalmente, os terceiros anos são capazes de se autogerir, por exemplo, propondo temas de estudo e realizando simulações sem interveniência dos docentes.



Das variáveis quantitativas analisadas, todas apresentaram correlação positiva entre si, o que é explicado pelo perfil do questionário. O alto desvio-padrão verificado para questão 20 (1,08) em relação à média (3,9) permite conjecturar que o contato dos alunos com os professores não foi uniforme ou constante de modo a lhes permitir uma avaliação mais coesa sobre o conhecimento dos professores em relação aos temas abordados. Para existir uma programação sólida e complexa da formação dos participantes é preciso, em primeiro lugar, explicar as regras e a dinâmica da simulação; em segundo, oferecer informações relevantes e individualizadas sobre cada país para cada representação; por fim, explicitar a relevância dos temas tratados em cada comitê para um público pouco homogêneo, uma vez que para cada turma se distribuíram mais de quatro representações em, pelo menos, cinco comitês. A dificuldade pode ter sido conciliar estas duas últimas condições, seja por uma questão de tempo, seja porque as discussões preparatórias não podem avançar a ponto de esgotar o interesse do assunto a ser debatido na simulação do evento. Essa é uma dificuldade própria do IFMundo, que não acomete a outros eventos de simulação organizacional, cujos participantes pertencem a escolas exógenas à instituição promotora. Para amenizar esse problema, pode-se distribuir os países e divulgar os guias de estudo antecipadamente, ampliando o tempo de estudo preparatório.

Dentre as variáveis que apresentaram correlações estatisticamente significantes entre si (*p-value* igual a 0,000), 11 apresentaram correlação superior a 0,5, consideradas de maior grandeza nesse estudo. Destas, apenas duas correlações ocorreram entre questões de diferentes dimensões de análise: a primeira entre a qualidade do encerramento do evento e a preparação dos diretores de comitê (questões 16 e 19 = 0,501), e entre a preparação dos professores em relação às questões discutidas no IFMundo e sua disponibilidade para resolução de dúvidas antes do evento (questões 20 e 22 = 0,501). As nove demais correlações expressivas estão entre questões de uma

mesma dimensão.<sup>2</sup> Isso significa que elas possuem conexão com as características do grupo temático em torno dos quais foram agrupadas.

Existe uma grande probabilidade de redundância no que se buscou mensurar. Há forte indicativo de que, para se explicar melhor a variância do fenômeno em análise, qual seja, a qualidade do evento IFMundo, serão necessários o aperfeiçoamento das questões e a concepção de abordagens que privilegiem a análise de dimensões diferentes.

Tabela 01: Coeficientes de correlação de Pearson para variáveis selecionadas.

Questão	Indicador	Questão																		
		3	11	12	13	14	15	16	18	19	20	22	23	24	25	27	28	29	30	
11	Correlação	-0,128																		
	P-Value	0,017																		
12	Correlação	-0,099	0,342																	
	P-Value	0,066	0,000																	
13	Correlação	-0,098	0,189	0,403																
	P-Value	0,067	0,000	0,000																
14	Correlação	0,046	0,245	0,285	0,329															
	P-Value	0,397	0,000	0,000	0,000															
15	Correlação	-0,031	0,340	0,356	0,368	0,216														
	P-Value	0,638	0,000	0,000	0,000	0,001														
16	Correlação	-0,048	0,321	0,448	0,352	0,305	0,563													
	P-Value	0,370	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000													
18	Correlação	-0,064	0,354	0,446	0,265	0,318	0,355	0,447												
	P-Value	0,236	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000												
19	Correlação	-0,060	0,356	0,444	0,388	0,352	0,300	0,501	0,505											
	P-Value	0,262	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000											
20	Correlação	-0,092	0,355	0,469	0,313	0,286	0,230	0,477	0,533	0,487										
	P-Value	0,087	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000										
22	Correlação	-0,009	0,251	0,392	0,297	0,344	0,241	0,436	0,459	0,461	0,501									
	P-Value	0,870	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000									
23	Correlação	0,074	0,319	0,345	0,334	0,378	0,336	0,434	0,432	0,446	0,435	0,644								
	P-Value	0,171	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000								
24	Correlação	-0,020	0,385	0,437	0,388	0,333	0,383	0,450	0,468	0,459	0,492	0,557	0,644							
	P-Value	0,716	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000							
25	Correlação	-0,024	0,227	0,341	0,455	0,342	0,332	0,405	0,435	0,395	0,416	0,462	0,490	0,514						
	P-Value	0,658	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000						
27	Correlação	-0,121	0,270	0,278	0,280	0,268	0,242	0,307	0,304	0,265	0,261	0,234	0,286	0,250	0,292					
	P-Value	0,023	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000					
28	Correlação	-0,012	0,272	0,328	0,268	0,296	0,229	0,314	0,308	0,345	0,219	0,313	0,382	0,307	0,333	0,668				
	P-Value	0,829	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000				
29	Correlação	-0,020	0,197	0,094	0,103	0,232	0,148	0,149	0,160	0,121	0,079	0,234	0,202	0,176	0,252	0,273	0,330			
	P-Value	0,704	0,000	0,081	0,054	0,000	0,023	0,005	0,003	0,024	0,142	0,000	0,000	0,001	0,000	0,000	0,000			
30	Correlação	-0,023	0,174	0,253	0,172	0,224	0,251	0,283	0,237	0,303	0,127	0,283	0,252	0,228	0,252	0,393	0,506	0,369		
	P-Value	0,671	0,001	0,000	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,018	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		

Fonte: elaborado pelos autores (2018).

<sup>2</sup> Dimensão "qualidade do evento" (questões 15 e 16 = 0,563), dimensão "preparação para o evento" (questões 18 e 19 = 0,505; questões 18 e 20 = 0,533), dimensão "participação dos servidores do IFNMG e envolvimento institucional" (questões 22 e 23 = 0,644; questões 22 e 24 = 0,557; questões 23 e 24 = 0,644; questões 24 e 25 = 0,514), e dimensão "conhecimentos gerais sobre a ONU" (questões 27 e 28 = 0,668; questões 28 e 30 = 0,506).

A análise de variância (ANOVA) é realizada para se verificarem diferenças estatisticamente significativas entre grupos de entrevistados. Para tanto, analisa-se o conjunto de resposta pelo sexo do entrevistado, o local de participação no evento e a modalidade de participação. A análise de variância das respostas pelo sexo do entrevistado indica diferença significativa de respostas apenas para a questão 19, em que se solicita a avaliação da preparação dos diretores de comitês, melhor pontuado pelo público masculino (Tabela 02). Esses resultados demonstram que o evento tem mérito ao proporcionar isonomia de gênero na experiência apresentada pelos entrevistados.

Tabela 02: ANOVA por sexo dos entrevistados.

Questões	P-Value	Diferença estatisticament e significativa?	Média		Grupo	
			Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Questão 11	0,734	Não	4,051	4,020	A	A
Questão 12	0,957	Não	4,067	4,072	A	A
Questão 13	0,521	Não	4,210	4,150	A	A
Questão 14	0,051	Não	3,831	4,052	A	A
Questão 15	0,136	Não	3,785	3,557	A	A
Questão 16	0,756	Não	3,564	3,608	A	A
Questão 18	0,131	Não	3,487	3,673	A	A
Questão 19	<b>0,009</b>	<b>Sim</b>	<b>4,036</b>	<b>4,301</b>	<b>B</b>	<b>A</b>
Questão 20	0,124	Não	3,826	4,007	A	A
Questão 22	0,453	Não	3,938	3,843	A	A
Questão 23	0,223	Não	3,862	3,712	A	A
Questão 24	0,808	Não	3,826	3,797	A	A
Questão 25	0,563	Não	4,072	4,137	A	A
Questão 27	0,876	Não	4,195	4,209	A	A
Questão 28	0,755	Não	4,061	4,091	A	A
Questão 29	0,343	Não	4,379	4,457	A	A
Questão 30	0,993	Não	3,574	3,575	A	A

Fonte: elaborado pelos autores (2018).

Em relação ao local de participação do evento, verifica-se diferença estatisticamente significativa para todas as questões, exceto a 30, que solicita a avaliação dos entrevistados sobre os demais países representados. A análise do Teste de Tukey demonstra que, de um modo geral, os eventos de Almenara e Pirapora compartilharam maior número de agrupamentos (12),

com destaque para as dimensões “preparação para o evento” e “Participação dos servidores do IFNMG e envolvimento institucional”, seguido por Almenara e Salinas (7), com destaque na dimensão “Qualidade do Evento”. Por sua vez, à exceção da questão 30, Pirapora e Salinas não compartilharam qualquer agrupamento.

O fato de Pirapora e Salinas compartilharem tantos agrupamentos com Almenara pode ser justificado em razão do pioneirismo desta instituição em propor e desenvolver a metodologia do projeto. Vale ressaltar que os docentes do campus Almenara foram responsáveis por realizar os treinamentos de docentes e discentes nos demais campi.

Tabela 03: ANOVA por local de participação no evento dos entrevistados.

Questões	P-Value	Diferença estatisticamente significativa?	Média			Grupo		
			Pirapora	Almenara	Salinas	Pirapora	Almenara	Salinas
Questão 11	0,000	Sim	4,458	4,022	3,832	A	B	B
Questão 12	0,000	Sim	4,361	4,281	3,700	A	A	B
Questão 13	0,006	Sim	4,458	4,165	4,058	A	B	B
Questão 14	0,013	Sim	4,194	3,964	3,752	A	AB	B
Questão 15	0,000	Sim	4,484	3,545	2,800	A	B	C
Questão 16	0,000	Sim	3,986	4,029	2,920	A	A	B
Questão 18	0,000	Sim	3,917	3,871	3,080	A	A	B
Questão 19	0,000	Sim	4,458	4,381	3,759	A	A	B
Questão 20	0,000	Sim	4,139	4,237	3,445	A	A	B
Questão 22	0,000	Sim	3,901	4,345	3,438	B	A	C
Questão 23	0,001	Sim	3,986	3,978	3,511	A	A	B
Questão 24	0,014	Sim	4,069	3,863	3,628	A	AB	B
Questão 25	0,000	Sim	4,444	4,201	3,818	A	A	B
Questão 27	0,000	Sim	4,556	4,216	4,000	A	B	B
Questão 28	0,001	Sim	4,319	4,144	3,876	A	A	B
Questão 29	0,043	Sim	4,569	4,445	4,302	A	AB	B
Questão 30	<b>0,184</b>	<b>Não</b>	<b>3,736</b>	<b>3,568</b>	<b>4,496</b>	<b>A</b>	<b>A</b>	<b>A</b>

Fonte: elaborado pelos autores (2018).

A avaliação da ANOVA sobre a percepção dos entrevistados por sua modalidade de participação revela que em 10 das 17 questões avaliadas não há diferença estatisticamente significativa entre as respostas. Das sete restantes, em cinco o Teste de Tukey indica agrupamentos diferentes por modalidade de participação. Sobre a preparação dos professores em relação às questões discutidas no IFMundo, a participação dos professores e técnicos administrativos no evento, e ao conhecimento em relação à representação

diplomática (questões 20, 24 e 29), verifica-se a polarização das avaliações entre os participantes dos comitês e da imprensa. Nos primeiros dois temas, a avaliação média dos participantes da modalidade imprensa revela-se superior à dos comitês, situação que se inverte no terceiro tema.

Por sua vez, na avaliação sobre o conhecimento adquirido dos conselhos e comitês da ONU (questão 29) verifica-se maiores médias de diretores e de membros de comitês, que ficaram em um grupo, e as menores médias dos participantes de embaixadas. Por fim, o Teste de Tukey, sobre a avaliação dos participantes em relação ao conhecimento sobre demais países representados (questão 30), indica a separação estatística entre o grupo de diretores de comitês e o de embaixadores, com média superior do primeiro sobre o segundo. As questões 12 e 27 apresentaram diferença estatisticamente significativa, ao nível de 5%, de acordo com o valor de seu *p-value* no teste F-ANOVA, entretanto, o Teste de Tukey não foi capaz de identificar agrupamentos distintos.

Tabela 04: ANOVA por modalidade de participação dos entrevistados.

Questões	P-Value	Diferença estatisticamente significativa?	Média				Teste de Tukey			
			Imprensa	Diretor/auxiliar de comitê	Comitê	Embaixada	Imprensa	Diretor/auxiliar de comitê	Comitê	Embaixada
Questão 11	0,198	Não	4,191	4,111	4,050	3,962	A	A	A	A
Questão 12	0,022	Sim	4,250	4,185	4,142	3,820	A	A	A	A
Questão 13	0,089	Não	4,450	4,333	4,212	4,011	A	A	A	A
Questão 14	0,318	Não	4,050	4,222	3,929	3,809	A	A	A	A
Questão 15	0,863	Não	3,721	3,717	3,689	3,595	A	A	A	A
Questão 16	0,323	Não	4,050	3,704	3,571	3,472	A	A	A	A
Questão 18	0,249	Não	3,850	3,778	3,476	3,663	A	A	A	A
Questão 19	0,509	Não	4,300	4,296	4,165	4,045	A	A	A	A
Questão 20	0,079	Não	4,500	3,815	3,849	3,933	A	AB	B	AB
Questão 22	0,537	Não	4,100	4,144	3,849	3,888	A	A	A	A
Questão 23	0,090	Não	4,300	4,074	3,750	3,708	A	A	A	A
Questão 24	0,014	Sim	4,450	3,852	3,698	3,933	A	AB	B	AB
Questão 25	0,659	Não	4,150	4,000	4,151	4,000	A	A	A	A
Questão 27	0,016	Sim	4,350	4,333	4,274	3,955	A	A	A	A
Questão 28	0,000	Sim	4,150	4,370	4,208	3,652	AB	A	A	B
Questão 29	0,004	Sim	3,900	4,482	4,392	4,562	B	A	A	A
Questão 30	0,000	Sim	3,800	4,000	3,637	3,247	AB	A	AB	B

Fonte: elaborado pelos autores (2018).

As notas médias de Salinas são bem inferiores às notas de Almenara. Com efeito, Almenara e Pirapora compartilham a maior parte dos agrupamentos. Para as próximas edições, a comissão organizadora lidará com os desafios de aproximar o nível de satisfação dos diversos campi, padronizando o cumprimento das

rotinas básicas do evento e, ao mesmo tempo, relativizando o seu *modus operandi* conforme as necessidades da realidade local. As análises de variância indicam quais esforços podem ser direcionados ao aprimoramento das rotinas de simulação, apenas espelhando as experiências que resultaram em alta satisfação.

Outro desafio consiste em estabelecer objetivos pedagógicos comuns para as modalidades embaixada e comitê. Os resultados apontam que a experiência do IFMundo não promove a expressão das mesmas competências e habilidades em diferentes modalidades. Este é um tema complexo e polêmico pois, embora o Ensino Médio tenha objetivos gerais comuns para todos os alunos – por exemplo, “a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (LDB, art. 35) –, seria necessário avaliar, para cada indivíduo, em seu processo formativo, quais competências estariam mais adequadas às suas potencialidades. A constatação de diferentes níveis de satisfação reflete as distintas experiências que cada uma das modalidades proporciona. Neste caso, indica-se a necessidade de aprofundamento investigativo sobre os aspectos que levaram a níveis de satisfação distintos, procurando saná-los com a ampliação e flexibilização da metodologia. Para superar esses dois desafios, da padronização da experiência entre os campi e da uniformização de competências adquiridas, deve-se reformular conceitualmente o projeto como um todo.

## **Conclusões e recomendações**

O exercício analítico ora proposto tentou explorar os resultados da pesquisa de opinião sobre o IFMundo 2018, e logrou sucesso ao apresentar, de maneira detalhada, os principais aspectos positivos e negativos do evento sob a perspectiva de seus participantes. Os resultados das avaliações em escala *Likert* de 1 a 5 indicaram a avaliação geral média de 3,94 e desvio padrão de 1,04, com predomínio de respostas 4 e 5. Mesmo considerando-se aí o

fenômeno do efeito de elevação<sup>3</sup>, acredita-se que a diversidade de campi representados na pesquisa e a ausência de vínculos diretos entre os pesquisadores e a maioria dos entrevistados garantiram liberdade suficiente para a expressão sincera das opiniões.

Por outro lado, a expressiva quantidade de avaliações de 1 a 3 induz a reflexão sobre estratégias de aprimoramento da metodologia empregada no evento. Para melhor compreensão das críticas apontadas pelos entrevistados, será necessária uma outra imersão, capaz de mesclar os resultados quantitativos com os relatos oferecidos pelos entrevistados.

À título de recomendações, propõem-se algumas diretrizes para aprimoramento das próximas versões do evento. Para maior satisfação em relação aos eventos de abertura e encerramento, sugere-se delegar aos estudantes organizadores a responsabilidade pela sua programação, o convite ao palestrante e a seleção via voto dos melhores delegados e embaixadas para premiação (atualmente, a premiação é definida pelos docentes responsáveis pela avaliação dos trabalhos). O nível de envolvimento institucional poderia ser potencializado com o convite e a capacitação de um maior número de servidores, de maneira a criar alternativas para a orientação dos discentes e diminuir a sobrecarga daqueles diretamente envolvidos.

Para o aumento da satisfação dos conhecimentos sobre a ONU, sugere-se o seguinte: à oferta de capacitação por indicação de textos e à formação por aulas presenciais devem se acrescentar vídeos elaborados pelos organizadores (docentes e discentes) sobre as regras da simulação, as características dos comitês e o funcionamento da ONU. O comitê de imprensa é o meio fundamental para que essas informações produzidas cheguem de maneira adequada a seu destinatário. A preparação para o evento

---

<sup>3</sup> Segundo Esperidião e Trad (2005, p. 304), “Na literatura sobre satisfação de usuários, é bastante peculiar observar que, a despeito de variabilidade de formas de se conceber e de medir a satisfação de usuários, a maioria dos estudos, entre abordagens quantitativas e qualitativas, traz como resultado altas taxas de satisfação. Este fenômeno é conhecido na literatura como efeito de “elevação” das taxas de satisfação e é reportado mesmo quando as expectativas sobre os serviços são negativas”.

também poderia ser potencializada caso o planejamento fosse antecipado e os países e entidades representados fossem selecionados com maior antecedência. Por fim, recomenda-se a reorganização dos tempos do evento para que todos possam usufruir dos diferentes momentos que ele proporciona.

## Referências

- ANDRE, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Pesquisa em Educação: Buscando Rigor e Qualidade. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 113, p. 51-64, 2001.
- ANJOS, Adilson dos. Planejamento de Experimentos I. UFPR: Curitiba, 2005.
- BRASIL [LDB]. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9.394/1996. Publicado no DOU de 23 dez. 1996. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm)>. Acesso em 11 dez. 2018.
- BABBIE, Earl. Métodos de pesquisa de Survey; tradução de Guilherme Cezarino – Belo Horizonte: Ed. UFMG. 519p, 1999.
- DE PAULA, Ana Paula Lattaro; BERGAMASCHI FILHO, Edson; DOS SANTOS, Gisele Guerra. Análise da Eficiência de Ferramentas de Simulação Organizacional Enquanto Facilitadoras da Aplicação de Teorias para o curso de Graduação em Administração. Revista Libertas. v. 1, n. 1, 2011.
- ESPERIDIÃO, Monique; TRAD, Leny Alves Bomfim. Avaliação de satisfação de usuários. Ciência e Saúde Coletiva (Impresso), v. 10, p. 303-312, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.
- MARTINS, Alex Lara; COSTA, Alfredo; PALHARES, Leonardo Machado. Cidadania global e direitos humanos: efeitos educacionais do desenvolvimento da simulação da ONU no Vale do Jequitinhonha. Monções: Revista de Relações Internacionais da Ufgd, Dourados, v. 7, n. 14, p.11-39, 2018. Semestral. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/9105>>. Acesso em: 18 fev. 2018.



TRIOLA, Mário F.. Introdução à estatística: atualização da tecnologia. 11 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014. 707p.

VAUS, David A. de. Survey in social research. 5. ed. Londres: Routledge, 2002. 379 p.



## Capítulo 12

### As experiências pedagógicas do IFNMG-Campus Araçuaí como escola visitante do IFMundo

*Arthur Aguiar dos Santos<sup>1</sup>*

*Aureliane Aparecida de Araújo<sup>2</sup>*

*Bruna das Graças Soares<sup>2</sup>*

*Fabírcia Vieira Afonso<sup>1</sup>*

*Gleysson de Paula Terra<sup>2</sup>*

*Iâmara Pereira dos Santos<sup>1</sup>*

*Lillian Gonçalves de Melo<sup>2</sup>*

*Liz de Souza Pereira<sup>1</sup>*

*Luca Ramos Dias<sup>1</sup>*

*Mariluce Pereira De Jesus<sup>1</sup>*

*Nivaldo de Oliveira Boaventura Filho<sup>2</sup>*

#### Introdução

Neste artigo discutimos sobre as experiências construtivas vivenciadas pelos alunos e professores dos cursos técnicos e integrados ao ensino médio do IFNMG – Campus Araçuaí. O IFMundo é um projeto de ensino originado no Campus Almenara que, em 2018, passou a ser realizado em outros campus do IFNMG.

A proposta de participação de Araçuaí no projeto IFMundo – modelo de simulação da ONU do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – revelou-se como uma oportunidade desafiadora e,

---

<sup>1</sup> Discente do curso técnico/integrado ao Ensino Médio do IFNMG–Campus Araçuaí

<sup>2</sup> Docente do IFNMG–Campus Araçuaí

sobretudo, instigante aos professores e estudantes. Ao nos depararmos com a proposta do projeto, no primeiro encontro formador, a experiência de execução veio-nos à tona por meio de parceria com o Campus Almenara. Na ocasião, os relatos das experiências ofereceram a compreensão do caráter de formação cidadã para discentes do campus e, ao mesmo tempo, integrador para comunidade escolar regional.

O Campus Araçuaí constituiu uma equipe multidisciplinar composta por seis professores de diferentes áreas e um técnico coordenador do núcleo de Comunicação do Campus, no esforço de elencar o ordenamento de uma equipe de imprensa e de seis equipes de quatro estudantes integrantes (representando seis comitês distintos) de todas as turmas dos cursos técnicos integrados, sendo eles marcados por agendas plurais de ordem tecnológica, ambiental, social, cultural e geopolítica/territorial. Os comitês trataram de agendas de ordem global capazes de transitar para temáticas regionais e locais.

Após a divisão da equipe de imprensa e das seis equipes de comitês distintos, iniciamos a etapa de pesquisas, estudos, discussões e produções promovidas entre os sete grupos. Em cada uma delas havia um docente para mediar as atividades desenvolvidas, nas quais os discentes eram protagonistas do aprendizado. Por fim, realizamos três simulações com toda a equipe do IFMundo do Campus Araçuaí, quando cada estudante pôde opinar sobre as exposições e argumentos construídos para a atuação em seu comitê, de modo a melhorar as lacunas argumentativas ainda existentes.

Percebemos que o IFMundo contribuiu para o desenvolvimento de reflexões sobre os caminhos capazes de direcionar estudantes às práticas de ensino-aprendizagem pautadas na autonomia; promoveu também ações de planejamento para viabilizar e capacitar docentes e discentes. O campus Salinas, localizado a 110 km de Araçuaí, tornou-se a sede para realização do primeiro IFMundo institucionalizado, cuja organização foi acompanhada pela Pró-Reitoria de Ensino (PROEN). Para a equipe multidisciplinar do Campus Araçuaí essa prática

constitui uma experiência ímpar na formação tanto do discente quanto dos docentes.

A seguir iremos abordar as experiências vivenciadas nessa participação do IFMundo em Salinas e também o evento MINIONU, realizado na PUC-Minas em outubro de 2018. Para facilitar a compreensão do leitor, dando fluência e inteligibilidade ao texto, as entrevistas foram editadas para o formato do discurso indireto. Acreditamos que as experiências relatadas neste artigo possam expandir as percepções sobre a importância, eficiência e proposta de ensino-aprendizagem construídos no decorrer do IFMundo.

### **Avanços estudantis: o protagonismo discente**

No decurso da aplicação da metodologia de ensino-aprendizagem de Simulação da ONU, o estudante gradativamente desenvolve a interpretação de outras culturas e posicionamentos adotados por países imbuídos por especificidades históricas, econômicas, políticas e religiosas distintas. Muitas vezes, esses aspectos são distintos e contraditórios em relação à visão de mundo do próprio estudante.

Na percepção da estudante Liz de Souza<sup>3</sup>, o projeto IFMundo está atrelado ao processo de construção de ideias, do pensamento coletivo, pluralidade de concepções políticas, religiosas, culturais e, sobretudo na formação humanizada do estudante. Para ela, o desafio de discutir comitês, bem como o desdobramento das suas agendas, abarcou a perspectiva de nossa função como estudantes copartícipes das agendas sociais, econômicas, políticas, ambientais e culturais vigentes na sociedade.

Ao se posicionar como membro do comitê da imprensa, constituído por nove estudantes, o aluno Arthur Aguiar dos Santos<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Estudante do 2º ano do curso técnico em Agroecologia integrado ao Ensino Médio do IFNMG/Campus Araçuaí.

<sup>4</sup> Estudante do 2º ano do curso técnico em Meio Ambiente integrado ao Ensino Médio do IFNMG/Campus Araçuaí.

pensa que foi uma experiência pedagógica paradigmática e basilar, no sentido de documentar, analisar, difundir de modo imparcial a circulação de ideias para além do evento. Para o estudante, a ideia da imprensa extrapolou o conceito de informar, porque se propôs a multiplicar ações nas escolas e ainda enfatizou o poder das palavras registradas no esforço de apontar caminhos nas tomadas de decisões através de órgãos capazes de atuar em favor dos comitês em estudo.

Na visão da estudante Mariluce Pereira de Jesus<sup>5</sup>, exercer a função de um delegado, representante de um país signatário do comitê integrante da ONU colaborou na construção de ideias ancoradas no diálogo e na habilidade de negociar ações, que são fruto da culminância nas resoluções finais que privilegiam o coletivo. Mariluce enfatiza que é possível interpretar o significado do projeto sob a perspectiva da pluralidade de ideias e do ensino-aprendizagem interdisciplinar.

Já para o estudante Luca Ramos Dias<sup>6</sup>, a melhor experiência vivenciada como constitutiva do protagonismo discente são as leituras prévias, o trabalho em equipe e a produção textual, via elaboração de um documento de posicionamento oficial (DPO) do país. Essas atividades estimulam a criatividade para pensar o espaço sociocultural de cada embaixador. O estudante destacou também a importância da preparação gradativa dos alunos no tocante à arguição perante os possíveis desdobramentos dos conflitos reinantes em cada comitê de estudo.

Nos dias da simulação, de acordo com a estudante Iâmara Pereira dos Santos<sup>7</sup>, o estudante é submetido a uma tarefa: posicionar-se, trabalhar a oratória de maneira que satisfaça seus objetivos e, sobretudo, aprender de diferentes formas, com

---

<sup>5</sup> Estudante do 2º ano do curso técnico em Informática integrado ao Ensino Médio do IFNMG/Campus Araçuaí.

<sup>6</sup> Estudante do 2º ano do curso técnico em Agrimensura integrado ao Ensino Médio do IFNMG/Campus Araçuaí.

<sup>7</sup> Estudante do 3º ano do curso técnico em Agroecologia integrado ao Ensino Médio do IFNMG/Campus Araçuaí.

diferentes pessoas, de diferentes pensamentos. O IFMundo ensina, de maneira interativa, integrativa e responsável, a ser crítico e, principalmente, tolerante.

Durante o evento, os estudantes assumiram o cargo de representante signatário de uma nação, que deveria defender a política externa do seu país diante de uma problemática de âmbito mundial juntamente com as demais nações reunidas em um comitê. O objetivo dessa reunião com os vários países do mundo foi o de desenvolver uma proposta de solução de maneira os representantes entrem em consenso para que as medidas tomadas satisfaçam tanto os países desenvolvidos quanto os subdesenvolvidos.

Vale ressaltar que, para tal objetivo, é preciso debate, segundo Iâmara. Os discentes-representantes têm que se atentar para uma postura imparcial e decorosa: jamais devem direcionar os seus argumentos para um delegado de maneira ofensiva, como, por exemplo, utilizando palavras de baixo calão. Na defesa de seu país, o delegado deve utilizar da oratória para convencer os demais que sua ideologia é plausível e aplicável tanto em âmbito interno quanto internacional ou que sua nação não está de acordo com determinada proposta sugerida por outra delegação, caso contrário, estaríamos diante de uma atitude imprudente que prejudicaria o seu país, como também todos os demais afetados mundialmente por aquele problema.

### **Os Comitês: relatos dos discentes**

Para o bom desenvolvimento no comitê, a percepção da estudante Mariluce Pereira é de que o discente-representante deve realizar estudos prévios sobre seu país, incluindo principalmente economia, hábitos culturais, crenças, contexto histórico e política externa. Outro fator de destaque abordado pela estudante é o fato de que a organização disponibiliza um site com o resumo do evento, assim como o dossiê para auxiliar o estudo dos participantes, constituído pela descrição das regras vigentes nas reuniões da ONU,

do tema do comitê e de seu esclarecimento, do resumo da política externa de cada país e do grau de importância de cada um nos respectivos comitês. É possível a participação de representantes como observadores. Para obter êxito, o estudante deve possuir uma argumentação plausível e auditada, isto é, deve ser resultado do estudo sobre a temática e a geopolítica mundial em diversas fontes como artigos, jornais, revistas, livros.

Além de estudos diversos, o discente vivencia uma preparação prévia no próprio Campus, que é conduzida pelos docentes durante toda preparação. Por isso, segundo o aluno Luca Ramos, somos induzidos a ler, escrever e falar, porém com palavras ditas como um profissional acadêmico que utiliza da oratória para se relacionar com pessoas da melhor maneira possível. Aprende-se a ser objetivo, autoconfiante, prudente e, sobretudo, diplomata. Para Luca, o autodidatismo é uma habilidade muito trabalhada pelo representante, uma vez o aluno deve analisar o tema individualmente, se posicionar com ideias defendidas pelo país representado – mesmo que não concorde com a sua ideologia – e propor soluções que satisfaçam o problema tanto para as nações ricas quanto para as pobres sem, contudo, desrespeitar os direitos humanitários.

Ao relatar suas experiências na participação na simulação do ACNUDH (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos), a estudante Liz de Souza destaca que esse comitê reuniu os delegados representativos dos países do mundo todo para que pudessem abordar um tema quase futurístico, qual seja, “A Implantação de Microchips em Seres Humanos”. Esse tema é polêmico, já que envolve avanços tecnológicos, crença religiosas, concentração de poder e saúde coletiva. Segundo Liz, durante os estudos, o discente tem que pensar nos prós e nos contras das consequências do uso de microchips em seres humanos, qual a melhor maneira de realizá-lo, assim como quais argumentos utilizar caso alguma suposta nação queira lhe surpreender com algum questionamento espontâneo. Por ser um tema vanguardista, foi



necessário um estudo mais aprofundado. Era preciso que os próprios representantes agissem como o governo de sua nação. Deste modo, eles teriam uma visão mais crítica e inovadora para solucionar a questão colocada em âmbito mundial.

O estudante Luca Ramos, que participou como membro da temática do Comitê Organização Mundial do Comércio (OMC) – Rodada Doha – salienta que a discussão foi orientada especialmente para assuntos comerciais que envolviam, por exemplo, a diminuição de tarifas e subsídios agrícolas. Fez-se necessária a pesquisa de diferentes fontes de estudos que pudessem preparar os discentes para os temas discutidos no ambiente de simulação. No que tange à escolha dos países, alguns critérios foram estabelecidos, como sua relevância econômica nas relações comerciais regionais e globais. Entretanto, houve delegações que, mesmo não sendo membros oficiais da OMC, puderam participar da Rodada Doha como observadoras, uma vez que, posteriormente, integrariam a organização.

No ambiente de simulação, de acordo com a estudante Fabrícia Vieira<sup>8</sup>, as delegações da OMC, representadas pelos discentes de Araçuaí, souberam claramente expor o posicionamento de seu país, dialogando com os demais e, sobretudo, respeitando os diferentes pontos de vista dos que ali estavam envolvidos. Ademais, os alunos puderam potencializar suas noções de argumentação, buscando defender as suas ideias com maior embasamento. Ela também acredita que a oratória é a principal ferramenta de defesa em um comitê que simula uma reunião da ONU. Esse projeto de simulação objetiva proporcionar aos estudantes vivências por meio da experiência de uma reunião com países de diferentes hemisférios, culturas, crenças, organização política, econômica e social. O desenvolvimento do comitê induziu o participante a desenvolver tolerância com a diversidade política, cultural e econômica do

---

<sup>8</sup> Estudante do 3º ano do curso técnico em Agrimensura integrado ao Ensino Médio do IFNMG/Campus Araçuaí.

mundo. Em especial, a estudante alega que o comitê de Política de Integração para Imigrantes – ACNUR – foi direcionado para a elaboração de políticas públicas para a integração de imigrantes, como por exemplo a integração linguística e a questão dos direitos trabalhistas dos imigrantes. Para a discussão dos tópicos foram realizadas várias pesquisas em diferentes sites e livros que pudessem preparar para os debates. A realização da simulação da ACNUR, segundo a estudante Fabrícia, proporcionou o aprendizado de como expor o posicionamento do país representado e como saber mais sobre o posicionamento de outros países, estimulando o respeito aos diferentes costumes e opiniões dos participantes ali presentes. Foi uma experiência que fez rever, enquanto estudantes, ações, pensamentos e proporcionou um melhor aprendizado sobre a história de alguns países e a importância da formação do pensamento crítico.

Para Fabrícia, algumas questões se mostraram pertinentes para a preparação das delegações, a saber: a principal atividade econômica do país representado, a importância da agricultura na sua economia, a adoção de medidas protecionistas, dentre outras. Durante os debates, os alunos tiveram que esclarecer tópicos acerca das medidas protecionistas na agricultura, por exemplo, apontando soluções para a redução desses problemas.

O comitê da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), segundo a estudante Iâmara Pereira, tratou de assuntos de suma importância, que perpassam a discussão sobre crise alimentar no século XXI. Foi necessário que os estudantes pesquisassem profundamente sobre produção de alimento, desperdício, embargos econômicos, alimentos transgênicos, agricultura familiar, saúde pública e política.

A escolha das delegações que compuseram o comitê, de acordo com Luca Ramos, também foi estratégica, considerando critérios como influência no mercado de produção e exportação de alimentos e ainda países que possuem altos índices de fome, além de outros que, mesmo não tendo ligação direta com o tema, tinham

condições financeiras suficientes para contribuir com acordos internacionais. Para Luca, o Campus Araçuaí esteve representado por suas delegadas que estavam de lados opostos na discussão estabelecida, oferecendo ao comitê reflexões sobre as várias faces de um mesmo problema: a fome.

A experiência pode ser resumida, na visão da estudante Fabrícia Vieira, como uma experiência excelente e produtiva. Ao defender a posição do Brasil em relação ao conflito envolvendo os Palestinos e Judeus, ela teve que entender os fatores históricos e culturais que o causaram. Desta forma, adquiriu conhecimento sociocultural, além de melhorar a oratória para expor argumentos na defesa do posicionamento brasileiro. Segundo Fabrícia, ao final do projeto o próprio discente é capaz de compor um artigo em defesa de sua tese. Além disso, o IFMundo serviu como uma preparação para participação do MINIONU-Puc-Minas, maior modelo de simulação da América Latina. Os estudantes-representantes se relacionam com uma maior quantidade de pessoas que vêm de diferentes escolas, de diferentes lugares do país. Assim, são desafiados para um compromisso internacional maior.

### **A participação no comitê de imprensa**

Na opinião do estudante Arthur Aguiar, que participou do comitê de imprensa, a divulgação de notícias é o meio de facilitar e democratizar o acesso às informações, além de registrar os fatos para a posteridade. Para ele, essa importante ferramenta social não poderia ficar de fora dos eventos das Nações Unidas. Por meio da imprensa, cidadãos de todo o mundo podem acompanhar e refletir sobre os assuntos tratados em cada reunião, avaliar as posturas dos seus representantes e dos representantes dos demais países e opinar sobre cada decisão.

A equipe de comunicadores, que inclui jornalistas, fotógrafos, relações públicas, redatores, intérpretes, assessores e outros profissionais, busca captar cada emoção, os melhores e os piores

momentos, os pontos centrais de cada evento e de cada discussão e até mesmo aquilo que por outros olhos passaria despercebido. Desta forma, a comunicação é fundamental para o bom funcionamento dos sistemas sociais.

Nas assembleias e eventos das Nações Unidas, segundo Arthur, é sempre notável a presença das equipes de comunicação social, dos comitês de imprensa, e ainda que jornalistas de todo o mundo possam se credenciar para fazer as coberturas. Na simulação proposta pelo Projeto IFMundo, a equipe de imprensa pôde comprovar sua importância, bem como a necessidade de desenvolver um trabalho com credibilidade e responsabilidade, necessário à comunidade em que estava inserida.

### **A experiência dos docentes**

Através do projeto de ensino IFMundo, os professores envolvidos vivenciaram a realização de um trabalho interdisciplinar, que perpassa diferentes áreas e promovendo um espaço contextualizado de interação com os alunos. Cabe enfatizar a relevância da interdisciplinaridade para a educação no que se refere ao uso de conhecimentos de várias disciplinas para a resolução de um problema, para a tomada de decisões e para a compreensão de um determinado assunto sob diferentes pontos de vista.

Assim, a interdisciplinaridade no IFMundo se transforma em uma ferramenta, utilizada pelo professor, que se complementa ao conhecimento escolar por meio de um diálogo com outras disciplinas. Ademais, é uma forma de promover nos alunos uma ampla percepção do mundo onde estão inseridos.

Experiências trocadas de como lidar com os problemas fazem com que os estudantes busquem estratégias que, aplicadas por todos, corroboram para um sistema de respeitabilidade de opiniões. Além da metodologia baseada na carga de leituras e escrita, defesas de opiniões, entre outras, é preciso que também se leve em consideração a aplicabilidade. Por isso se faz tão importante a troca

de experiência com outros docentes, discentes e a comunidade. O intercâmbio de conhecimentos entre as pessoas traz ideias de transformação e aprimoramento, pois segundo Freire (1996), deve-se discutir achados e não apenas textos, debatendo dúvidas, interrogando-nos, desafiando-nos, sugerindo-nos leituras, surpreendendo-nos.

## **Ensaio conclusivos**

A partir das experiências vivenciadas no decorrer da nossa participação no IFMundo, foi possível constatar as possibilidades de promover novas percepções sobre agendas de interesses local, regional e global, e de vislumbrar novos caminhos para o projeto institucional.

A prática de discussão na simulação oportuniza aos discentes um pensamento mais crítico e responsável acerca de questões relevantes ao contexto mundial. É possível, com isso, a adoção de uma agenda de desenvolvimento mais sustentável e de acordo global no que se refere aos temas de interesse de cada país.

A experiência com o IF MUNDO foi além de representar as cores de uma nação. Ela consiste em adquirir criticidade nas tomadas de decisões, como as já citadas, que impactam a vida de milhares de pessoas. A vivência no projeto trouxe consigo a valorização do debate de temas de importância global, proporcionando análises mais aprofundadas.

Os debates pautaram temas como ciência, tecnologia, ambiente, direitos humanos e paz, e tiveram o caráter de fortalecer laços intrapessoais e interpessoais; mostraram a relevância dos possíveis impactos causados por uma simples tomada de decisão.

Ao analisar cada pauta, além das fundações (pesquisas prévias, campos de estudo), foi necessário buscar uma tomada de decisão que fosse imparcial, para que todos, ou a maioria, fizessem parte de um bem maior e comum a todos. Além da simulação, o projeto trouxe noções de planejamento e o espírito de cidadania e de

cooperação, buscando as ações de inclusão e outros benefícios. Portanto, a participação no IFMundo estimulou o exercício em prol da cidadania, possibilitando novas pautas para indagações, e a visão do mundo como um sistema em que todos estão inseridos e têm voz.

## Referências

NAÇÕES UNIDAS, Centro Regional de Informação das. Mensagem do Secretário-Geral da ONU – Dia Mundial da Liberdade de Imprensa. Disponível em <https://www.unric.org/pt/actualidade/23582>, acesso em 07 dez. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

## Capítulo 13

# **Modelo Intercolegial das Nações Unidas - MINIONU: há vinte anos mudando a vida de milhares de jovens brasileiros**

*Gabriel Fernandes Pimenta\**

*Joelton Carneiro de Lima\*\**

*Victor de Matos Nascimento\*\*\**

### **Introdução**

O presente capítulo tem por objetivo apresentar o Modelo Intercolegial das Nações Unidas (MINIONU) e ressaltar sua contribuição para o aumento e consolidação dos modelos de simulação de organismos das Nações Unidas no Brasil. O projeto se entende como um mecanismo de diálogo e educação horizontal entre os jovens das escolas brasileiras e os graduandos da PUC-Minas, universidade que sedia o evento.

Acredita-se que compreender o MINIONU a partir de sua dinâmica de funcionamento interna e de seus progressos desde seu surgimento, os desafios que enfrentou e suas potencialidades, será fundamental para que se perceba porque este modelo é tão importante no cenário nacional. Em 2019 o MINIONU está

---

\* Mestre em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Contato: pimenta.gabriel@gmail.com.

\*\* Mestre em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Contato: joeltonlima2@yahoo.com.br.

\*\*\* Mestrando em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Contato: victormatosnasc@gmail.com.

completando 20 anos e este capítulo se propõe a apresentar os pontos principais de seu projeto pedagógico, como a equipe e a Comissão Organizadora se organizam e porque os comitês do evento apresentam diferenciais frente a outros modelos de simulação.

As discussões estão organizadas com uma primeira seção em que se apresenta o projeto em si, como surgiu, como se estrutura e quais são seus propósitos. A próxima parte discute os desafios que o projeto enfrentou para se consolidar e também como sua expansão foi fundamental para que mais jovens tivessem a oportunidade de experimentar esta vivência. Em seguida, apresenta-se quais são as propostas para o futuro do projeto, sobretudo aquelas voltadas para sua consolidação enquanto uma simulação de excelência acadêmica. Por fim, a última parte é dedicada a considerações finais, onde ressalta-se os pilares fundamentais que guiam o projeto.

## **O Modelo Intercolegial das Nações Unidas (MINIONU)**

O Modelo Intercolegial das Nações Unidas, também conhecido como MINIONU, é um modelo de simulação de organismos das Nações Unidas. Ele está inserido em um conjunto de simulações que acontecem no Brasil e no mundo e que tem o propósito de simular espaços de diálogo e negociação internacional, colocando alunos de diversos níveis de ensino em posições de diplomatas ou chefes de estado para que possam, com base em estudos prévios acerca dos temas aos quais são alocados, propor soluções conjuntas e avançar discussões em agendas consideradas importantes para a conjuntura internacional ou para a época em que ocorreram (MINIONU, s/d).

O MINIONU é um projeto que nasceu em 2000 dentro do Departamento de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. Ainda em 1999, um grupo de alunos do curso de Relações Internacionais (RI) teve a oportunidade de viajar até a Turquia para o Harvard Model United Nations (Harvard MUN) e a partir da experiência que lá tiveram e de um



prêmio que conquistaram, observaram que aquele tipo de projeto não era algo tão comum no Brasil e que poderia se encaixar na realidade acadêmica local. Quando voltaram à Belo Horizonte, propuseram ao Departamento que algo semelhante fosse criado, e assim o MINIONU começava a tomar forma.

A ideia era que os alunos da graduação fossem os responsáveis por organizar o evento, preparar todos os materiais acadêmicos e treinar a equipe que ficaria responsável pelas simulações. É importante destacar que a proposta, desde o princípio, era que aquele fosse um projeto feito pelos alunos da graduação, logo, com exceção dos professores mais diretamente envolvidos com a coordenação pedagógica do projeto, muitos outros professores também foram responsáveis por acompanhar processos acadêmicos e administrativos, ainda que com atuações mais pontuais.

A iniciativa tinha como base a decisão de tornar popular o ainda recente curso de Relações Internacionais. No período, o número de graduações na área era extremamente restrito, com severas limitações à divulgação para além da comunidade universitária. A proposta de uma simulação voltada para estudantes do ensino médio visava indicar que o objeto de estudo e trabalho das Relações Internacionais era capaz de mobilizar conhecimentos que faziam parte do cotidiano dos alunos, e que mesmo aqueles estudantes com interesses em outras áreas, como as ciências biológicas ou exatas, seriam beneficiados ao conhecer com maior profundidade o funcionamento das negociações internacionais.

Pensada esta estrutura, algumas simulações mais simples e internas foram feitas entre os alunos da graduação, sobretudo como forma de se familiarizar com a dinâmica de uma simulação. Foi então que, em 2000, na primeira edição oficial do evento, cerca de 200 estudantes do Ensino Médio da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) compareceram para simularem nos comitês da época. No ano seguinte, o evento teve um crescimento de 150%, contando com cerca de 500 estudantes, que agora passavam a vir de

outras cidades mineiras, bem como do Distrito Federal, Goiás, Espírito Santo e Rio de Janeiro (MINIONU..., s/da).

Em 2002 ocorreu um importante evento PUC-Minas: o Harvard World Model United Nations, modelo promovido pela Universidade de Harvard. Esta experiência contribuiu para reforçar a liderança da universidade no ambiente das simulações no Brasil, que a esta altura já começava a dar sinais de expansão, além de conferir ao MINIONU um papel de representante desta cultura, tanto em Minas Gerais quanto no Brasil, uma vez que ainda era um dos poucos no país (MINIONU..., s/da).

Já em sua quarta edição, no ano de 2003, o evento contou com a presença de cerca de 1000 alunos do ensino médio, que foram distribuídos em dezessete comitês, maior número até então. De acordo com os dados publicados na página do evento, o número de delegados - alunos do Ensino Médio, variou dentro desta faixa nos últimos anos, uma vez que a Comissão Organizadora considera que é um número que permite que muitos jovens participem, ao mesmo tempo em que se preza e garante que a qualidade seja mantida (MINIONU..., s/da).

Finalmente, em 2009, o MINIONU celebrou sua 10<sup>a</sup> edição, apresentando uma programação comemorativa diferenciada que incluía atividades específicas para os professores acompanhantes dos alunos, como seminários e debates, além de contar com a presença do então Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim (MINIONU..., s/da). Tradicionalmente os modelos de simulação possuem a cada edição um Secretário Geral, ou seja, uma pessoa da organização, cujo título se assemelha ao cargo superior das Nações Unidas, e que possui a função de representar o projeto institucionalmente. Em 2009, o Secretário Geral do MINIONU foi Gabriel Pimenta, que hoje atua como professor de Relações Internacionais em Belo Horizonte e colabora com o MINIONU. Acerca desse período, Gabriel destaca que uma das experiências mais engrandecedoras foi a oportunidade de visitar escolas na RMBH. É tradição que em oportunidades pontuais o (a) Secretário

(a) Geral visite escolas para divulgar o projeto e ajudar na disseminação da cultura de simulações. Gabriel conta que foi a colégios com mensalidades altas e outros em situação precária, e que aquilo foi fundamental para sensibilizá-lo acerca do papel de transformar vidas que o MINIONU possui (PIMENTA, 2019).

O caráter pedagógico do MINIONU é um de seus principais alicerces e também algo que o diferencia dos outros modelos de simulação. Gabriel Pimenta é um exemplo de aluno do Ensino Médio que veio ao MINIONU por duas vezes como delegado, se identificou com o ambiente acadêmico ali proposto, ingressou no Curso de Relações Internacionais e seguiu a chamada “Carreira MINIONU” em todos os seus níveis. Gabriel afirma que ainda que tenha sido criado em Belo Horizonte, sua “infância e adolescência foi meio provinciana em alguma medida. Morava em um bairro distante do centro, era uma convivência muito fechada na família e amigos do colégio” (PIMENTA, 2019). Um dia, um amigo que sabia que ele se interessava por geografia e política o abordou e o levou até a sala da diretora do colégio em que estudavam, onde foi feita uma reunião para a formação de um grupo de estudos que viria ao MINIONU. Gabriel destaca que veio “para o MINIONU sem saber como funcionaria, como acho que muitos ainda fazem. Muito tempo depois os modelos se tornaram mais populares. Eu vim não tão bem preparado” (PIMENTA, 2019).

Casos como este de Gabriel são muito comuns e o trabalho da Comissão Organizadora ao longo do ano que antecede o evento é justamente com o propósito de garantir uma comunicação com as escolas que as permitam preparar seus alunos para que cheguem ao evento mais cientes de seus papéis. Nessa primeira experiência, Gabriel ressalta como foi diferente estar em um lugar que não conhecia, com pessoas de todo o Brasil e discutindo e aprofundando temas pelos quais ele se interessava mas não possuía ideia e nem método para chegar lá. Além disso, ele percebeu o quanto era tímido, e o MINIONU também o ajudou a enfrentar esse desafio. Ele afirma que no ano seguinte, em sua outra experiência como delegado,

aproveitou para melhorar. “Já vim sabendo o que era o evento, nós nos preparamos melhor. Ali que eu vi que seguir o caminho das RI era o que eu queria [...], o MINIONU me credenciou para questões profissionais” (PIMENTA, 2019).

## **Consolidação e expansão**

O MINIONU é um projeto com vinte anos que ao mesmo tempo em que vem se consolidando, busca se atualizar e adaptar diante das adversidades da realidade brasileira. Sobretudo nos últimos dez anos, o projeto buscou se solidificar ainda mais como um modelo cuja didática foge dos padrões tradicionais de ensino. Enquanto um projeto de extensão dentro da PUC-Minas, o MINIONU apresenta um projeto pedagógico sólido focado em uma formação crítica e cidadã. A ideia é que os jovens, sejam eles alunos do Ensino Médio ou da graduação, sejam capazes de perceber e interpretar os fenômenos e acontecimentos internacionais. Para além do conhecimento acadêmico, os alunos podem trabalhar em grupo para pensar soluções coletivas, desenvolver suas capacidades de diálogo e se adaptarem para lidar com situações de pressão (MINIONU..., s/db).

Uma mudança perceptível no planejamento acadêmico do evento ao longo de sua trajetória é a possibilidade de especialização dos debates. O fenômeno tem raízes em duas tendências paralelas. Primeiramente, a expansão significativa do campo das Relações Internacionais no Brasil, tanto pelo viés acadêmico como pelo aprofundamento dos laços de inserção internacional do país em seu comércio e política externa, tornou negociações e processos políticos internacionais mais acessíveis e visíveis para o grande público, incluindo os estudantes secundaristas. Em segundo lugar, a geração de uma cultura de eventos de modelagem e simulação no Brasil, decorrente em grande medida pela própria criação do MINIONU, consolidou as práticas de simulação extraclasse junto a segmentos consideráveis do corpo discente secundarista. O enraizamento dessa

cultura, em conjunto com a mudança do campo das Relações Internacionais de modo mais amplo, permitiu que o MINIONU mudasse a ênfase de suas simulações, saindo do status inicial introdutório, voltado para a popularização do campo, para discussões e pesquisas com maior grau de sofisticação. A maior tecnicidade dos debates e maior variedade das formas de elaboração de regras e dinâmicas de negociação sinalizam a maior densidade das atividades.

Para garantir que as diretrizes de tal projeto pedagógico se tornem práticas, o MINIONU, nos últimos dez anos, intensificou suas parcerias e projetos, tanto dentro da PUC-Minas como com a comunidade externa. Para além do curso de Relações Internacionais, o MINIONU possui alunos e profissionais da Comunicação e do Serviço Social, que atuam em diferentes frentes do projeto. É importante ter em mente que assim como o MINIONU funciona como um laboratório de experiências que os alunos de Relações Internacionais possam vivenciar em suas carreiras depois de formados, ele também funciona do mesmo modo para os cursos que se agregam.

No caso da Comunicação, os alunos, que estão divididos entre Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, integram o projeto como jornalistas, redatores, fotógrafos e demais profissionais de mídia. Tanto antes como durante o evento, eles são os responsáveis, junto à Comissão Organizadora, pela criação e divulgação de materiais institucionais de divulgação, assim com responsáveis pelo jornal que é produzido durante o evento, o qual sintetiza as atividades de cada dia e permite que estes alunos desenvolvam capacidades relacionada com sua área de estudos e com suas futuras profissões.

É válido também destacar que com a ampliação dos fluxos de informação e dos acessos nas redes sociais, o MINIONU também intensificou sua interação nas redes. Atualmente, quando uma nova gestão assume, ela já inicia o trabalho preparando uma programação das datas em que os processos de inscrição e alocação

de alunos em comitês irão ocorrer, conseqüentemente também preparando a programação de divulgação destas etapas nas redes sociais. Por exemplo, em meados de março é divulgada a lista oficial dos comitês da edição, seguida pelos processos de isenção e inscrição em abril e maio, respectivamente. Em seguida, ao longo dos meses que antecedem o evento, são postados nos blogs de cada comitê os conteúdos acadêmicos para que os alunos se preparem, como os Guias de Estudos, os Guias de Regras, os Dossiês (cartilha individual que cada aluno tem acesso com informações específicas de sua delegação no comitê em que foi alocado). Além disso, nos blogs também são divulgados centenas de postagens, todas elaboradas por graduandos, com revisões e acompanhamentos da Comissão Organizadora, que versam sobre os temas dos comitês, tudo no intuito de auxiliar ao máximo os estudantes.

Como mencionado, além da Comunicação também existe a colaboração do Serviço Social, curso que teve sua primeira participação no ano de 2018. O Serviço Social seleciona uma equipe de graduandos de aproximadamente dez pessoas que ficam responsáveis, sobretudo, por parte da comunicação com os professores das escolas, bem como pela Programação dos Professores. Em 2018, foi realizada uma pesquisa qualitativa acerca das preferências dos professores no que diz respeito aos processos de inscrição, bem como o acompanhamento que é feito junto aos alunos e se os temas discutidos na edição são pertinentes. A Comissão Organizadora do MINIONU considera que a relação com os professores é um dos pilares fundamentais para o sucesso do projeto.

A Programação dos Professores é outro diferencial do MINIONU, e foi oficializada parte efetiva da programação do projeto nos últimos anos. É comum em simulações do ensino médio que os professores responsáveis levem seus alunos para as simulações e que não tenham atividades para desenvolver além de acompanhar os alunos. Pensando nisso, o MINIONU criou esta programação, que consiste em uma Simulação para Professores, Reuniões, Mesas

Redondas e Seminários. Em 2018 foi realizado o 2º Seminário Minas África, conjunto de palestras e mesas redondas que discutia as interações internacionais entre a região de Minas Gerais e os países de língua portuguesa africanos. O seminário teve expressiva adesão dos professores presentes no evento e contou ainda com a presença de um Cônsul Nigeriano de Belo Horizonte.

Destaca-se também que o MINIONU promove todos os anos a Reunião com Professores, onde é abre-se um espaço de diálogos e questionamentos entre os professores acompanhantes e os membros da Comissão Organizadora. Este espaço é fundamental para que possam ser tiradas dúvidas, tanto burocráticas e administrativas, quanto de conteúdo acadêmico. O MINIONU deseja melhorar a cada ano, portanto ouvir críticas e sugestões é fundamental para que mantenha seus valores e continue atual.

Nos últimos anos, em função das demandas dos alunos e de seu projeto pedagógico, o MINIONU vem reconhecendo cada vez mais as potencialidades de sua dimensão social. Como apontado anteriormente por Gabriel Pimenta, a Comissão Organizadora está ciente das diferentes realidades sociais dos alunos que vêm ao MINIONU, além do fato de que isto também é perceptível entre os membros da equipe, alunos de graduação. Todos os anos, o MINIONU destina 10% de suas vagas à isenções para escolas e alunos que comprovem a necessidade social. O que se percebe é que com o passar dos anos, os assuntos discutidos nos comitês do evento vem mudando, variando de temas como segurança e terrorismo, mais fortes nos anos 2000, para discussões como o Comitê de Direitos Humanos em 2017 que discutiu “Liberdade Religiosa e seus limites”, um tema mais presente e urgente na atualidade. Desse modo, assim como em seus temas, o MINIONU reconhece que para promover mudanças é necessário que mais alunos, que talvez não pudessem vir ao evento por falta de condições, possam vir e se colocar em discussões que podem estar diretamente relacionadas às suas próprias realidades.

Há ainda uma outra dimensão a ser tratada que faz parte da expansão que o projeto vem promovendo nos últimos anos: sua internacionalização. Além dos comitês no idioma português, o MINIONU promove também comitês na língua inglesa e espanhola, e em alguns anos já realizou também comitês em francês. Ainda que não seja necessária fluência por parte dos alunos que estejam presentes nesses comitês, a ideia é que tenham uma boa noção do idioma, uma vez que todos os materiais didáticos e as discussões são em língua estrangeira. Foi a partir da consolidação dos comitês em inglês e espanhol que surgiu o projeto de internacionalizar o MINIONU, que tem como principal diretriz a apresentação do modelo para escolas de países latino americanos e norteamericanos. A ideia é que alunos desses países formem delegações e venham ao MINIONU, promovendo assim um importante intercâmbio cultural para suas formações. Como o projeto só começou a ser implantado há cerca de dois anos, ainda não possui resultados expressivos, mas são produzidas cartilhas em inglês e espanhol, materiais de divulgação como vídeos e campanhas, com o intuito de atingir esse público e viabilizar esta nova experiência.

Um importante encontro que acontece em junho, cerca de quatro meses antes do MINIONU, é o MINIONU Preview, evento onde escolas, professores e chefes de delegação são convidados para virem à PUC-Minas a fim de serem apresentados às novidades e aos detalhes do ano que segue. Este evento ocorreu pela primeira com o nome de Café com MINIONU, passando por alterações até chegar em um formato em 2017 que é considerado pela Comissão Organizadora como o mais adequado. Durante uma manhã, os comitês são apresentados por suas equipes e alunos e professores tem a oportunidade de tirar dúvidas e conhecê-los melhor, pois nesse momento cada escola e aluno já sabem em qual comitê foram alocados.

Por fim, a Comissão Organizadora destaca um outro elemento chave nessa consolidação do MINIONU no cenário nacional, que é seu “poder multiplicador”. Como somente alunos do ensino médio



podem vir ao MINIONU, cada aluno consegue vir até três vezes ao evento e isso gera uma rotatividade, fazendo com que a cada ano alguns revivam a experiência e outros a tenham pela primeira vez. Passado o evento, é comum que alunos que tiveram a primeira experiência voltem para suas escolas sensibilizados e promovam simulações internas. Em larga medida isso ocorreu com muitas escolas em Belo Horizonte e no Brasil, que conheceram o MINIONU e hoje promovem outros “MINIONUs” em seus ambientes. É por isso que o MINIONU apresenta esse “poder multiplicador”, pois ele não acaba ao fim do quarto dia de simulação, mas sempre se renova, seja na PUC-Minas, ou em escolas públicas e privadas de todo o Brasil.

## **O futuro do MINIONU**

Em 2019 o MINIONU está celebrando seus vinte anos. Atualmente faz parte da agenda cultural da cidade de Belo Horizonte. Ainda que seja um desafio pensar no futuro e quiçá nos próximos vinte anos de um projeto como o MINIONU, a proposta desta seção é refletir nas potencialidades que ele apresenta a partir daquilo que já tem consolidado. Como citado, um dos principais aspectos de sua constituição atual é sua sensibilidade social. Ao longo do ano, a Comissão Organizadora do MINIONU promove treinamentos com a equipe para que esta esteja apta a presidir as simulações nos dias do evento. A dinâmica de cada treinamento muda a medida que as Comissões Organizadoras mudam, bem como a medida que a sociedade muda. Nos treinamentos é usual que as simulações sejam com temas lúdicos, uma vez que a atenção da equipe está nas regras e nos procedimentos que devem ser seguidos pelos Diretores e Assistentes na mesa. O que se percebe é que os temas incluem sobretudo questões atuais, como igualdade racial e de gênero, proteção aos direitos humanos e ao meio ambiente, temas estes que só obtiveram mais relevância nos anos recentes.

Isto é apenas um dos elementos que indica que o MINIONU está atento para a realidade ao seu redor e busca sempre se manter

atual. Quando perguntado sobre como imagina o MINIONU ao longo dos próximos vinte anos, Gabriel Pimenta afirma que “a cultura muda muito. Ser um adolescente e se dispor a vir é surpreendente. Daqui a vinte anos, sendo sincero, eu sou receoso por causa das mudanças tecnológicas” (PIMENTA, 2019). Gabriel se questiona se as pessoas irão sair de casa no futuro e se quem tem recursos será capaz de compartilhar com quem não tem. O MINIONU é um espaço de compartilhamento que, ainda que não reproduza meios tradicionais de educar, está inserido em uma universidade. Gabriel conclui que nada disso quer dizer que o MINIONU não será útil nos próximos vinte anos, “ele poderá ser ainda mais útil” (PIMENTA, 2019).

Muitas atitudes têm sido tomadas pelo MINIONU com este intuito de olhar para o futuro. Uma delas é a promoção de parcerias com outras instituições de ensino para levar a cultura de simulações e trocar experiências. O principal caso desta empreitada ocorreu em 2018, quando o MINIONU e alguns Institutos Federais do norte de Minas Gerais iniciaram uma parceria que ficou conhecida como “IF Mundo”, na qual membros da equipe MINIONU estiveram em contato com responsáveis desses institutos para promover neles simulações. Ainda que a parceria ainda esteja em um estágio pouco avançado, é uma das potencialidades que o MINIONU enxerga.

Uma outra atitude é a de se pensar enquanto uma simulação que está inserida dentro do ambiente nacional. Nos próximos anos, o MINIONU deseja intensificar seu contato com as outras simulações do Brasil, que estão agrupadas em um encontro chamado ENOMUN, Encontro Nacional dos Organizadores de Modelos das Nações Unidas. Com esta iniciativa, acredita-se que o projeto tem muito a contribuir com outros projetos iniciantes, bem como trocar *expertise* com outros modelos brasileiros.

Com o sucesso do evento em Belo Horizonte, o MINIONU teve início também em Poços de Caldas em 2016, cidade onde há o curso de Relações Internacionais da PUC-Minas. Em 2019 o evento já está em sua 4ª edição e a cada ano se torna mais popular, recebendo

alunos sobretudo do sul de Minas Gerais e de São Paulo. Com isso, o evento toma novas proporções, ocupa espaços antes não ocupados, leva uma experiência diferenciada para mais jovens e abre caminhos para novos desafios. Como pontua Gabriel Pimenta em entrevista “o conhecimento precisa mostrar o quanto é importante você estar próximo de pessoas que você não conhece e o MINIONU precisa manter esse fator transformativo, cumprindo o papel que cumpre hoje” (PIMENTA, 2019).

### **Considerações finais**

Ao longo de seus 20 anos de existência, o MINIONU destaca que se fundamenta em quatro pilares fundamentais: a constante revisão e consolidação de seu projeto pedagógico; a relação com os alunos do ensino médio; a parceria com os professores das escolas; e a capacitação de excelência da equipe de Diretores, Assistentes e voluntários.

Acerca de seu projeto pedagógico, o MINIONU acredita que há valores fundamentais que precisam ser preservados, como o da excelência acadêmica em seus materiais e o do tratamento horizontal e humanizado diante de qualquer pessoa que se relacione com o projeto. O projeto defende uma educação dinâmica e uma forma de aprender mais colaborativa, fundamental em tempos onde o individualismo é tão forte. Nessa linha, o segundo pilar é a relação com os alunos do ensino médio, pois o projeto é feito para dar a estes a oportunidade de um aprendizado mais plural, logo, todos os esforços são empreendidos para que encontrem no evento um espaço de fala e uma oportunidade de mudarem suas percepções sobre o mundo.

O terceiro pilar é a relação com os professores que acompanham os alunos. O MINIONU está ciente de seus esforços e busca aprimorar e facilitar o contato ao longo do ano com os mesmos, além de oferecer uma programação exclusiva para que também saiam mudados do evento. Finalmente, o quarto pilar é o

da relação com a equipe, que é treinada de modo amistoso e penetrado ao longo do ano, ressaltando os valores de igualdade e fraternidade, além da busca pela excelência acadêmica.

O que se percebe é que ao se tornar mais maduro o projeto vem apresentando um grau cada vez maior de independência. Além disso, como Gabriel Pimenta pontuou, o futuro é incerto e em um mundo onde os incentivos para se compartilhar conhecimento podem se tornar menores, o MINIONU pode ser ainda mais necessário. É por isso que é preciso atenção constante para que o projeto se mantenha um instrumento de educação plural e que a cada ano continue mudando mais vidas de milhares de jovens brasileiros.

## Referências

MINIONU. **O que é o MINIONU?** s/d. Disponível em: <<https://minionupucmg.wordpress.com/sobre/>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

MINIONU POÇOS DE CALDAS. **História**, s/da. Disponível em: <<https://minionu.pucpcaldas.br/historia/>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

MINIONU POÇOS DE CALDAS. **Missão e projeto pedagógico**, s/db. Disponível em: <<https://minionu.pucpcaldas.br/missao-e-projeto-pedagogico/>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

PIMENTA, Gabriel. **Entrevista sobre participação no MINIONU**. MINIONU: 14 fev. 2019. Entrevista concedida a Victor Nascimento, disponível no Apêndice deste capítulo.

WIKIPEDIA. Modelo Intercolegial das Nações Unidas. s/d. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Modelo\\_Intercolegial\\_da\\_Organiza%C3%A7%C3%A3o\\_das\\_Na%C3%A7%C3%B5es\\_Unidas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Modelo_Intercolegial_da_Organiza%C3%A7%C3%A3o_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas)>. Acesso em: 24 fev. 2019

## Apêndice - Entrevista com Gabriel Pimenta

**ENTREVISTADOR** - Fale quem você é e qual a sua relação com o MINIONU?

**GP** - Bom, sou Gabriel Pimenta, atualmente professor de relações internacionais. A minha relação com o MINIONU é uma relação de apreço. Só não digo amor porque a gente não ama instituições, mas é uma relação muito positiva. Eu acho que sem o MINIONU a minha vida toda, chegar onde eu cheguei, como professor de relações internacionais teria sido muito diferente. E é uma relação antiga já. Participei do MINIONU pela 1ª vez em 2004 como delegado, estava no segundo ano do ensino médio, participei depois mais uma vez como delegado, passei por voluntário, assistente, diretor, secretário geral, o que aconteceu em 2009, me formei em 2010 mas continuei contribuindo com diversos graus proximidade com evento até hoje 2019. Essa é minha relação institucional e afetiva com o MINIONU bastante resumidamente.

**ENTREVISTADOR** - Quando você foi delegado, o que você destaca na experiência?

**GP** - É importante contextualizar. Eu sou de belo horizonte, nascido e criado, na mas acho que a minha infância e adolescência foi meio provinciana em alguma medida. Morava em um bairro distante do centro, era uma convivência muito fechada na família e amigos do colégio. E isso até inclusive durante o ensino médio, um circuito muito restrito de relações né, e aí veio a oportunidade de participar do MINIONU, e aí a lembro inclusive do dia, estava no colégio e chegou um colega meu, Guilherme Belushi: "fala gabriel se gosta de geografia, política, descobri um negócio que você vai gostar. Ele não falou o que era, só falou vem comigo. Aí nós fomos para sala da diretora e ele explicou o que era o evento que ele tinha descoberto, um amigo tinha participado. Ele queria montar um grupo para participar também, a diretora não entendeu muito bem mas era uma pessoa muito favorável a participar de eventos e topou. Eu vim para o MINIONU sem saber como funcionaria, como acho que muitos ainda fazem. Muito tempo depois os modelos se tornaram mais populares. Eu vim não tão bem preparado, mas gostei muito por dois motivos: primeiro porque de imediato foi uma ruptura dessa minha lógica um tanto provinciana e fechada. Cheguei e conheci pessoas da mesma idade, do brasil todo, na época lembro que tinha colégio do amazonas, do Rio Grande do Sul etc. Eu participei de um comitê grande, foi OMC, como delegado da eslovênia. Era uma estrutura legal. Cheguei num lugar onde eu não conhecia ninguém, aquilo foi uma abertura de olhos. Opa, tem vida para além do meu circuito. Foi muito bom nesse sentido, lembro da diversidade me chamar atenção, é algo que eu gosto até hoje. O segundo ponto é que a perspectiva de que eu poderia me aprofundar em termos de estudo e trabalho em algo que eu gostava mas eu não tinha ideia de como chegar lá. Estava naquela coisa do ensino médio. Dividido entre jornalismo, direito, história talvez mas sem muitas

perspectivas de como usar essa ideia para ter um contato com a política internacional e com negociações. O minionu me mostrou que tem gente estudando isso, com interesses e possibilidades. Como delegado isso foi bem impressionante. E ainda nessa primeira participação eu notei uma coisa: eu era uma pessoa muito fechada, interagia com meus amigos mas se fosse para falar com 5 pessoas ao mesmo tempo eu não conseguiria. Eu só consegui discursar umas tres ou 4 vezes, falar com muitas pessoas era algo absurdo. Foi uma oportunidade de ver uma limitação que eu tinha. No ano seguinte eu voltei como delegado de portugal, no UNODC. Em 2005. Eu usei esse ano para melhorar, ja vim sabendo o que era o evento, nos preparamos melhor, e eu falei. Ali que eu vi que seguir o caminho das RI era o que eu queria.

**ENTREVISTADOR** - Você acha que se não fosse pelo MINIONU, e pela sua experiência como delegado, a sua vida poderia ter sido diferente?

**GP** - Totalmente diferente. Já me peguei pensando nisso, se eu não tivesse encontrado esse meu colega Guilherme no recreio, se a diretora não tivesse apoiado a ideia eu não sei aonde estaria hoje. Sou muito satisfeito de poder trabalhar com uma coisa que eu gosto. O MINIONU me abriu essa porta. Insisto no valor que o MINIONU tem como porta de entrada para a universidade. Vim para cá porque gostei desse lugar, tive contato com pessoas um pouco mais velhas mas que para mim ja estavam na frente, escrevendo artigos, pesquisando no exterior.

**ENTREVISTADOR** - E alguns anos depois você se tornou o SG na edição dos 10 anos. O que você destaca?

**GP** - Destaco muita coisa, primeiro que foi uma satisfação pessoal muito grande. Há uma ponte entre ter sido delegado e SG. Na minha primeira vez tinha um camarada não muito mais velho do que eu. Pensei que chegar ali deve ser bacana. Essa foi a opção que fiz ao longo do meu curso. Participei de pesquisas ao longo do curso. Fui trabalhando para aquilo. A experiência foi excelente, porque em larga medida, a época talvez um pouco mais, porque a estrutura de professores era maior e de alunos na organização um pouco menor. Eu ficava por contato com a equipe, os alunos. No meu ano foram 928 delegados e 107 alunos na equipe. Tive contato com muita gente, como aquele aluno que entrou em RI muito perdido e você puxa ele e mostra que há muita gente interessante para conhecer. Ser SG é muito bom para as relações e isso deu frutos para a frente. Me permitiu ter um contato com a diversidade de colégios que não sabem se vem. Fui a colégios da região metropolitana de BH, colégios com mensalidades altas, e colégios em situação precária. Contato com delegação de SP, RJ e ES. Aprendi muito sobre o que é organizar um grande evento, a complexidade. Foi por terem sido os 10 anos, a primeira década do MINIONU, tivemos uma equipe muito boa. Abertura no minascentro, foi um MINIONU de 5 dias, um dia a mais com palestras e tivemos

a presença do Ministro das RI, Celso Amorim. Foi uma experiência riquíssima. O MINIONU me credenciou para questões profissionais.

**ENTREVISTADOR** - Nos últimos anos você tem atuado como colaborador, fale como é essa experiência?

**GP** - A gente nunca quer sair do MINIONU. No 11º MINIONU eu já estava ajudando a finalizar os Guias e ajudar o crise. A medida que o tempo foi passando a proximidade variou. No último ano variou, quando fui contratado pela PUC. Ao longo desses anos sempre transmiti aquilo que eu sabia, ajudando com questões de datas, fiquei como um conselheiro, é um termo melhor. Sempre pressionei é que o MINIONU tem que se abrir mais, ir a outros modelos. Chamo atenção do acadêmico para ficar mais próximo.

**ENTREVISTADOR** - como que você imagina o MINIONU daqui a 20 anos? Internamente e no cenário nacional?

**GP** - Essa é uma pergunta de prova. O MINIONU está do jeito que eu imaginei há 10 anos. Eu acho que ele ter se mantido já é uma perspectiva boa. A universidade no brasil mudou muito. A cultura mudou muito. O fato de ser um evento que congrega muitas pessoas diferentes e apresenta um contato com o internacional. Isso tudo são sinal de que as gerações continuam um trabalho de manter o interesse das pessoas aceso. O que é ser um adolescente e se dispor a vir é surpreendente. Daqui a 20 anos, sendo sincero, eu sou receoso, por causa das mudanças tecnológias. As pessoas vão sair de casa para fazer alguma coisa? Quem tem recursos vai ser capaz de compartilhar o espaço com quem tem? As mudanças podem dificultar esse compartilhamento de espaço comum, a noção de valorizar o conhecimento em um ambiente tradicional como a universidade. O que não quer dizer que ele não seja útil, ele poderá ser ainda mais útil daqui a 20 anos. Ele vai mostrar a importância de conhecer e estar próximo do diferente. O conhecimento precisa mostrar o quanto é importante estar próximo de pessoas que você não conhece. Ele precisa manter esse fator transformativo, aí ele vai ter cumprido o papel que já cumpre hoje. Num cenário otimista, o evento continua sendo um celeiro de jovens talentos. O MINIONU poderá estar maior em todos os sentidos, com pessoas de lugares mais diferentes, a ideia de internacionalizar é muito boa.





## Capítulo 14

### **IFMundo: Experiências da Pedagogia da Simulação no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais**

*Leonardo Machado Palhares  
Ricardo Magalhães Dias Cardozo*

O educando precisa assumir-se como tal, mas assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer o que quer conhecer em relação com o outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica re-conhecer. (Freire, 2003, p. 47)

O processo educativo é um caminho com via de mão dupla no qual educando e educador encontram-se e aprendem a aprender no diálogo. O Projeto de Ensino IFMundo só é possível no processo relacional, com trocas entre estudantes e docentes que têm em comum o objetivo de promover reflexões significativas sobre e para o Mundo em que vivemos.

Cena comum no IFNMG durante meses antes do IFMundo: estudantes, nos horários das aulas (ou nos intervalos), nos diversos espaços escolares, à busca do diálogo com professores de áreas distintas, questionando e, ao fazer isso, se questionando, sobre problemas mundiais. No processo de pensar seu lugar como sujeito, como cidadão de um mundo cada dia mais integrado no qual o *outro* importa; cada estudante tem o desafio, o exercício de pensar-se como um *outro*. Uma jornada marcada pela relação, pelo questionamento, pelo autoconhecimento e a busca do conhecimento

do e sobre os outros se não tivesse o Projeto, a culminância dos estudos no IFMundo, só pelo trajeto percorrido já valeria a pena.

A felicidade do IFMundo está nos desafios da construção do evento e não no evento em si (que tem, óbvio, seu grande valor). Afirmamos isso, pois, pensamos na parábola do peregrino:

Um jovem pergunta ao peregrino:

- Conseguiu chegar onde queria?

O peregrino responde:

- Depende...

O Jovem, inquieto, indaga:

- Mas, como depende?!?! Viajastes quilômetros, passaste frio e calor; dormiu ao relento; tens bolhas nos pés e não sabe se chegou onde queria?!?

O Peregrino então fala:

- Depende, pois, se me perguntas se cheguei ao Santuário desejado a resposta é sim. Mas, se a pergunta é “chegou onde queria?” a resposta é não. Pois, o que importa não são os pontos de parada. Mas, os trajetos e suas memórias partilhadas. Nesse sentido, os trajetos continuam com a construção de novas marcas da memória...

O trajeto do IFMundo teve seu início em Almenara em 2017. Neste mesmo ano, vimos a dimensão do Projeto na sua ação integradora. Percebemos, também, o potencial do projeto de produzir novas experiências educativas, favorecendo ao educando refletir, com seus professores, sobre as etapas de sua organização e as escolhas, na perspectiva de Projeto de Trabalho, das temáticas a serem exploradas. Portanto, naquele ano decidimos apostar, juntos - Pró-Reitoria de Ensino e Diretores de Ensino, em reunião do Comitê de Ensino do IFNMG - na proposição de um Projeto unificado de reflexão sobre cidadania mundial; projeto integrado, com temáticas múltiplas, balizadas por questões discutidas nos

fóruns internacionais, em especial, debates cancelados pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Como ponto de chegada, o projeto foi bem sucedido, pois, conseguiu articular os diversos *Campi* do IFNMG e favoreceu experiência grandiosa de trocas e reflexões sobre cidadania entre estudantes dos diversos espaços do Norte de Minas; portanto, chegamos ao final do projeto e o livro IFMundo 2018 é a consolidação de um dos trajetos que marcou vividamente a história escolar dos estudantes e docentes que participaram do Projeto de Ensino IFMundo. Contudo, como ponto de chegada, afirmamos que não terminamos a jornada. O percurso é longo e infundável, ramificando-se em possibilidades temporais e espaciais múltiplas, fazendo dos processos educativos no IFNMG a cara de cada sujeito que escolhe partilhar sua jornada conosco. Sabemos que partimos do que somos e projetamos o que queremos ser, portanto, não podemos limitar nossas ações. Não queremos nada mais do que tudo o que é de direito para a melhor e mais completa formação humana desejada; portanto, sempre estaremos nos trajetos e na construção de projetos de re-conhecimento dos nossos lugares no e para o Mundo.

## Referências

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. 4 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.



## Sobre os organizadores

**Alfredo Costa.** Bacharel e Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais, e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais. Atua principalmente na interface entre a geografia histórica, econômica e da população, com ênfase em análises ambientais integradas. Na área de educação, desenvolve projetos relacionados à pedagogia da simulação, com ênfase na proposição de instrumentos de formação político-pedagógicos capazes de estimular a visão cidadã local e global sobre os valores relacionados aos direitos humanos, à educação, à ciência e à cultura.

**Alex Lara Martins.** Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Fez a graduação em Filosofia na UFMG, com formação complementar aberta e ênfase em letras, e mestrado em Filosofia pela mesma Universidade. Possui, ainda especialização em Gestão Pública. É professor do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais desde 2013. Como pesquisador, atua principalmente nos seguintes temas: Filosofia no Ensino Médio, Pedagogia da Simulação, Literatura e Filosofia, Ceticismo, Machado de Assis, Filosofia no Brasil. Coordena, desde 2016, o modelo de simulação IFMUNDO no IFNMG.

**Leonardo Machado Palhares.** Possui graduação em História, pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2012) e, atualmente, desenvolve estudos de Doutorado em História Contemporânea na Universidade de Évora. Professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de história, livro didático, história e imagem, ensino-aprendizagem de história e ensino fundamental – séries iniciais. Foi Presidente do Conselho Municipal de Educação de Almenara (2017-2019) e representante regional do Ensino Superior no Fórum Regional de Estado da Educação (2017).